



FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE DE  
**COIMBRA**

Xavier Cameijo Martins

**ENSINO DA GEOGRAFIA:  
QUANDO UMA IMAGEM VALE MAIS DO QUE MIL  
PALAVRAS**

Relatório de Estágio do Mestrado em Ensino de Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, orientado pela Professora Doutora Maria de Fátima Grilo Velez de Castro, apresentado ao Conselho de Formação de Professores da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Junho de 2022

# FACULDADE DE LETRAS

## ENSINO DA GEOGRAFIA: QUANDO UMA IMAGEM VALE MAIS DO QUE MIL PALAVRAS

### Ficha Técnica

<b>Tipo de trabalho</b>	<b>Relatório de Estágio</b>
<b>Título</b>	<b>Ensino da Geografia: Quando uma imagem vale mais do que mil palavras</b>
<b>Autor/a</b>	<b>Xavier Cameijo Martins</b>
<b>Orientador/a(s)</b>	<b>Maria de Fátima Grilo Velez de Castro</b>
<b>Júri</b>	<b>Presidente: Doutora Ana Isabel Sacramento Sampaio Ribeiro</b>
	<b>Vogais:</b>
	<b>1. Doutora Elsa Maria Teixeira Pacheco</b>
	<b>2. Doutora Sara Marisa da Graça Dias do Carmo Trindade</b>
	<b>3. Doutora Maria de Fátima Grilo Velez de Castro</b>
<b>Identificação do Curso</b>	<b>2º Ciclo em Ensino de Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário</b>
<b>Área científica</b>	<b>Formação de Professores</b>
<b>Data da defesa</b>	<b>14-07-2022</b>
<b>Classificação do Relatório</b>	<b>18 valores</b>
<b>Classificação do Estágio e Relatório</b>	<b>19 valores</b>



## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos(às) alunos(as), pelo importante papel que tiveram para o meu crescimento pessoal e na construção enquanto futuro Professor. Foi com eles(as) e será com/para eles(as), que continuarei a aprender e a trabalhar.

Sou grato às Professoras que orientaram e apoiaram este meu ano de estágio, especialmente à Professora Margarida Oliveira e à Professora Fátima Velez de Castro. Foi um gosto trabalhar sob a sua orientação.

Aos(às) Professores(as) do Agrupamento de Escolas de Mira, em particular do Grupo de Geografia, à Dolores Lopes, à Graça Pereira e ao Francisco Leal.

À minha colega de estágio Andreia Martins e a todos os colegas do Mestrado em Ensino de Geografia.

A todos(as) os(as) Professores(as) do Mestrado em Ensino de Geografia, da FLUC.

À minha família, pela compreensão dos meus momentos de ausência e pelo apoio incondicional, ao longo de todo meu percurso académico.

Aos(às) meus(minhas) amigos(as), pelos desabafos, pelas palavras de força e pela partilha de experiências.

Foram todos incansáveis e a sua energia foi fundamental.

Espero um dia poder retribuir.

Enquanto isso, um enorme bem-haja!

*Xavier Cameijo*

## RESUMO

### *Ensino da Geografia: quando uma imagem vale mais do que mil palavras*

O exercício da prática letiva está dependente de dois aspetos: o ensino e a aprendizagem. Embora o papel do ensino seja atribuído ao(à) professor(a) e o da aprendizagem ao(à) aluno(a), eles são interdependentes. O sucesso na aprendizagem por parte do(a) aluno(a), também está relacionado com a forma como o(a) professor(a) transmite a mensagem aos(às) seus(suas) alunos(as). Neste campo, existem múltiplos recursos e estratégias didáticas, a que o docente tem que recorrer, de modo a cativar a atenção dos estudantes, mas acima de tudo, conseguir que alcancem as aprendizagens essenciais.

Sendo o objetivo da Geografia estudar o(s) território(s) e a sua função localizar, descrever e explicar fenómenos físicos e/ou humanos, a observação é o ponto de partida e uma das etapas da metodologia desta ciência.

Mas nem todos os modelos pedagógico-didáticos, nem os níveis de ensino-aprendizagem, permitem uma observação direta dos lugares e dos diversos fenómenos. A observação indireta, por meio de imagens, sejam elas fixas ou em movimento, apresenta-se como uma estratégia bastante útil na sala de aula de Geografia.

Este trabalho surge com base nessa dialética e que tem como objetivo refletir sobre a utilização da fotografia, enquanto estratégia didática, aplicada em contexto de prática pedagógica supervisionada, no âmbito do Mestrado em Ensino da Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, que decorreu na Escola Secundária com 3º Ciclo Drª. Maria Cândida, no Agrupamento de Escolas de Mira, no ano letivo 2021/2022.

**Palavras-chave:** ensino de Geografia; observação indireta; imagem fixa; fotografia; estágio/relatório.

## **ABSTRACT**

### *Teaching Geography: when a picture is worth more than a thousand words*

The exercise of teaching practice depends on two aspects: teaching and learning. Although they are interdependent, the role of teaching is assigned to the teacher, while that of learning is attributed to the student. Success in student learning is related to the way teacher conveys the message to his students. To do so, there are multiple resources and didactic strategies, which the teacher must resort to, in order to captivate students' attention, but mostly to ensure that they achieve essential learning.

As the objective of geography is to study the earth's surface and its function is to locate, describe and explain physical and/or human phenomena, observation is the starting point and one of the steps in the methodology of this science. However, not all the pedagogical-didactic models, nor the levels of teaching-learning, allow a direct observation of places and different phenomena. In fact, the indirect observation through images, whether still (e.g., photography, drawing, painting) or moving (e.g., video), constitutes a very useful strategy in the geography classroom.

This work emerged based on this dialectic and aims to reflect on the use of photography, as a didactic strategy applied in the context of supervised pedagogical practice. It is inserted within the scope of the master's degree in geography teaching for the 3rd cycle of basic education and secondary education, which took place at *Escola Secundária c/3º Ciclo Dr.ª Maria Cândida*, in the *Agrupamento de Escolas de Mira*, in the academic year 2021/2022.

**Keywords:** teaching Geography; indirect observation; still image; photography; internship/report.

## ÍNDICE

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>1</b>
1.1. Enquadramento do tema	1
1.2. Objetivos e estrutura do relatório	1
<b>2. REFLEXÃO SOBRE O ESTÁGIO PEDAGÓGICO</b>	<b>3</b>
2.1. Caracterização da Escola	4
2.2. Caracterização geográfica de Mira	5
2.3. Núcleo de estágio	7
2.4. Turma(s)	7
2.5. Atividades desenvolvidas	10
2.5.1. Atividades letivas	11
2.5.2. Atividades não letivas	15
2.5.3. Domínios de Autonomia Curricular	23
2.6. Reflexão sobre a prática pedagógica supervisionada	24
<b>3. A IMAGEM FIXA COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICO-DIDÁTICA</b>	<b>33</b>
3.1. Observação na Geografia	33
3.2. Imagem multidimensional e multissensorial dos territórios	36
3.3. Marcas dos modelos de desenvolvimento territorial na paisagem	39
3.4. Ritmos e ciclos de transformação das paisagens	41
3.5. Imagem dos territórios: diversidade, intensidade e estereótipo	46
3.6. A importância da imagem	48
3.6.1. Imagem fixa na Geografia	49
3.6.2. Fotografia no ensino de Geografia	51
<b>4. ESTRATÉGIA(S) PEDAGÓGICO-DIDÁTICA(S)</b>	<b>54</b>
4.1. Proposta(s) de aplicação em sala de aula, metodologia e resultados	54

4.1.1 Exercício sobre percepção da paisagem a partir da imagem_____	54
4.1.2. Mira: o percurso entre a sombra e a luz. Análise diacrónica da imagem__	63
<b>5. CONCLUSÃO_____</b>	<b>78</b>
<b>6. BIBLIOGRAFIA_____</b>	<b>81</b>
<b>ÍNDICE DE FIGURAS _____</b>	<b>86</b>
<b>ÍNDICE DE QUADROS _____</b>	<b>88</b>
<b>ANEXOS _____</b>	<b>89</b>

## 1. INTRODUÇÃO

### 1.1. Enquadramento do tema

O presente relatório resulta da prática pedagógica supervisionada, que decorreu no Agrupamento de Escolas de Mira, no ano letivo 2021/2022, realizado no âmbito da unidade curricular Estágio e Relatório, da formação de 2º ciclo em Ensino da Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário.

Intitulado *Ensino da geografia: quando uma imagem vale mais do que mil palavras*, tem como foco principal o recurso à imagem fixa no ensino da Geografia. A escolha deste tema parte de dois aspetos: de uma motivação pessoal e da necessidade em explorar este tema no âmbito do ensino.

No que se refere à motivação pessoal, destaca-se o gosto pela imagem, particularmente pela fotografia, mas também o facto de que através deste trabalho, pode ser dada continuidade a alguns estudos e trabalhos já desenvolvidos nesta temática<sup>1</sup>. Sobre a exploração deste tema no âmbito do ensino, uma necessidade de abordagem de modo geral e na Geografia de modo mais particular, refletindo sobre todos os aspetos positivos e tomar consciência de todos os desafios resultantes da implementação deste recurso em sala de aula. Embora não sendo um tema 'novo', é sempre de grande relevância em Geografia, por estar intimamente ligado com a observação, método basilar da disciplina.

Diz a sabedoria popular que uma imagem vale mais do que mil palavras. Assim, a escolha do tema para a realização deste trabalho de investigação, pretende responder se no ensino da Geografia, uma imagem também vale mais do que mil palavras, na construção do conhecimento científico geográfico, tendo como referência teórica, o ensino da Geografia nos seus vários níveis e como referência prática, o nível de ensino no qual a prática pedagógica supervisionada decorreu.

### 1.2. Objetivos e estrutura do relatório

Este relatório tem dois objetivos principais: o primeiro é descrever as atividades desenvolvidas ao longo do ano letivo 2021/2022, durante a prática do estágio pedagógico, realizado no Agrupamento

---

<sup>1</sup> Cameijo, Xavier (2015). *O património cultural no marketing dos lugares e no desenvolvimento dos territórios rurais: o concelho do Sabugal*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Coimbra. 178pp.

Cameijo, Xavier (2016). *Contributo do geomarketing no marketing territorial e na imagem os espaços de montanha*. in *Cadernos de Geografia* Nº35, Coimbra, FLUC. pp. 129-136.

Cameijo, Xavier (2016). *Os lugares e o tempo: registos de mudança na paisagem do Sabugal*. in *SABUCALE 8 – Revista do Museu do Sabugal*. pp. 55-68.

de Escolas Mira. O segundo objetivo é fundamentar cientificamente os conteúdos lecionados e as estratégias didáticas implementadas em contexto de sala de aula.

No que diz respeito à estrutura do relatório, este começa no ponto 1. com uma introdução, na qual é feito o enquadramento ao tema e ao contexto em que o mesmo decorre.

No ponto 2. é realizada uma reflexão sobre o estágio pedagógico, nomeadamente com a caracterização do Agrupamento de Escolas de Mira, particularmente sobre a Escola Secundária e de 3º Ciclo Drª. Maria Cândida, local onde decorreu a prática letiva, e uma apresentação sumária sobre o núcleo de estágio, com todos os membros que o compõem. Neste ponto é ainda realizado o enquadramento geográfico (territorial e demográfico) onde esta escola se insere. É feita também a caracterização das turmas com as quais foi desenvolvida a prática pedagógica e uma descrição das principais atividades desenvolvidas ao longo do estágio, quer atividades letivas, quer atividades não letivas, mas com importância na construção da personalidade e capacidade docente. Este tópico culmina com a uma reflexão síntese sobre a prática pedagógica supervisionada.

O ponto 3. deste relatório trata-se de uma discussão teórica sobre a imagem fixa enquanto estratégia pedagógico-didática. O principal objetivo neste ponto é refletir sobre a presença e importância da imagem fixa no ensino-aprendizagem de Geografia, especificamente, como é que a imagem fixa, nas suas mais variadas formas, se pode assumir um importante elemento para fundamentar informação geográfica, para analisar processos, comparar fenómenos, para localizar ou dar a conhecer territórios. Para tal serão evocados vários aspetos fundamentais a considerar, nomeadamente: a importância da observação na Geografia; a imagem multidimensional e multissensorial dos territórios; as marcas dos modelos de desenvolvimento territorial na paisagem; os ritmos e ciclos de transformação das paisagens; a imagem dos territórios: diversidade, intensidade e estereótipo; e a importância da imagem fotografia no ensino da Geografia.

Este ponto resulta de um trabalho reflexão e fundamentação teórica, sustentado na revisão bibliográfica e na recolha e tratamento de dados *in loco*, de modo a evidenciar contributos e resultados a ter em consideração na metodologia e na estratégia pedagógico-didática, a transpor para o ponto 4., aquando da implementação em contexto de sala de aula.

As propostas de aplicação em sala de aula, a metodologia e os resultados correspondem assim ao ponto 4. deste relatório. Neste domínio foram propostas e implementadas duas tarefas específicas em sala de aula, tendo por base a mesma metodologia: o recurso à observação da imagem fixa. Foi realizado um primeiro exercício sobre a perceção da paisagem a partir da observação da imagem e um segundo exercício de estudo de caso sobre *Mira: o percurso entre a sombra e a luz*, através da análise

diacrónica da fotografia. Os resultados obtidos em ambos os exercícios, serão apresentados e discutidos no decorrer da reflexão, neste ponto 4.

Embora nos diversos pontos anteriores sejam feitas várias reflexões aos resultados, o ponto 5. corresponde à conclusão deste relatório. Em anexo são apresentados um conjunto de recursos e materiais, desenvolvidos no âmbito da prática pedagógica, aos quais será feita menção ao longo do relatório.

## **2. REFLEXÃO SOBRE O ESTÁGIO PEDAGÓGICO**

O Mestrado em Ensino de Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário inserido na oferta formativa da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, prevê no seu plano de estudos, que os(as) alunos(as) do segundo ano realizem um estágio pedagógico<sup>2</sup>.

A realização desta componente curricular tem como principal objetivo desenvolver capacidades e práticas pedagógicas através de uma experiência real em ambiente escolar, em contexto de sala de aula, nas turmas e com os(as) alunos(as). Esta prática permite aprofundar diversos conteúdos programáticos da disciplina de Geografia através da lecionação de aulas, da realização de momentos de avaliação, entre outras tarefas passíveis de serem postas em prática.

A prática pedagógica é realizada com a supervisão de um(a) professor(a) cooperante de Geografia na escola e orientada por um(a) outro(a) professor(a) da faculdade, no âmbito da componente letiva do mestrado, que deverá também assistir a algumas aulas.

Além do corpo docente, a concretização do estágio supõe a participação de dois a três alunos(as) do mestrado em cada núcleo, de modo a dinamizar a prática, através da observação tanto do(a) professor(a) cooperante como do(a) colega de estágio, no exercício da prática pedagógica.

Durante a aplicação e exercício da prática pedagógica, pretende-se colocar em ação o conhecimento científico adquirido durante o percurso académico, nomeadamente no decurso da Licenciatura em Geografia e o conjunto de conhecimentos apreendidos nas unidades curriculares do primeiro ano do mestrado em questão. Além disso, pretende-se incluir também todas as diretrizes e indicações dos orientadores e as influências do núcleo de estágio, do restante corpo docente e da comunidade educativa de forma mais lata.

---

<sup>2</sup> A regulamentação do estágio pedagógico está prevista no *Regulamento da Formação Inicial de Professores*, disponível em [mfp0194-20181130045515 \(uc.pt\)](http://mfp0194-20181130045515.uc.pt)

Assim, este ano de prática pedagógica supervisionada marca a transição entre o contexto académico e o início da carreira docente.

Nesse contexto e na sequência deste relatório, será apresentada uma breve contextualização da Escola e da dimensão geográfica, o núcleo de estágio e as atividades letivas e não letivas desenvolvidas neste âmbito.

O estágio pedagógico decorreu no ano letivo 2021/2022, com início a 23 de setembro de 2021 e com o seu término a 15 de junho de 2022.

### **2.1. Caracterização da Escola**

A realização do estágio pedagógico decorreu na Escola Secundária e de 3º Ciclo Dr.ª Maria Cândida. Esta escola integra e é simultaneamente a sede do Agrupamento de Escolas de Mira. Este Agrupamento é constituído por 16 estabelecimentos de ensino público, de diversos níveis de ensino, desde o pré-escolar até ao ensino secundário: 6 jardins de infância (Carapelhos, Casal de S. Tomé, Lentisqueira, Mira, Portomar e Praia de Mira), 8 escolas básicas de 1º ciclo (Carapelhos, Casal de S. Tomé, Lagoa, Lentisqueira, Mira, Portomar, Praia de Mira e Seixo), 1 escola básica de 2º ciclo (Mira) e 1 escola secundária com 3º ciclo (Mira).

No que diz respeito à oferta formativa, a Escola Secundária e de 3º Ciclo Dr.ª Maria Cândida, apresenta os 7º, 8º e 9º anos do 3º ciclo do ensino regular. Para o ensino secundário regular, apresenta os cursos de Ciências e Tecnologias, Ciências Socioeconómicas e Línguas e Humanidades e ainda cursos de Formação Profissional de nível IV: Técnico de Apoio à Infância, Técnico de Desporto e Técnico de Informática de Gestão, com selo de conformidade EQAVET, alinhado com o Quadro Europeu de Garantia da Qualidade para o Ensino e Formação Profissionais.

No que concerne aos serviços, esta escola dispõe de serviços administrativos, bar, biblioteca, cantina, reprografia e papelaria. A prática letiva e extraletiva apoia-se num conjunto de equipamentos, tanto para o corpo docente e não docente, como computadores, projetores, acesso à internet, entre outros.

Em termos de infraestruturas, apresenta 5 blocos (A, B, C, D e E) nos quais decorrem as práticas letivas e extraletivas e todos os restantes serviços; de um campo de desporto e de espaços de lazer e convívio ao ar livre, com e sem áreas cobertas. Além disso, servem de apoio as atividades escolares outras estruturas extraescolares, como piscinas municipais, campo municipal e pavilhão municipal.

O Agrupamento de Escolas de Mira apresenta um conjunto vasto e diverso de projetos e parcerias tais como: Bibliotecas Escolares, Centro de Formação Desportiva, Clube de Ciência Viva, Clube de Tecnologia e Inovação – Informática e Robótica, Clube Europeu, Comissão de Proteção de Crianças e Jovens, Eco-Escolas, Plano Nacional das Artes, Projeto aLer+, SPO – Serviços de Psicologia e Orientação e Gabinete de Apoio para Alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE).

Os diversos gabinetes de apoio estão disponíveis tanto aos(as) alunos(as) quanto às famílias. Trabalham em parceria com os gabinetes sociais e de apoio da Câmara Municipal de Mira, o que mostra o envolvimento da Escola com toda a comunidade educativa.

## 2.2. Caracterização geográfica de Mira

Mira localiza-se na faixa litoral entre as áreas metropolitanas de Lisboa e Porto. É um concelho que integra a NUT II Região Centro e a NUT III Sub-região de Coimbra, segundo a divisão administrativa.

O concelho de Mira apresenta uma área total de 124,1 Km<sup>2</sup> e é limitado a Norte pelo concelho de Vagos, a Sul e a Este pelo concelho de Cantanhede e a Oeste pelo Oceano Atlântico. É constituído por 4 freguesias: Mira, Praia de Mira, Carapelhos e Seixo. Apesar de localizada no litoral a região onde a escola se insere, trata-se de uma área predominantemente rural (Fig. 1).

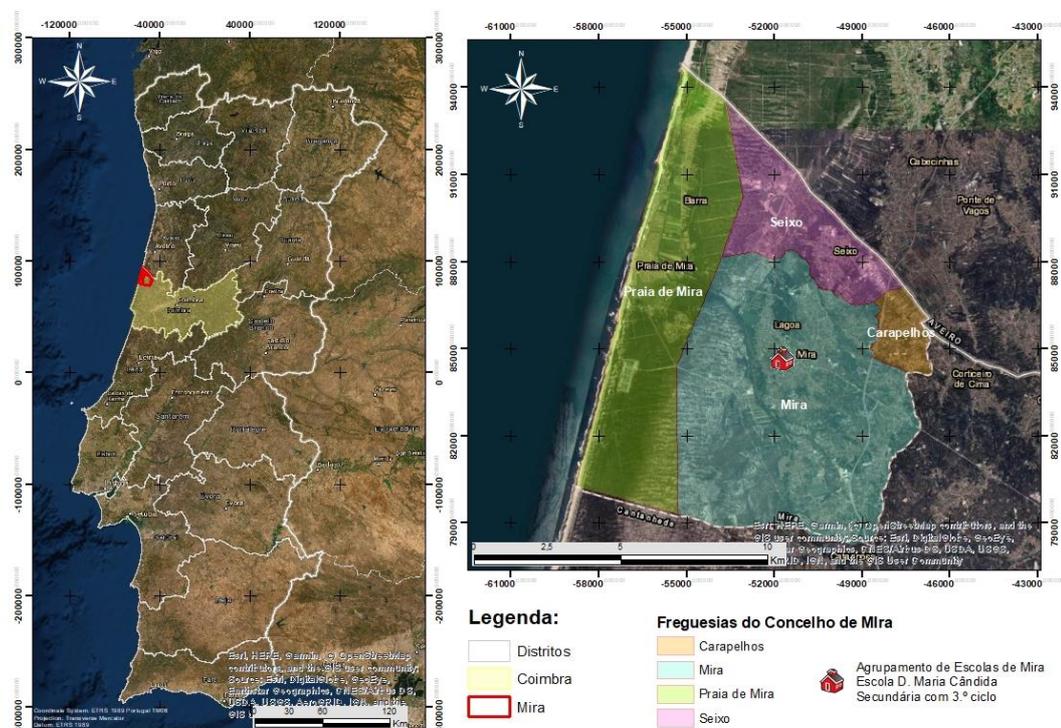
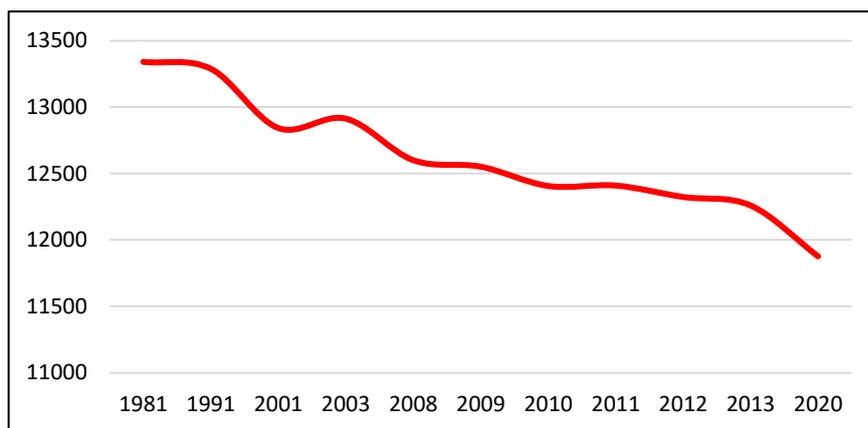


Figura 1 – Localização geográfica do concelho de Mira.

Elaboração própria, 2022.

O concelho de Mira constitui também um dos territórios da Associação dos Municípios da Ria de Aveiro, faz parte da região natural da Gândara, compreendida entre as bacias do rio Vouga e do rio Mondego.

No que diz respeito aos aspetos demográficos, o concelho de Mira tem apresentado uma tendência de redução ao nível do número de população residente, de forma genérica desde 1981 e particularmente mais acentuada a partir de 2003 (Fig. 2). Em 2001, o concelho apresentava uma densidade populacional de 103,5 hab./km<sup>2</sup> e os dados de 2020 indicam uma descida para 95,6 hab./km<sup>2</sup>.

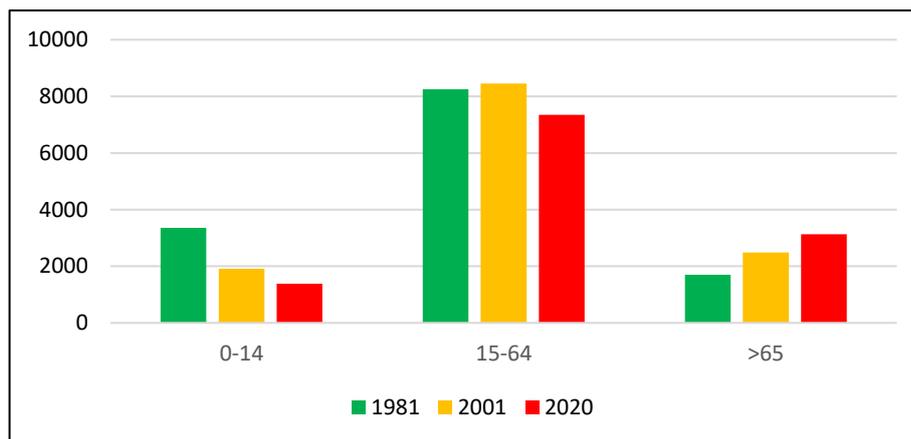


**Figura 2** –Evolução da população residente no concelho de Mira.

Elaboração própria a partir de dados do INE e PORDATA, 2022.

Embora sendo um território do litoral, à semelhança do que acontece com os territórios de matriz rural no interior de Portugal, tem sofrido uma tendência de perda e envelhecimento demográfico. Verifica-se assim que o concelho acompanha a tendência de abrandamento do crescimento populacional e de envelhecimento que caracteriza Portugal, pelo decréscimo da natalidade e pelo aumento da esperança média de vida.

Essa tendência decrescente verifica-se quando se analisam os dados referentes à população residente no concelho de Mira por grandes grupos etários (Fig. 3), registando-se uma redução da população jovem (0-14 anos), uma tendência decrescente de população adulta e em idade ativa (15-64 anos) e um aumento da população do grupo etário de mais idade (> 65 anos), o que se traduz num crescente envelhecimento da população.



**Figura 3** – População residente no concelho de Mira, por grandes grupos etários.

Elaboração própria a partir do INE, PORDATA, 2022.

### 2.3. Núcleo de estágio

No ano letivo 2021/2022, o núcleo de estágio de Geografia do Agrupamento de Escolas de Mira, foi constituído pelos Professores Estagiários Andreia Martins e Xavier Cameijo, pela Professora Cooperante Margarida Oliveira do Agrupamento de Escolas de Mira e pela Professora Supervisora Fátima Velez de Castro, da FLUC.

Para o presente ano letivo, a Professora Margarida Oliveira foi responsável pela disciplina de Geografia numa turma de nível de 7 (7ºF) e em cinco turmas de nível 8 (8ºA, 8ºB, 8ºC, 8ºD e 8ºE).

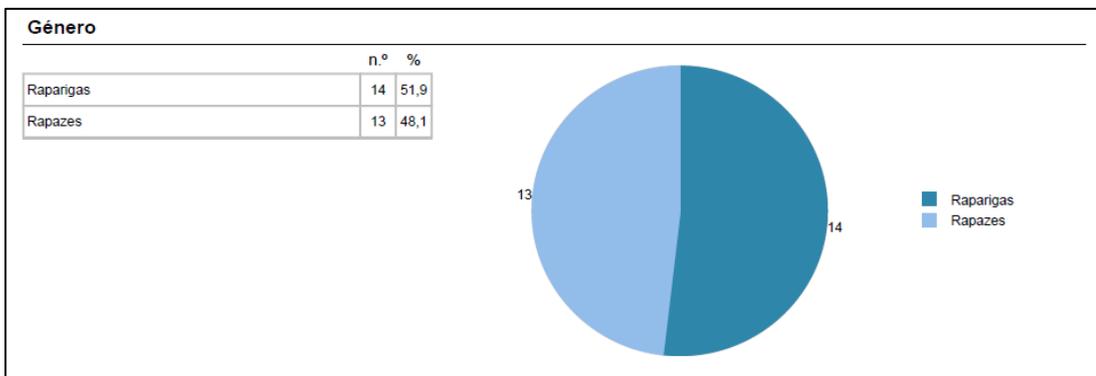
A Professora Estagiária Andreia Martins assumiu o nível 7 enquanto turma para a prática pedagógica, estratégia didática e aulas supervisionadas o Professor Estagiário Xavier Cameijo assumiu o nível 8 para a prática pedagógica, particularmente a turma A para as aulas assistidas, e todas as restantes turmas do nível 8, para a aplicação da estratégia didática e prática letiva supervisionada.

### 2.4. Turma(s)

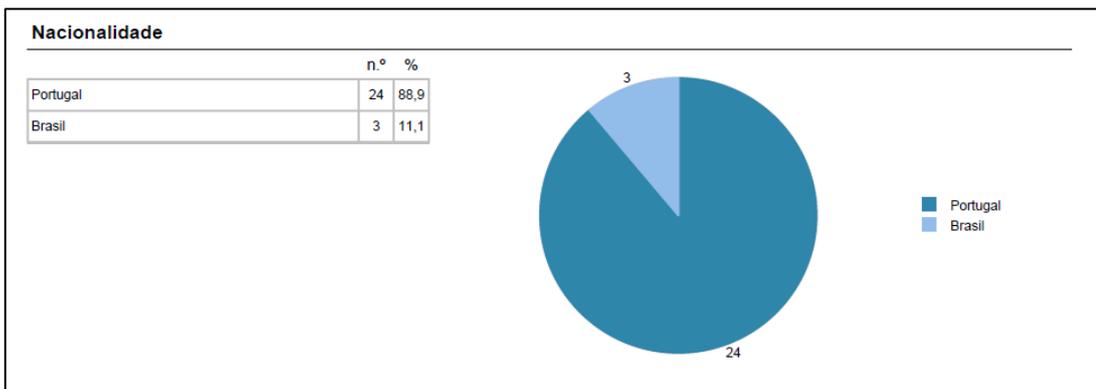
Embora a prática pedagógica tenha decorrido ao longo do ano letivo, de forma transversal em todas as 5 turmas do 8º ano, as aulas assistidas pela Professora Supervisora da FLUC, decorreram na turma do 8ºA e por esse motivo, a turma será apresentada mais detalhadamente.

O 8ºA é constituído por um total de 27 alunos(as), dos quais 14 alunas do género feminino e 13 alunos do género masculino (Fig. 4). No que diz respeito à nacionalidade dos(as) alunos(as), 24 têm nacionalidade portuguesa e 3 são de nacionalidade brasileira (Fig. 5). Em termos das idades dos(as)

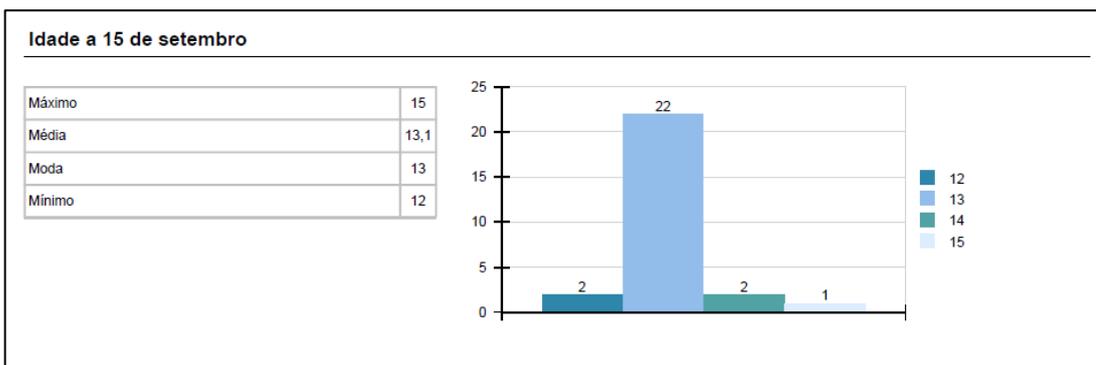
alunos(as) da turma, estas variam entre os 12 e 15 anos, sendo que a maioria se encontra na faixa dos 13 anos de idade (Fig. 6). A turma inclui ainda 3 estudantes com necessidades educativas específicas (NEE), embora nenhum deles careça de ensino articulado.



**Figura 4** – Distribuição por género dos(as) alunos(as) do 8ºA.  
 Fonte: Inovar, 2021.



**Figura 5** – Nacionalidade dos(as) alunos(as) do 8ºA.  
 Fonte: Inovar, 2021.



**Figura 6** – Idade dos(as) alunos(as) do 8ºA, a 15 de setembro.  
 Fonte: Inovar, 2021.

Apesar do elevado quantitativo de alunos(as), considera-se este grupo como uma turma relativamente calma e trabalhadora, que colaborou e cooperou nas várias tarefas e solicitações

propostas pelos(as) docentes, no decorrer do ano letivo, demonstrando empenho, responsabilidade e sensibilidade pelos temas e propostas apresentados.

Os tempos letivos desta turma decorreram à terça-feira, das 8h30 às 9h20 e à quinta-feira, das 16h30 às 17h20. Naturalmente que o rendimento e foco dos(as) alunos(as) nas aulas do horário da manhã era superior ao do apresentado no horário da tarde. Mas apesar dessa condicionante, a turma era esforçada e dedicada em que as aulas tivessem o máximo de rendimento e aproveitamento. A estratégias de *mindfulness* aplicadas, contribuíram para ultrapassar essa condicionante, bem como para trazer a atenção da turma para o momento presente, através de exercícios respiratórios.

Uma vez que nas restantes turmas do 8º ano, também decorreu a prática pedagógica supervisionada bem como a aplicação das estratégias didáticas propostas, importa fazer uma breve caracterização e contextualização, de modo a ter uma perceção do universo com o qual se trabalhou.

A turma do 8ºB é constituída por um total de 20 alunos(as), dos quais apenas 3 alunas do género feminino e os restantes 17 alunos do género masculino. Embora seja uma turma com um quantitativo reduzido, o facto de apresentar uma disparidade em termos do género, tornou-a numa turma desafiante e instável. Além disso, apresenta alguns elementos com necessidades educativas especiais, nomeadamente perturbação do espectro do autismo, o que por isso exige uma maior responsabilidade e adaptação do(a) professor(a).

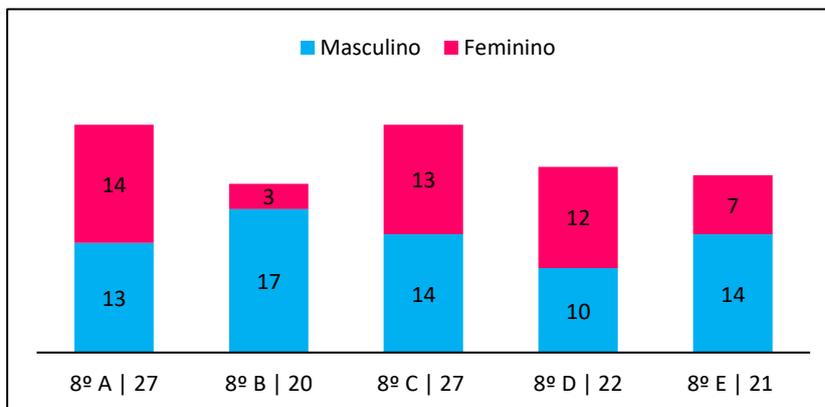
A turma do 8ºC é composta por um total de 27 alunos(as), 13 alunas do género feminino e 14 alunos do género masculino. Mesmo tendo o mesmo número de elementos que o 8ºA, esta turma C apresenta características completamente diferentes: embora seja muito participativa e empenhada é também muito instável e facilmente perde o foco. Tem alguns elementos mais desafiadores à imagem do(a) professor(a), mas as estratégias utilizadas durante as aulas permitiram sempre ultrapassar essas dificuldades, que se traduziu em bons resultados na disciplina de Geografia por parte desses mesmos elementos.

A turma do 8ºD é constituída por 22 alunos(as): 12 alunas do género feminino e 10 alunos do género masculino. Pelo facto de ser uma turma menor, apresenta-se como um dos grupos onde os alunos(as) apresentam o melhor comportamento e os melhores resultados de desempenho. Foi uma turma muito agradável de trabalhar e lecionar.

Por último, a turma do 8ºE, com 21 elementos, dos quais 7 alunas do género feminino e 14 alunos do género masculino. Este grupo também foi um dos mais desafiantes em trabalhar, não apenas pelo seu comportamento, mas pelo facto de estar presente nesta turma, apenas em uma aula por semana, o que de certa forma dificultou que a relação professor-alunos(as) se estabelecesse da mesma

forma como nas restantes turmas. Apesar disso, foi sempre uma turma muito participativa e empenhada nas atividades propostas.

Assim, o universo das 5 turmas do nível 8 perfaz um total de 117 alunos(as), 49 alunas do género feminino e 68 alunos do género masculino (Fig.7).



**Figura 7** – Distribuição do número de alunos(as), por turma e por género.

Elaboração própria, 2022.

## 2.5. Atividades desenvolvidas

Como referido, o estágio pedagógico decorreu no ano letivo 2021/2022, com início a 23 de setembro de 2021 e com o seu termino a 15 de junho de 2022.

As atividades desenvolvidas ao longo de todo o ano letivo, foram resultado de um trabalho de cooperação, colaboração e partilha de forma constante entre os dois Professores Estagiários e a Orientadora, Professora Margarida Oliveira, isto em termos de atividades letivas.

Apesar de cada professor(a) estagiário(a) ser responsável por criar e desenvolver os seus próprios materiais para aplicar e utilizar no nível e nas turmas de acompanhamento e prática letiva, esse trabalho foi resultado da partilha e da análise crítica entre Orientadora e Estagiário(a), com vista à obtenção e desenvolvimento de recursos mais adequados.

Além disso destacam-se também um conjunto de atividades não letivas, as quais foram possíveis graças aos(às) professores(as) de outras disciplinas e do próprio grupo disciplinar, que solicitaram e permitiram o envolvimento do núcleo de estágio, nas suas atividades.

Por essa razão, as atividades desenvolvidas ao longo do ano letivo apresentam um carácter diversificado e transversal entre Atividades letivas, Atividades não letivas e Domínios de Autonomia Curricular (DAC).

### 2.5.1. Atividades letivas

No decorrer do estágio pedagógico, as atividades letivas foram desenvolvidas com as seis turmas atribuídas à Professora Cooperante: uma de nível 7 e cinco de nível 8. As aulas lecionadas por mim, incidiram principalmente sobre as cinco turmas do 8º ano.

Assim, neste contexto letivo, foram desenvolvidas um conjunto de atividades e práticas que serão aqui elencadas, com uma breve nota descritiva de cada uma delas. Mais à frente será reservado espaço para uma reflexão sobre todas elas e, de forma integral, sobre a experiência da prática pedagógica supervisionada.

- *Observação de aulas lecionadas pela Professora Cooperante:* a fase inicial do estágio pedagógico, começou por uma breve observação às aulas lecionadas pela Professora Cooperante Margarida Oliveira. Esse momento de observação rapidamente deu lugar à prática letiva, mas onde esteve sempre presente a participação e o diálogo com a Professora Cooperante, inclusive no próprio decorrer das aulas, facto que tornou a prática mais interativa até para os(as) próprios(as) alunos(as).

- *Prática letiva:* o Plano Anual de Formação<sup>3</sup> determina a leção de 28 a 32 aulas com a duração de 45 minutos, ou entre 14 e 16 aulas no caso que estejas sejam de 100 minutos. Os tempos letivos na disciplina de Geografia, para os níveis em que decorre o estágio, têm a duração de 50 minutos. No que diz respeito ao número de aulas lecionadas, este superou largamente o mínimo previsto, tendo sido lecionadas, aproximadamente umas 150 aulas de 50 minutos. Essa acumulação de tempos letivos deve-se ao facto de, além da turma atribuída para a realização das aulas supervisionadas e assistidas, a prática letiva ter decorrido de igual modo em todas as turmas do 8º ano, o que permitiu rentabilizar os materiais criados bem como adaptar as estratégias às diferentes turmas e às suas características de aprendizagem.

- *Dia de aula ao ar livre (4 de novembro de 2021):* este é um movimento global para sensibilizar e criar hábitos no sentido que o contacto com o ar livre seja uma realidade diária na vida das crianças e dos(as) alunos(as). Nesse sentido, o núcleo de estágio de Geografia proporcionou às cinco turmas do 8º ano uma experiência de aula ao ar livre, que decorreu no espaço envolvente ao exterior da escola (Fig. 8). O objetivo foi abordar várias questões relacionadas com a Geografia no espaço que nos rodeia, demonstrando que esta disciplina está presente nos mais variados temas e questões do nosso quotidiano, nomeadamente sobre

---

<sup>3</sup> O Plano Anual Geral de Formação, do Conselho de Formação de Professores, para o ano letivo 2021/2022, está disponível em [PLANO ANUAL GERAL DE FORMAÇÃO \(uc.pt\)](https://www.ucp.pt/pt/plano-anual-geral-de-formacao)

a importância do ordenamento do território, das infraestruturas, sobre a exploração e funcionalidades dos espaços, identificação de espécies vegetais, transportes e mobilidade da população, entre outros temas identificados no terreno pelos(as) alunos(as).



**Figura 8** – Dia de aula ao ar livre.

Fonte: Margarida Oliveira, 2021.

• *Planificação de aulas*: uma das principais práticas desenvolvidas ao longo do ano foi o trabalho prévio de preparação das aulas, através da investigação e consulta bibliográfica afeta a cada conteúdo, de forma a desenvolver uma planificação cientificamente mais consistente. Além desse trabalho de consolidação científica, a planificação de aulas permitiu pensar e criar materiais e estratégias diversificadas. De uma forma mais geral, baseou-se nas planificações anuais elaboradas pelo Grupo Disciplinar de Geografia da escola, aprovadas em Conselho Pedagógico. Por esse motivo, durante todo o 1º período, as aulas do 8º ano incidiram sobre domínios planificados segundo as aprendizagens essenciais para o 7º ano (cf. Anexo IX), mas que no Agrupamento de Escolas de Mira se planificou serem lecionados no 8º ano. De uma forma mais específica, as planificações de aulas foram realizadas de acordo com modelo de planificação trabalhado nas unidades curriculares de 1º ano, nomeadamente em Didática da Geografia e em Práticas de Investigação no Ensino da Geografia. Este facto salienta a importância da componente letiva enquanto suporte para a prática pedagógica. Em anexo (cf. Anexo VI; Anexo VII; e Anexo VIII), constam os três exemplares de planificações de curto prazo elaborados para planificar as três aulas assistidas pela Professora Supervisora Fátima Velez de Castro. Nele constam um conjunto de aspetos tais como: domínio e subdomínio; objetivo geral e específicos; aprendizagens essenciais; pré-requisitos; sumário; questão-chave; esquema conceptual; recursos; estratégia didática; sequencia da aula; avaliação; bibliografia de suporte para a aula.

- *Fichas formativas de trabalho*: ao longo do ano letivo, foram desenvolvidas e aplicadas para os diversos temas, fichas formativas. Este tipo de recurso foi criado a partir da conceção de ficha formativa, isto é, não apenas uma ficha de trabalho, mas sim uma ficha onde constaram todos os conteúdos necessário para aplicar nos exercícios de trabalho prático, através da clarificação dos objetivos, critérios e resultados esperados. Este tipo de estratégia foi bastante útil em temas mais práticos tais como: construção do perfil topográfico; na abordagem sobre os vários indicadores demográficos (cf. Anexo I); e na construção de pirâmides etárias. A aplicação desta estratégia teve por base os elementos principais que norteiam a avaliação formativa, isto é, a informação recolhida não é essencialmente utilizada para julgar/afirmar o trabalho do(a) aluno(a), mas sim para tomar decisões sobre planos de apoio/enriquecimento e estratégias de ensino (Barreira, 2001). A aplicação de fichas formativas permitiu um *feedback* aos(às) alunos(as) sobre o seu despenho, através da comunicação e interação, com vista à aprendizagem e à sua preparação para os momentos de avaliação.

- *Matrizes para fichas de avaliação*: antes de cada ficha de avaliação sumativa, foram criadas matrizes de avaliação para preparação e orientação dos(as) alunos(as), com referência aos vários Domínios e Subdomínios lecionados e alvos de avaliação, com orientação sobre as páginas do manual em que os vários assuntos são desenvolvidos e com a indicação do tipo de questões e estrutura da ficha de avaliação sumativa.

- *Fichas de avaliação sumativa*: após ter decorrido um conjunto de atividades de ensino, foram realizados cinco momentos de avaliação sumativa, através da aplicação de fichas de avaliação. A elaboração deste material teve como principal objetivo recolher informação para quantificar e para dar conhecimento aos(às) alunos(as) e encarregados de educação e fazer um juízo globalizante sobre o desempenho individual do(a) aluno(a) perante um conjunto de objetivos de aprendizagem (cf. Anexo II e Anexo III). Na elaboração das próprias fichas de avaliação sumativa, recorreu-se ao uso da imagem, enquanto estratégia de consolidação e verificação de conhecimentos. Durante a realização por parte dos(as) alunos(as), todas as fichas foram lidas em voz alta e sempre projetadas, de modo a ter uma melhor leitura e interpretação dos elementos presentes e como forma de cumprir o Desenho Universal das Aprendizagens<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Decreto-Lei nº 54/2018, de 6 de julho, disponível em [Decreto-Lei n.º 54/2018 | DRE](#)

- *Correção de fichas de avaliação sumativa*: após a aplicação das cinco fichas de avaliação sumativa às cinco turmas do 8º ano, procedi à respetiva correção de todas elas, cumprindo os critérios de correção e classificação. Para tal, foram elaboradas em *Excel*, grelhas de avaliação, de modo a registar em cada aluno(a), a classificação obtida por questão e a respetiva classificação final. A classificação sumativa teve por base uma escala quantitativa de 0 a 100%, convertida numa escala qualitativa de Insuficiente (0-49%), Suficiente (50-69%), Bom (70-89%) e Muito bom (90-100%).

- *Referencial de avaliação*: desenvolvido no âmbito de atividades mais práticas, de modo a registar e avaliar o envolvimento e desempenho dos(as) alunos(as). Através da criação base de um quadro de referência (cf. Anexo XVI), com base em referentes externos e internos e onde são definidos todos os critérios e respetivos indicadores, com vista à criação de grelhas de observação (cf. Anexo XVII), na qual constam os itens a avaliar em cada aluno(a), durante a realização de atividades de modo individual ou em grupo, ao longo das atividades.

- *Observação de aulas lecionadas pela colega de estágio*: uma das atividades desenvolvidas em âmbito letivo, consistiu na observação de todas as aulas lecionadas pela Professora Estagiária Andreia Martins, como forma de desenvolver auto e hétero crítica.

- *Apoio à disciplina de Geografia*: à quarta-feira de tarde não existe componente letiva no Agrupamento de Escolas de Mira. Dessa forma, durante algumas dessas tardes livres, estive disponível na escola, no gabinete de Geografia a receber alunos(as) para esclarecimento de dúvidas. Aconteceu principalmente nas vésperas dos momentos de avaliação sumativa.

- *Laboratório de Ensino*: esta atividade foi proposta pelo núcleo de estágio no âmbito do Plano Anual de Atividades (PAA). Devido a alguns constrangimentos, não foi possível realizar nos moldes previstos. Como tal, esta atividade foi adaptada numa Partilha de Experiências Pedagógico-didáticas em Geografia. Colegas do Mestrado em Ensino da Geografia integrados em outros núcleos de estágio, tiveram a possibilidade de vir assistir a aulas lecionadas pelos estagiários do Agrupamento de Escolas de Mira. Além disso, recebemos também alunas em projetos de Doutoramento no âmbito do ensino, nomeadamente vindas do Brasil.

- *Mindfulness*: introdução e aplicação de técnicas de *mindfulness* e exercícios respiratórios no início das aulas ou no decorrer das mesmas, de acordo com a necessidade em colocar a atenção dos(as) alunos(as) no *Aqui e Agora*, isto é, no momento presente,

demonstrando a necessidade da educação emocional e do foco na capacidade de aprendizagem e no bom funcionamento da aula.

- *Gastronomia do Mundo*: no último dia de aulas de Geografia do 2º período letivo, foram realizados, com as várias turmas refeições, almoços e lanches, sobre o tema “*Gastronomia do Mundo*”. As turmas propuseram-se a pesquisar gastronomia típica de diferentes países e com a ajuda dos pais e encarregados de educação, confeccionar alguns alimentos e identificá-los com o nome do país e respetiva bandeira. As várias iguarias confeccionadas foram partilhadas entre os(as) alunos(as), numa atividade promovida ao ar livre, no recinto da escola (Fig. 9).



**Figura 9** – Atividade *Gastronomia do Mundo*.

Arquivo fotográfico pessoal, 2022.

### 2.5.2. Atividades não letivas

Ao longo do ano letivo, foi possível participar e desenvolver um conjunto de atividades não letivas, isto é, extracurriculares, mas de grande importância no processo de formação enquanto professores(as) e também com importância no reforço da interação com os(as) alunos(as), com o restante corpo docente e com a comunidade educativa.

Por esses motivos, fomos sempre incentivados, pela Professora Cooperante Margarida Oliveira, a participar ativamente em todas as atividades não letivas, para além que que essa versatilidade será fundamental no exercício futuro da carreira docente.

Assim, serão elencados de seguida as atividades não letivas levadas a cabo, com uma breve descrição de cada uma delas:

- *Limpeza e recuperação da sala de aula* (29 de setembro de 2021): como resultado do contexto pandémico causado pelos vírus Covid-19, uma das medidas adaptadas pela escola no regresso do presente ano letivo às aulas presenciais, foi o de definir e atribuir salas de aula a cada turma, como forma de evitar as trocas e a necessidade de desinfeção constante entre aulas. Nessa sequência, a turma do 8ºA decidiu zelar pelas condições da sala de aula que lhes foi destinada, nomeadamente através da limpeza e conservação de equipamentos e estruturas. Alguns dos encarregados de educação disponibilizaram-se no patrocínio e financiamento de tintas e outros materiais, tanto para as paredes como para estruturas metálicas do mobiliário. A atividade aconteceu em várias tardes livres de quarta-feira, em regime de atividade extralectiva e de voluntariado. Além dos melhoramentos conseguidos, a atividade contribuiu para a unificação da turma e para o estabelecer e reforço na ligação aluno-aluno/aluno-professor/professor-aluno.

- *Recolha de lixo no areal da Praia de Mira* (26 de outubro de 2021): no âmbito da disciplina de Cidadania e Desenvolvimento, fomos convidados a participar e acompanhar os alunos dos 8ºB, C e D, durante toda a tarde, numa campanha de sensibilização e recolha de lixo no areal da Praia de Mira (Fig. 10).



**Figura 10** – Recolha de lixo no areal da Praia de Mira.

Arquivo fotográfico pessoal, 2021.

- *Palestra de sensibilização “Não lixes”* (2 de novembro de 2021): no âmbito da disciplina de Cidadania e Desenvolvimento e na sequência da atividade de recolha de lixo na Praia de Mira, foi convidado à escola o ativista e ambientalista Fernando Paiva, também

conhecido por 'Joca'. Entre plásticos, latas, pacotes e papéis amassados, apresentou o seu projeto “*Não lixes*”, movimento cívico ambientalista que criou, no sentido da promoção de valores e práticas ecológicas. Mais uma vez, acompanhamos as turmas de 8º ano envolvidas na atividade, que decorreu na biblioteca da escola (Fig. 11).



**Figura 11** – Palestra de sensibilização “*Não Lixes*”.

Arquivo fotográfico pessoal, 2021.

- *Organização de uma AFCD* (dezembro de 2021): o núcleo de Geografia, em articulação com a CFAE Beira Mar, promoveu a Ação de Formação de Curta Duração (3 horas) “*Contributos do estilo de vida mediterrânico para uma alimentação sustentável*”, (cf. Anexo IV).
- *Presentes de Natal* (dezembro de 2021): elaboração de embrulhos para presentes de Natal, com recurso a materiais reutilizados, que serviram para distribuir aos(as) professores(as) e alunos(as).
- *Aula de Educação Moral Religiosa e Católica* (16 de dezembro de 2021): no último dia de aulas do 1º período, foi realizada com a turma do 6ºC uma atividade de Natal, que consistiu na partilha de presentes entre os(as) alunos(as) da turma, elaborados a partir de materiais reutilizados. Por motivos pessoais, a docente de EMRC responsável não pôde estar presente no dia da atividade, sendo que acabei por assegurar e dinamizar a atividade na turma, através de uma aula ao ar livre (Fig. 12).



**Figura 12** – Aula de EMRC, ao ar livre.

Arquivo fotográfico pessoal, 2021.

- *Reuniões*: desde o início do ano letivo que, na qualidade de professor(a) estagiário(a), nos foi dada a possibilidade de integrar e participar nas mais variadas reuniões: reuniões intercalares de 1º e 2º período, nas quais estiveram presentes o Conselho de turma, os representantes dos encarregados de educação e os representantes dos(as) alunos(as); nas reuniões dos Conselhos de Turma, de avaliação de final para o 1º período em regime exclusivamente online e no 2º período em regime presencial; nas reuniões do Departamento de Ciências Sociais e Humanas.

- *Homenagem à professora Fernanda Paula* (8 de fevereiro de 2022): após um ano do seu desaparecimento físico, e sem que durante o contexto pandémico tivesse sido possível realizar a devida homenagem, o Agrupamento de Escolas de Mira em parceria com núcleo de Geografia, organizou uma cerimónia em memória à Professora que tanto marcou a escola e os seus(suas) alunos(as) (Fig. 13). Além disso, foi criado um espaço na biblioteca da Escola Básica de 2º Ciclo, com livros pertencentes à Docente. A recolha e a seleção foram da responsabilidade núcleo de estágio de Geografia.

- *III Encontro Nacional dos Mestrados em Ensino da Geografia* (5 de março de 2022): intervenção na mesa-redonda “*A formação inicial de professores*”, na qualidade de representante dos(as) alunos(as) do 2º ano do Mestrado em Ensino de Geografia, pela Universidade de Coimbra, com o intuito de partilhar e refletir sobre algumas ideias e experiências e de como estava a ser vivida a formação inicial de professores(as) (cf. Anexo V).



**Figura 13** – Homenagem à Professora Fernanda Paula.

Arquivo fotográfico pessoal, 2022.

- *Certificação EQAVET*: o Agrupamento de Escolas de Mira oferece cursos de Formação Profissional de nível IV com selo de conformidade EQAVET<sup>5</sup>. O EQAVET é um instrumento, que permite planear, implementar, monitorizar, avaliar e melhorar a eficiência da oferta da formação profissional, bem como a qualidade das práticas de gestão. A Professora Cooperante Margarida Oliveira integra a equipa responsável na qualidade de representante de supervisão pedagógica. Nesse sentido, foi possível participar em reuniões e da elaboração relatórios de progresso, tendo tomado conhecimento sobre os critérios estabelecidos para sustentar a monitorização e a produção desses relatórios.

- *Visita de estudo a Coimbra* (25 de março de 2022): quatro turmas do 8º ano participaram na visita de estudo a Coimbra, com o objetivo de conhecer a exposição alusiva ao Dia da Mulher. A atividade foi organizada pelas respetivas Diretoras de Turma e em articulação com Clube d'Artes. Além do núcleo de estágio de Geografia, acompanharam as turmas, professores(as) de outras disciplinas. Durante o dia, a visita guiada à referida exposição, decorreu nos seguintes lugares: Museu Nacional Machado de Castro, Museu da Misericórdia, Museu Municipal e também no Centro de Arte Contemporânea. Visitaram também algumas zonas importantes da cidade: Universidade, Baixa, Jardim Botânico e Jardim da Sereia. Destaca-se o entusiasmo dos estudantes, que, após aproximadamente dois anos de restrições impostas pela pandemia e consequentemente sem visitas de estudo, tiveram, finalmente,

---

<sup>5</sup> Quadro Europeu de Garantia da Qualidade para o Ensino e Formação Profissionais.

oportunidade de retomar estas atividades fora da escola. Esta atividade não só promoveu as relações interpessoais, mas também permitiu que os(as) alunos(as) ampliassem os seus horizontes culturais e científicos, permitindo que a aprendizagem também se fizesse fora da escola e num ambiente mais descontraído (Fig. 14).



**Figura 14** – Grupo de alunos(as) e professores(as), na visita de estudo a Coimbra.

Arquivo fotográfico pessoal, 2022.

- *Página do Facebook*: a página com o nome “*Geografia – Agrupamento de Escolas de Mira*”, na rede social *Facebook*, foi criada pelos(as) professores(as) estagiários(as) do ano letivo anterior que, prontamente, se disponibilizaram a incluir-nos na gestão da mesma, como forma de dar continuidade à divulgação e partilha das atividades desenvolvidas, junto da comunidade educativa e da comunidade em geral.

- *Visita à Escola Primária da Praia de Mira*: no âmbito de um projeto de investigação do Professor Miguel Castro, do Instituto Politécnico de Portalegre, fomos até à escola primária solicitar aos(às) alunos(as) do 1º ciclo, para realizarem um desenho alusivo a uma paisagem real do seu quotidiano, com vista à análise dos vários elementos que a constituem.

- *Rifas*: colaboração com as docentes de Educação Especial na venda de rifas, para a obtenção de verbas com vista a realização de uma visita de estudo de comboio até ao Oceanário, em Lisboa.

● *Arborismo*<sup>6</sup> (21 de abril de 2022): a atividade decorreu em Penela, no parque *ExperTree* e foi realizada e dinamizada no âmbito da disciplina de Educação Moral Religiosa e Católica (EMRC). Através desta atividade foi possível aos(as) alunos(as) e professores(as) acompanhantes despertar emoções e sensações como a superação, confiança e autoconhecimento, espírito de grupo e bem-estar emocional generalizado. Além disso, beneficiar do contacto com a natureza, numa lógica não apenas de visitar, mas sim em se sentir parte integrante dela (Fig. 15).



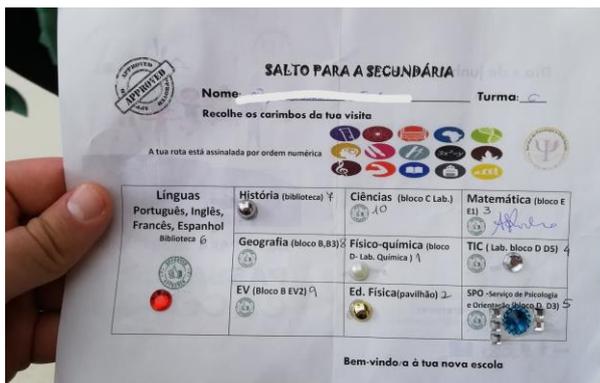
**Figura 15** – Atividade de arborismo, em Penela.

Arquivo fotográfico pessoal, 2022.

● *Salto para a Secundária* (8 de junho de 2022): a atividade dinamizada pelo SPO – Serviços de Psicologia e Orientação, teve como objetivo, receber os(as) alunos(as) de todas as turmas do 6º ano de escolaridade, da Escola Básica de 2º Ciclo de Mira, para de conhecer a nova Escola, na mudança para o 3º ciclo. As várias disciplinas e os seus respetivos docentes, estiveram em salas de aula específicas, a fim de receber os(as) alunos(as) para uma breve contextualização de cada disciplina e do que poderiam esperar para o futuro ano letivo. No caso da Geografia, foi explicado que a partir deste ciclo passaria a ser uma disciplina una, já que no 2º ciclo, História e Geografia estão articuladas numa única disciplina. De modo a dinamizar a atividade, foi entregue a cada aluno(a) um ‘Passaporte’ (Fig. 16), para poderem recolher carimbos nas várias disciplinas e salas em que participassem.

---

<sup>6</sup> O Arborismo consiste na prática em progredir de árvore em árvore, por meio de pontes de corda, redes, slides e saltos.



**Figura 16** – ‘Passaporte’ do salto para a Secundária.

Arquivo fotográfico pessoal, 2022.

- *Elaboração do exame de Geografia de equivalência à frequência de 9º ano:* colaboração com o Grupo disciplinar de Geografia, na elaboração do exame de Geografia, 1ª e 2ª fase, para equivalência à frequência de 9º ano.

- *Visita de estudo a Santiago de Compostela (13 de junho de 2022):* a atividade decorreu no âmbito da disciplina de Espanhol e foi dinamizada pelas docentes do grupo disciplinar em questão. Integraram a visita de estudo, alunos(as) das turmas do 7ºE, 7ºF, 8ºD e 8ºE, que correspondem às turmas que frequentam a disciplina de Espanhol. A participação do núcleo de estágio de Geografia nesta atividade, permitiu compreender a logística e o enquadramento legal necessário para a autorização de saída de menores do território nacional. Durante a manhã foi realizada, em comboio turístico, a visita à cidade de Santiago de Compostela, e durante a tarde a visita com um guia oficial, à Catedral e ao Museu da Catedral (Fig. 17).



**Figura 17** – Visita de estudo a Santiago de Compostela, Espanha.

Arquivo fotográfico pessoal, 2022.

### 2.5.3. Domínios de Autonomia Curricular

- *Concurso Plurilingue Kamishibai*: esta forma de contar histórias é original do Japão. “*A linguagem de um assassino*”, foi o título da história criada pela turma do 8º A e proposta ao concurso Plurilingue *Kamishibai* (Fig. 18). Esta atividade resultou de um Domínio de Autonomia Curricular (DAC), com a participação das disciplinas de: Português, Inglês, Geografia, Educação Visual, Ensinar Projetar e Aprender (EPA), Ciências Naturais e Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC).



**Figura 18** – Apresentação pública de “*A linguagem de um assassino*”.

Arquivo fotográfico pessoal, 2022.

- *Projeto “10 minutos a ler”*: este projeto de leitura, promovido pela disciplina de Português, só foi possível através de um Domínio de Autonomia Curricular (DAC), envolvendo várias disciplinas, nas quais as aulas de Geografia. O objetivo foi incentivar os(as) alunos(as) à prática da leitura, e em várias aulas alguns(mas) alunos(as) partilhavam com a turma pequenos momentos de leitura. Nas aulas de Geografia, para além da leitura em si, treinámos com os(as) alunos(as) a projeção de voz, a expressão corporal, a respiração, entre outras questões essenciais na comunicação, as quais se espera que os(as) alunos(as) adquiram à saída da escolaridade obrigatória, de acordo com as competências do PASEO<sup>7</sup>.

<sup>7</sup> Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória, disponível em [Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória \(mec.pt\)](https://www.mec.pt/perfil-dos-alunos-a-saida-da-escolaridade-obrigatoria)

## 2.6. Reflexão sobre a prática pedagógica supervisionada

Findo o período de prática pedagógica supervisionada, é fundamental salientar os aspetos principais, como forma de refletir sobre a Formação Inicial de Professores(as) e o sobre o seu contributo para a prática enquanto futuro docente.

O ano de estágio corresponde à Formação Inicial de Professores(as), e por isso, ao primeiro contacto com a carreira docente e com a realidade escolar, já que até este momento, a maioria dos(as) futuros(as) professores(as) nunca tiveram qualquer experiência com esta prática.

No meu caso em particular, já tinha alguma experiência enquanto formador, na sequência da obtenção do CCP (Certificado de Competências Pedagógicas), através da Formação Profissional de Formação Pedagógica Inicial de Formadores(as), tendo dado formação em diversas áreas, mas em grupos de formandos(as) adultos(as). Para as faixas etárias mais baixas, a experiência foi enquanto facilitador de meditação e *mindfulness* em grupos de adolescentes e crianças e também em aulas de *yoga kids*.

Apesar da experiência em lidar e gerir emoções em grupos, parti para esta formação inicial completamente disponível a aprender e absorver o máximo de conhecimento e ferramentas possíveis, mas é impossível fazer com que experiência de vida não nos influencie. Por isso mesmo, considero que não teria tido o mesmo desempenho no estágio se tivesse chegado aqui com 23 ou 24 anos, como é “normal” acontecer. Estagiar com 30 anos, com um mestrado científico já concluído<sup>8</sup>, com experiência enquanto sócio-gerente em 2 empresas e com alguns anos como terapeuta, na área do desenvolvimento pessoal e espiritual, fez toda a diferença no momento em que iniciei, durante o ano letivo 2021/2022, o papel de Professor Estagiário no Agrupamento de Escolas de Mira.

Contudo, isso não faz com que o processo fosse mais simples. Apenas me tornou mais consciente de todos os desafios e mais focado em conseguir um melhor desempenho e crescimento. Desde início, estive consciente que o desafio ao qual me propunha seria grande: pelo facto de trabalhar e estagiar em simultâneo e pelo facto de desempenhar esses dois papéis com uma distância de mais de 200 quilómetros entre eles, consciente de todo o esforço e investimento que esse processo acarretava.

Mas esse é, de alguma forma, um ‘estágio’ também para a vida ativa e para a instabilidade característica da profissão, já que, enquanto o(a) professor(a) não se estabelece na sua área de preferência territorial, tem que ter uma grande capacidade de articulação entre aquilo que é a sua vida

---

<sup>8</sup> Mestrado em Gestão e Programação do Património Cultural, FLUC, 2015.

peçoal e profissional, com todo o desgaste inerente dessa situação. E, sem dúvida, que este ano de prática já me transmitiu essa realidade.

Parti para esta experiência consciente de que este seria um ano no qual colocaria à prova as minhas capacidades emocionais e de superação, muito mais que as capacidades e o conhecimento científico. Desde logo, porque sabia que seria um ano no qual estaria constantemente a ser observado: observado pela Professora Cooperante e pela colega Professora Estagiária, observado pela Professora Supervisora da Faculdade e observado pelos(as) alunos(as) das turmas, de uma forma geral.

No arranque no ano letivo, fomos aconselhados a entrar na Escola e assumir a postura de PROFESSORES e não de estudantes, o que, de certo modo, contribuiu para uma espécie de crise de identidade: por um lado, era aluno do Mestrado de Ensino de Geografia na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e, por outro, era professor (estagiário) no Agrupamento de Escolas de Mira. Na Geografia, considera-se população ativa todos aqueles, com mais de 15 anos, que desempenham uma atividade remunerada, o que na condição de professores estagiários tal não acontece, fruto da não remuneração. Por outro lado, na categoria de população inativa, enquanto estudante, o que venceu ainda mais esta dualidade de personalidade.

Ainda neste dilema, surgem algumas questões, por exemplo: “que tipo de professor vou ser?”. Todos nós temos de alguma forma uma conceção ou um pré-conceito sobre a imagem de professor(a). Seja através de algum episódio ou de experiências pessoais que nos tenham marcado ao longo do percurso escolar, quer pela positiva, quer pela negativa.

Por mais que possamos ter uma perspectiva de ensino, ela é apenas isso, uma perspectiva, que está intrinsecamente dependente dos(as) alunos(as) dos quais vamos ser professores(as) e até da própria cultura da escola, na qual venhamos a exercer essa função.

Dessa forma, a resposta à questão “que tipo de professor vou ser?”, não tem propriamente uma resposta, mas sim mais questões: vou ser o professor que eu perspetivei, com o qual me sinta confortável, ou o professor que os(as) alunos(as) precisam, mesmo que isso não me faça sentir totalmente confortável nesse papel, tendo em conta a minha personalidade?

O desafio é conseguir o equilíbrio entre as partes. Adaptar-me ao grupo e ao contexto de trabalho, mas respeitar a minha personalidade e confortabilidade.

Na chegada à escola, conhecemos as instalações, fomos apresentados à Direção, ao corpo docente e não docente que recebeu muito bem o núcleo de estágio e que desde logo nos fez sentir Professor(a). Ao longo dos últimos anos, tem existido nesta escola, núcleo de estágio de Geografia e

isso contribuiu para que fôssemos aceites e integrados com naturalidade na comunidade educativa. Com o tempo, percebi que não é apenas fruto do fator temporal, mas sim da própria cultura da escola. E em partilha com colegas de outros núcleos de estágio, compreendi que as escolas têm culturas, vivências e realidades totalmente diferentes.

Fomos apresentados e integrados também nas várias turmas da Professora Cooperante Margarida Oliveira. Os(as) alunos(as) receberam-nos com curiosidade e entusiasmo, como seria expectável, mas nas turmas de nível 8, também com alguma naturalidade, já que no ano precedente, as mesmas turmas, então no nível 7, tinham sido alunos(as) da Professora Margarida e, naturalmente, alunos(as) de Professores(as) Estagiários(as).

Embora na nossa apresentação fosse feita referência ao facto de estarmos a realizar um estágio para finalização da formação profissional, a partir desse momento, a Professora Margarida teve sempre o cuidado em nos tratar por Professores, para que os próprios(as) alunos(as) percebessem e nosso papel e ganhássemos o respeito deles(as).

O início do estágio foi marcado pela observação das aulas lecionadas pela Professora Cooperante Margarida, mas rapidamente iniciámos o nosso percurso na construção de aulas e na leção das mesmas. Lecionei a minha primeira aula logo na primeira semana. E a partir daí não mais parei, de maneira que no final do 1º período, já tinha o número mínimo de horas letivas cumprido, segundo o estipulado no Regulamento da Formação Inicial de Professores, da FLUC.

O grande desafio ocorreu logo na semana entre o dia 10 a 18 de novembro. Durante esse período letivo, a Professora Cooperante Margarida ausentou-se em serviço, até Espanha, no âmbito do programa ERASMUS e, com a autorização da Direção, assegurei a leção todas as aulas das cinco turmas de 8º ano. Nesse momento, percebi que as turmas já me viam e respeitavam como Professor. Tive que gerir todos os momentos e emoções da sala, sem a presença da orientação. Foi uma experiência muito positiva e enriquecedora. Até porque já tínhamos recebido até esse momento uma grande preparação e várias estratégias. E a verdade é que professores(as) que concorram ao ensino, pela primeira vez, apenas com qualificação própria, também lhes é dada possibilidade de estarem sozinhos com as suas turmas, no exercício de funções. Ser estagiário(a) e ter a possibilidade de ficar sozinho(a) em sala de aula com as turmas, não tem nada de antipedagógico. É na verdade a preparação real para os próximos anos e para o futuro.

De modo geral, ao longo do ano, nas várias turmas, em algumas ocasiões, foi necessário intervir de forma mais autoritária, para manter a atenção e controlar a dinâmica de sala de aula. Em outras situações foi necessário motivar a participação dos(as) alunos(as). Uma das estratégias

utilizadas em ambiente de sala de aula, foi o *mindfulness*, através da aplicação de exercícios de respiração no início ou mesmo no decorrer da aula, nas ocasiões que havia a necessidade de acalmar a turma e trazer a atenção até ao presente. Desde logo a Professora Margarida se mostrou receptiva à possibilidade de eu implementar essa estratégia. No caso dos(as) alunos(as), inicialmente alguns(mas) mostraram-se reticentes com a estratégia. Mas, aos poucos, expliquei que era apenas um exercício de respiração, falei sobre os benefícios e à medida que foram ganhando prática, eles(as) mesmos(as) reconhecerem os benefícios e em muitas aulas eram os(as) próprios(as) alunos(as) que apelavam à implementação da prática.

Um dos pontos positivos a destacar, foi o facto de ter lecionado aulas a 5 turmas diferentes, do mesmo nível. Permitiu, por um lado, testar métodos diferentes de ensinar o mesmo conteúdo, mas em diferentes turmas, e por outro, originou aulas também elas muito diferentes, influenciadas pelas características e particularidades de cada turma. De forma geral, tentei sempre lecionar aulas com múltiplos recurso, desde imagens fixas, principalmente fotografias, vídeos, mapas, gráficos, desenho de esboços e esquemas no quadro, Escola Virtual, manual, objetos icnográficos, de modo que todas as aulas fossem diferentes. O objetivo foi tornar as aulas mais interativas, quer do ponto de vista tecnológico, quer algumas vezes do ponto de vista não-tecnológico, pois em alguns momentos, senti a necessidade em ‘desintoxicar’ do virtual e em trabalhar com objetos físicos reais.

Algo que também sempre fomentei, foi a participação ativa dos(as) alunos(as), principalmente através da partilha de relatos orais, o que resultou sempre bem, já que os(as) alunos(as) conseguem associar a aplicabilidade dos conceitos teóricos à sua realidade local. Além disso, pela necessidade que eles têm em ser ouvidos, em receber atenção, sentir que são importantes para a aula e perceber que podem contribuir ativamente na construção do conhecimento científico. Pratiquei sempre uma escuta ativa até mesmo no sentido de perceber o que os(as) alunos(as) mais gostavam, de modo a poder ajustar as estratégias e os métodos, no decorrer do estágio.

Senti e faço questão de salientar nesta reflexão, o facto de fora das aulas, todos(as) os(as) alunos(as) interagirem connosco, de uma forma leve, nem que fosse apenas para cumprimentar ou dizer um simples “olá professores”. Isso é reflexo dos laços estabelecidos dentro da sala de aula e demonstra sentido de respeito pelo professor(a). Verifiquei que a grande maioria dos(as) professores(as) simplesmente passa e não estabelece grande conexão com os(as) alunos(as). Certamente está relacionado com a diferença de personalidades e de idades, com o cansaço e com desgaste da função, entre outras razões que poderiam aqui ser alvo de reflexão.

Certamente que muitos dos(as) alunos(as), para o ensino secundário, vão optar por especialidades, nas quais a Geografia não seja uma disciplina obrigatória. Por isso, a maior parte deles(as) não vai voltar a ter contacto com esta, a meu ver, importante disciplina. Por esse motivo, o meu principal objetivo durante este ano, além de praticar e aprender o máximo possível com esta experiência e de fazer com que os(as) alunos(as) alcançassem as aprendizagens essenciais foi, acima de tudo, que não ficassem a odiar as aulas nem a disciplina de Geografia, de maneira a deixar uma porta aberta, para mais tarde poderem voltar a sentir curiosidade por estes temas.

O trabalho de preparação de aulas é também um aspeto a destacar. Embora o aprofundamento científico dos conteúdos para o 8º ano seja acessível, desenvolvi um trabalho de revisão bibliográfica, como forma de reavivar alguns conteúdos e ficar mais atualizado, caso algum(a) aluno(a) tivesse questões ou quisesse aprofundar mais alguma situação, como de resto se verificou várias vezes. Outro dos aspetos com o qual tive atenção, foi com as notícias e com os acontecimentos da atualidade, que pudessem despertar interesse aos(às) alunos(as), de maneira a poder realizar debates e discussões construtivas sobre essas temáticas, do ponto de vista da Geografia e da própria cidadania.

Neste campo foi um desafio para mim, uma vez que tenho dificuldade em ver notícias, devido ao facto de serem abordados massivamente temas negativos. Referi aliás essa dificuldade e sensibilizei para quem, tal como eu tivesse essa resistência, em vez de assistir às habituais notícias da televisão, pudesse ler alguns títulos em jornais ou páginas *online* e aprofundar apenas a informação nos assuntos mais pertinentes, de acordo com a atualidade e com o interesse pessoal.

Para além da prática letiva em si, o estágio ficou caracterizado pelo desempenho de múltiplas tarefas. Preparar aulas e materiais como fichas de trabalho, elaboração e correção de fichas de avaliação, participação em visitas de estudo, em reuniões de Conselho de Turma, intercalares e de Departamento, trabalho colaborativo com os(as) colegas do Grupo de Geografia, entre outras imensas atividades extracurriculares anteriormente elencadas, que enriqueceram fortemente a experiência.

Tanto a Direção quanto os restantes órgãos de gestão, autorizaram sempre a participação ativa do núcleo de estágio nas diversas atividades, o que permitiu compreender que as funções e o trabalho de um(a) professor(a) dentro da escola vão bem mais além do que o papel de ensinar. Como já referi também anteriormente, fomos sempre incentivados, pela Professora Cooperante Margarida Oliveira, a não ter receio de participar de forma ativa em todas as atividades possíveis e a não ter medo de errar, já que o ano de estágio é um laboratório de ensino, onde existe espaço para testar, corrigir e adquirir experiência para o exercício futuro da carreira docente.

Como diz o popular ditado “errar é humano”. Mas se for para errar, que seja durante este ano! O objetivo é aprender com o erro, tentar errar o menos possível e estar atentos. Nesse contexto, acabamos inclusive, em diversas situações, por reportar à “Porto Editora”, erros nos materiais e exercícios da Escola Virtual.

No que diz respeito ao funcionamento do núcleo de estágio, existiu sempre um espírito de camaradagem e de boa energia, diálogo constante entre Professora Cooperante, Orientados e Professora Supervisora, de forma a escutar e debater ideias, a superar desafios, encontrar soluções e aplicar estratégias. Entrar pelo caminho da competição é uma tendência da atual sociedade. Felizmente nunca cedemos. Fomos sempre um grupo coeso e amigo, o que por um lado contribuiu para o sucesso da prática pedagógica e por outro nos preparou para aquilo que deve ser o trabalho enquanto futuro(a) professor(a), baseado na colaboração e cooperação entre docentes, tanto do grupo disciplinar, como das várias disciplinas.

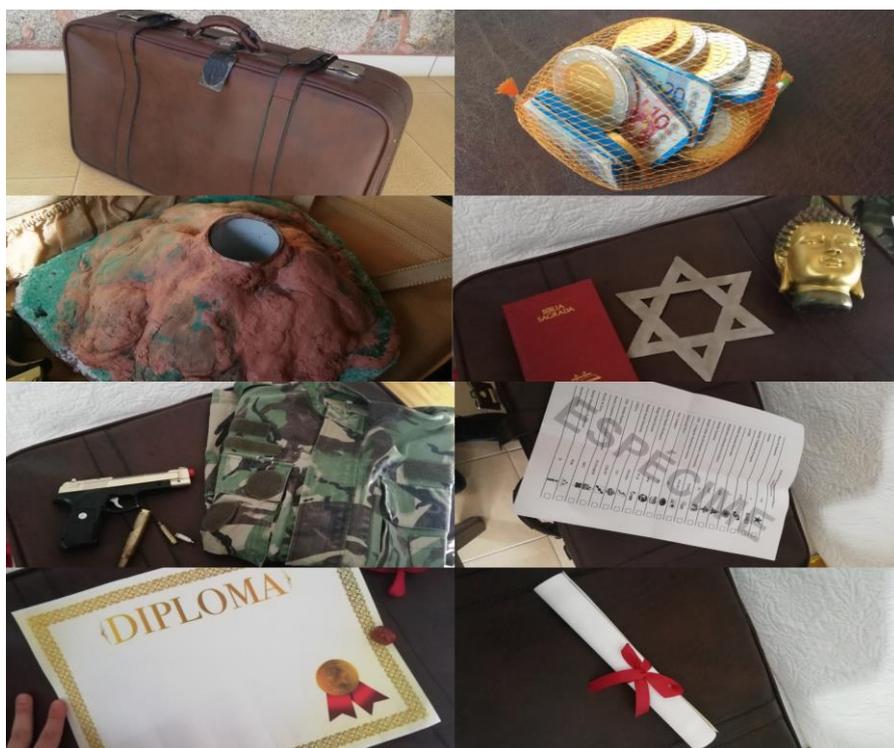
Os assuntos debatidos no seio do núcleo de estágio prenderam-se, naturalmente, com questões de índole científica e geográfica, como planificação de aulas, estratégias e recursos, mas também com questões como a colocação e projeção da voz, postura corporal, movimentação na sala de aula. O(a) professor(a) tem que ter em consideração vários fatores e aspetos na transmissão da mensagem e na captação da atenção, por parte do seu público, tais como, a movimentação pelo espaço, a colocação da voz, a expressão corporal e até mesmo a forma de se vestir, já todos esses aspetos contribuem para a construção da imagem do professor(a) (Nóvoa, 2017).

As três aulas assistidas foram supervisionadas e avaliadas pela Professora Fátima Velez de Castro, decorreram nos dias 8 de fevereiro, 19 e 22 de maio de 2022. Após as aulas, o núcleo de estágio reuniu com a Professora Supervisora Fátima Velez de Castro e com a Professora Cooperante Margarida Oliveira, de modo a proceder à análise crítica, em resultado da nossa prática e da consequente observação. Foram enunciados os pontos fortes e os aspetos a melhorar na nossa prática letiva, considerações que levamos sempre em conta para a melhoria do nosso trabalho. Por esse motivo ter existido uma terceira aula assistida, que acontece apenas em casos de nota de excelência, isto é, igual ou superior a 18 valores, a qual foi proposta em sede de reunião de Estágios do Mestrado em Ensino de Geografia e em Conselho de Formação de Professores, da FLUC.

A 1ª aula assistida decorreu no dia 8 de fevereiro, dia do meu 30º aniversário. Nessa aula foi lecionado o subdomínio “Áreas de Fixação Humana”, no âmbito do domínio “População e Povoamento”. A aula decorreu de acordo com a planificação elaborada (cf. Anexo VI), na qual foi colocada em prática a metodologia de observação indireta, através da imagem fixa e do som, para

levar os(as) alunos(as) a compreender os fatores que influenciam a distribuição da população na superfície terrestre, através de um exercício sobre percepção da paisagem a partir da fotografia, com recurso a uma apresentação PowerPoint (cf. Anexo X). Esta estratégia enquadra-se na proposta metodológica de aplicação prática, e como tal será alvo de uma análise e reflexão mais aprofundada no ponto 4.1.1. deste relatório.

Na 2ª aula assistida, ainda no âmbito do domínio “População e Povoamento”, trataram-se questões relacionadas com o subdomínio “Mobilidade da População”, particularmente sobre as causas das migrações e a sua tipologia quanto ao espaço, duração, decisão e controle, como se pode verificar na planificação de aula (cf. Anexo VII). Para esta aula, a estratégia foi a utilização de uma mala de viagem *vintage*, com vários objetos simbólicos no interior (Fig. 19): moedas e notas de chocolate (causas económicas); vulcão (causas naturais); Bíblia, Buda e estrela de David (causas religiosas); pistola, farda militar e munições inutilizadas (causas bélicas); boletim de voto (causas políticas); diploma e uma tela (causas socioculturais).



**Figura 19** – Mala de viagem com os vários objetos iconográficos sobre as causas das migrações.

Arquivo fotográfico pessoal, 2022.

A partir da mala de viagem *vintage*, foi feita uma breve contextualização sobre os ciclos migratórios, uma vez que se tratava de um objeto pessoal, usado pelo meu avô durante o seu processo migratório para França, na década de 60 do século XX. Foi explicado aos(as) alunos(as) que as

motivações que levam a população a migrar, independentemente do ciclo migratório, são relativamente similares. Nesse sentido, procedeu-se à abertura da mala de viagem, o que cativou completamente a atenção dos(as) alunos(as) e foram retirados, um a um, os vários objetos simbólicos, de modo a associar cada um deles à respetiva causa e motivação da migração, através da partilha e debate de ideias.

De seguida, foi utilizada a estratégia do som, através da audição de um excerto da música “*Garçonete*” do grupo musical Deolinda. Foi distribuída de uma ficha de trabalho (cf. Anexo XIII) para a análise e exploração da letra da música “*Garçonete*”, de modo a compreender os tipos de migração presentes e a esboçar geograficamente, o percurso migratório descrito na letra da música, com recurso a uma apresentação PowerPoint (cf. Anexo XI).

A 3ª e última aula assistida, decorreu através de lecionação do subdomínio “Atividades Económicas - recursos, processos de produção e sustentabilidade”, no âmbito do domínio “Atividades Económicas”, como mostra a planificação elaborada para a aula (cf. Anexo VIII). O objetivo da aula foi levar os(as) alunos(as) a compreender a repartição das atividades económicas em setores e identificar padrões na distribuição espacial de diferentes atividades económicas, enunciando fatores interdependentes. Recorreu-se novamente à utilização de objetos icnográficos, mas desta vez foi solicitado a participação ativa dos(as) alunos(as), no envolvimento com a atividade. Para tal, procedeu-se previamente à disposição das mesas/carteiras da sala de aula em formato U e o centro da sala foi utilizado como espaço de movimentação dos(as) alunos(as) (Fig. 20).



**Figura 20** – Disposição da sala de aula em U, para realização da atividade.

Fonte: Margarida Oliveira, 2022.

O objetivo foi dividir os vários objetos iconográficos pelos setores de atividade (primário, secundário, terciário) e de seguida, utilizando marcadores e o papel de cenário no chão da sala, esboçar a organização morfofuncional das cidades e a articulação com o espaço rural, de modo a realizar a distribuição espacial dessas atividades (objetos iconográficos), justificando a escolha da localização e relacionando fatores. Além disso, foi criada uma apresentação PowerPoint com conteúdos de suporte para a leção desta aula e apoio na concretização da atividade (cf. Anexo XII).

Embora seja elaborado um plano de aula, a realização por este tipo de estratégia, exige ao professor(a) um grande domínio dos conteúdos programáticos e uma grande capacidade de articular e integrar de modo construtivo, todos os contributos que os(as) alunos(as) partilham na atividade, já que permite consolidar várias temáticas e relacionar fatores interdependentes, numa única atividade.

O objetivo, nestas práticas, foi a utilização de múltiplos recursos, como as imagens, sons e objetos iconográficos, como forma de captar a atenção dos(as) alunos(as), de testar estratégias para implementação no futuro e demonstrar capacidades de inovação e criatividade.

Embora me tenha proposto, inicialmente, a desenvolver um trabalho de metodologia e aplicação didática com recurso à fotografia, no decorrer da prática letiva, compreendi e senti a necessidade em trabalhar a iconografia materializada em objetos, como forma de retirar peso virtual e tecnológico às aulas e proporcionar uma experiência mais real e de contacto. Assim, deixo a proposta para futuros trabalhos de investigação, estudar sobre a aplicação didática da iconografia no ensino da Geografia.

Em suma, este ano de prática pedagógica supervisionada, tão completo, dinâmico e abrangente teve um grande impacto no desenvolvimento da minha personalidade enquanto Professor, tendo conseguido deixar a minha imagem, nas turmas com as quais tive oportunidade de trabalhar e de crescer (Fig. 21).

Sem dúvida que a Professora Margarida Oliveira, bem como o Agrupamento de Escolas Mira, tiveram um papel fundamental, no sentido de permitir a colocação em prática de um conjunto de estratégias e experiências didáticas, neste que foi um verdadeiro laboratório de indução à prática letiva.

As propostas de aplicação didática em sala de aula, que serão apresentadas neste relatório, são sustentadas pelo recurso à imagem fixa enquanto estratégia pedagógico-didática, como resultado da observação de fotografias. Nesse sentido, importa aprofundar do ponto de vista científico esta metodologia, no âmbito da Geografia, particularmente no ensino de Geografia.



**Figura 21** – Imagem do ‘Stor’ Xavier, segundo uma aluna do 8ºA.

Arquivo fotográfico pessoal, 2022.

### **3. A IMAGEM FIXA COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICO-DIDÁTICA**

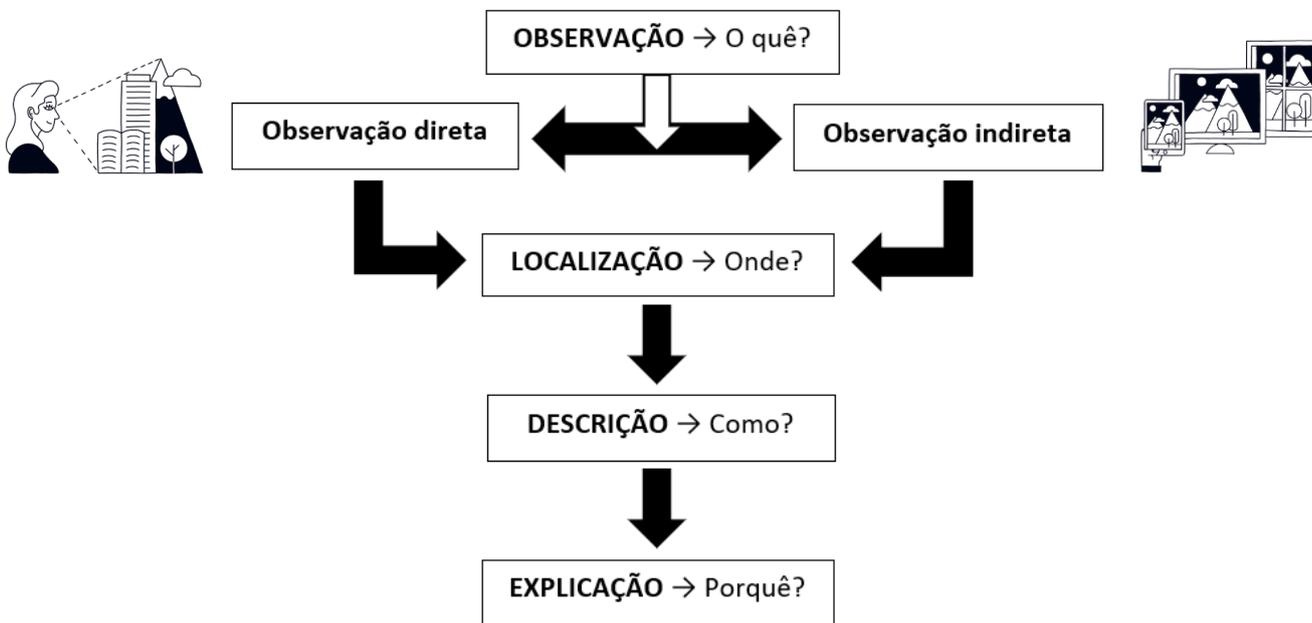
#### **3.1. Observação na Geografia**

A Geografia é a ciência que tem como objetivo estudar a superfície da terra e como função localizar, descrever e explicar fenómenos físicos e/ou humanos. Para tal, recorre a um método de estudo específico que mobiliza diferentes técnicas de pesquisa e fontes de informação, contempladas em diferentes etapas, das quais a observação assume especial destaque pelo facto de ser o ponto de partida do trabalho do geógrafo (Fig. 22).

No que diz respeito à observação, esta pode ser realizada de forma direta, sempre que exista a deslocação do observador ao local de estudo e de forma indireta, quando não implica a deslocação do observador ao local de estudo, realiza através da visualização de imagens fixas ou imagens em movimento, ou no caso do ensino da Geografia através da janela da sala de aula.

Embora na Geografia a observação seja o ponto de partida metodológico, o simples facto de observar não contempla todo o potencial em si: é fundamental da parte do observador uma desperta sensibilidade, pensamento crítico e fundamentalmente conhecimento científico para que possa realizar uma análise mais correta (Velez de Castro, 2021b).

Alguns(mas) autores(as) defendem que a observação pode carecer de uma ligação prévia de fragmentos. A descodificação daquilo que é alvo de observação, parte obviamente de uma pré-ideia e de um conhecimento prévio do observador (Silva, 2014).



**Figura 22** – Método de estudo da Geografia.

Elaboração própria, 2021.

Segundo Batista (2020), dependendo do assunto, além da observação sistemática pode ser importante associar a esta fase conversas informais, exploração preliminar de materiais e/ou documentos, entre outras técnicas que permitam uma aproximação com o fenómeno a ser estudado.

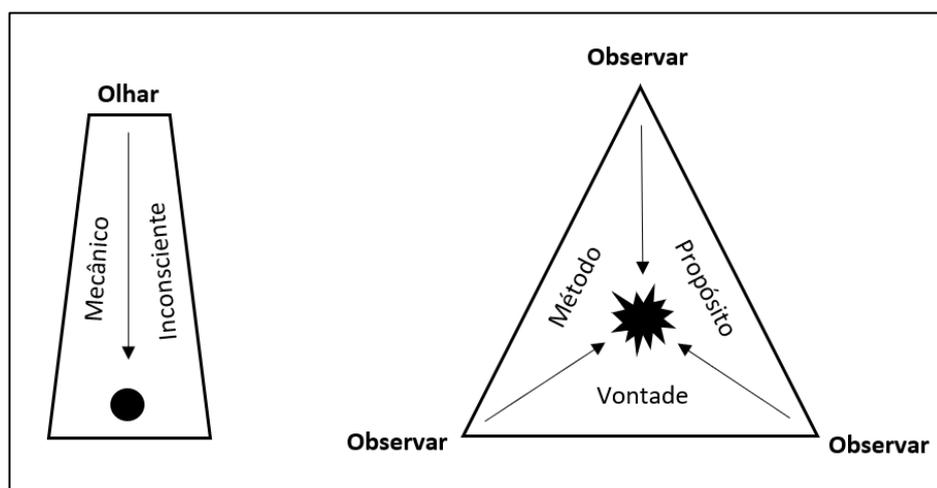
A informação que se obtém através da observação é um dos mais antigos métodos para a construção da Geografia, tanto do ponto de vista da Geografia física como da humana (Velez de Castro *et al*, 2021c).

Não importa apenas olhar. O Ser Humano na função de observador deve dispor de uma flexibilidade para poder sentir. Até porque quanto mais globalizado, mais fragmentado o mundo reaparece, afloram novos grupos e elementos além do físico, como influencia da cultura, da religião, entre outros. Tal facto dá uma multidimensionalidade que a observação deve ser capaz de descodificar (Silva, 2014).

Esse cuidado no processo de observar é importante tanto na observação direta como na observação indireta. No primeiro caso, é fundamental o conhecimento científico, de modo a construir uma análise com vista aos resultados. Já no segundo caso, na observação indireta, tão importante quanto o conhecimento científico é o pensamento crítico de modo a desconstruir erros ou tendências por parte de quem criou esses elementos de observação indireta e não aceitar fielmente aquilo que eles nos apresentam ou em alguns casos que nos representam.

Entende-se a observação da paisagem enquanto uma visão questionadora e não meramente é contemplativa. Assim deve ser também a observação do geógrafo, de modo a compreender a realidade que a paisagem espelha (Castro *et al*, 2021).

Segundo Rose (2012), a observação da paisagem é o resultado de uma observação binária, isto é, por um lado uma observação de representação/não-representação e por outro lado uma observação baseada na análise e elaboração. Assim, compreende-se que na Geografia o simples facto de “olhar” não é suficiente. Por isso fala-se em “observar”, que subentende todo um conjunto de categorias, sensibilidades (restantes sentidos além da visão) e uma visão holística, conjugando aprendizagem, interpretação e análise. Enquanto o “olhar” parte de um mecanismo involuntário e inconsciente, o “observar” necessita de um método e resulta de uma vontade consciente perante um propósito ou objetivo concreto. Além disso, o “olhar” é realizado a partir de um ponto, enquanto “observar” exige uma visão a partir de vários pontos, podendo então falar-se em triângulo da observação (Fig. 23).



**Figura 23** – “Olhar” versus “Observar”.

Fonte: adaptado de Velez de Castro, 2021a.

Apesar das várias técnicas e aparelhos, o instrumento para observar as paisagens e os fenómenos ainda é o “olho” do geógrafo (Ribeiro, 2012). Ainda assim, duas pessoas podem fazer interpretações diferentes ao observarem o mesmo objeto ou a mesma paisagem, em função do conhecimento prévio ou das vivências de cada um. Os instrumentos para recolher informação no trabalho de campo em Geografia devem ser práticos e que permitam a observação indireta aos outros. Assim são feitos esboços, desenhos, esquemas, mapas e fotografias.

A observação há muito que é entendida como uma forma de obtenção de conhecimento nas ciências naturais, onde se pode encaixar os temas e investigações da Geografia física (Alves *et all*, 2020). Mas o seu legado no desenvolvimento das ciências humanas também se verifica, em particular, na compreensão nos temas e fenómenos da Geografia humana. Observar as pessoas, seja nas suas vivências ou na sua apropriação e movimentação pelo espaço, permite compreendê-las e construir o conhecimento global, a partir da observação individual ou de grupos e das marcas sobre as paisagens (Silva, 2013).

Esta tipologia de fenómenos naturais e humanos, observados nos espaços atribui uma dupla leitura e uma dupla dimensão aos territórios. Mas sabendo que cada um delas engloba uma diversidade de especialidades (Geografia Física: Geomorfologia, Hidrologia, Biogeografia, Climatologia...; Geografia Humana: Demografia, Geografia Cultural, Social, Migrações, Geografia Urbana e Rural...) estamos perante um método de investigação que vai construir o conhecimento do território a partir de uma perspetiva multidimensional e multissensorial.

### **3.2. Imagem multidimensional e multissensorial dos territórios**

A Geografia das paisagens é marcada por uma variedade funcional e simbólica, já que existem diferentes espaços, do ponto de vista de dimensão, exercício do poder ou de carácter histórico associado. Ao observar os territórios percebemos que estes apresentam uma imagem multidimensional, devido ao facto de muitos dos espaços terem sido palco de vários acontecimentos históricos, que foram marcando as paisagens, deixando símbolos e outros elementos identitários.

Podemos observar a multidimensionalidade num determinado território por exemplo em momentos de celebração de dados acontecimentos culturais ou em homenagens a personalidades com papel de destaque no percurso histórico-geográfico. É frequente encontrarmos paisagens de conotação ideológica, com recurso ao processo de memória, no qual se tenta imortalizar personalidades e acontecimentos que marcaram um determinado período na história de um espaço, podendo ser um acontecimento bom ou um acontecimento com uma carga negativa.

Por isso, as paisagens e as imagens dos territórios não são estáticas (embora na fotografia possam dar essa sensação). Vão sofrendo modificações que resultam também de processos de construção – destruição – reconversão que lhe vão dando um aspeto heterogéneo (Fernandes, 2009).

Além disso, os espaços apresentam também uma dimensão multissensorial, na medida em que se destaca o poder visual, auditivo, do cheiro, do tato e dos sabores. Esta dimensão, que pode ser observada por exemplo na transição sazonal das estações do ano, exige por parte do observador uma desperta sensibilidade na interpretação e análise. Tendo em conta essa dimensão multissensorial, os espaços não devem ser analisados a partir do simples olhar, pois este requer apenas o sentido da visão. É através da observação, na qual existe dimensão holística de todos os sentidos, que a interpretação e análise territorial deve acontecer, de modo que todos os elementos presentes na paisagem sejam captados e não apenas aqueles que a visão alcança.

Mas quando se tenta recriar ou reproduzir a imagem de um dado lugar, nem sempre essa perspetiva multidimensional e multissensorial é espelhada. É importante compreender que a imagem que alguns espaços apresentam, seja ela fixa ou em movimento, pode ser resultado de representações. O que acontece neste tipo de representações é um encolhimento dos espaços ou uma encenação dos principais geossímbolos que se associam diretamente ao lugar que é alvo de representação. As representações visuais de espaços geográficos, fotografias, mapas e outras, são importantes para dar a conhecer os espaços e no caso dos mapas, podem ser também uma boa imagem de localização e divulgação.

Mas algumas das representações, podem não se tratar de uma reprodução exata da imagem que o lugar transmite e com isso não permite ao observador uma perceção clara nem o conhecimento real sobre a multidimensionalidade do lugar.

Muitas das representações ganham uma tal dimensão junto da população (mapas mentais) que acabam por ter uma influência enorme no desenvolvimento de um território. Pode ser um grande apoio quando essa imagem é positiva, mas pode tornar-se um enorme obstáculo caso se trate de uma representação claramente negativa (Avraham & Ketter, 2008).

Os mapas mentais são uma forma de representação constituída de imagem visual que ultrapassa o aspeto visual e entra no figurativo, um compromisso entre o objetivo e o subjetivo e que resultam de uma construção da consciência e não um reflexo da realidade (Francastel, 1998).

A imagem que resulte de um mapa mental, incorre no risco de não representar a realidade em si, uma vez que advém de uma construção subjetiva a partir da realidade ou de uma reprodução da realidade. Daí a importância da observação direta e do conhecimento dos factos (Fig. 24).



**Figura 24** – Exemplo de um mapa mental criado a partir de uma fotografia.

Fonte: Schwarzelmuller, 2007.

A imagem criada através das representações, reflete apenas as percepções desenvolvidas e reforçadas para que essa imagem perdure ou se aproxime da desejada. O que reflete as percepções reais é a identidade do lugar (Azevedo *et al*, 2011).

Quando estudamos os territórios, observamos que a sua identidade é o resultado de uma construção ao longo da sua história. Os espaços têm adquirido diferentes especificidades de organização, estrutura e utilização, o que lhes tem vindo a conceber várias leituras, nomeadamente, e a mais flagrante, a distinção entre espaço urbano e rural.

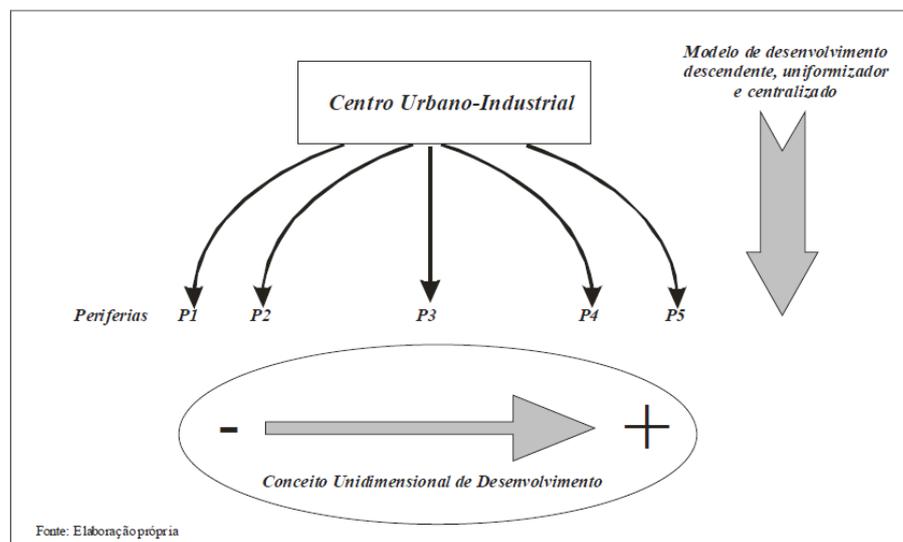
Ao observar o grau de desenvolvimento dos espaços, tem-se a percepção de que nem todos têm a mesma centralidade, atratividade e afluência. As paisagens são marcadas por uma variedade funcional e simbólica, já que existem diferentes territórios, seja do ponto de vista de dimensão, do exercício do poder, de carácter histórico associado, entre outros. Quando se tratam temas do desenvolvimento ou da evolução dos territórios, em alguns casos, aquilo que se observa é uma transformação de forma espontânea, do ponto de vista do planeamento e ordenamento, que se traduz numa fraca utilização e aproveitamento dos espaços.

Observar a forma como os territórios evoluem e se transformam, permite planear de forma ordenada esse desenvolvimento. Os modelos de desenvolvimento territorial surgem nessa linha de pensamento, como uma necessidade de pensar o futuro dos espaços. Quando apenas se “olha” o território, pode ficar a sensação de que os espaços são iguais e que por isso podem ser trabalhados a partir de modelos de desenvolvimento. Mas quando se “observa” o território e todas as suas

particularidades e singularidades, percebemos que a aplicação de modelos pode limitar a sua multidimensionalidade.

### 3.3. Marcas dos modelos de desenvolvimento territorial na paisagem

No processo de desenvolvimento territorial e durante bastante tempo, foi defendido o modelo de desenvolvimento difusionista (Fig. 25), muito embora este não permitisse muita liberdade para os territórios nem para a população. O papel de responsável pelo desenvolvimento dos territórios cabia principalmente ao Estado e este processo de desenvolvimento consistia basicamente em repetir os caminhos já percorridos.



**Figura 25** – Esquemática do modelo de desenvolvimento difusionista.

Fonte: Fernandes, 2012.

Os espaços urbanos e os territórios mais industriais assumiam o papel de modelo perante os territórios de baixa densidade e espaços rurais. O espectável seria que esses espaços pudessem também eles atingir esse nível de desenvolvimento (Fernandes, 2003). De acordo com este modelo, esperava-se que áreas rurais fossem gradualmente sofrendo processos de urbanização e industrialização, adquirindo então uma nova imagem, característica das áreas urbanas.

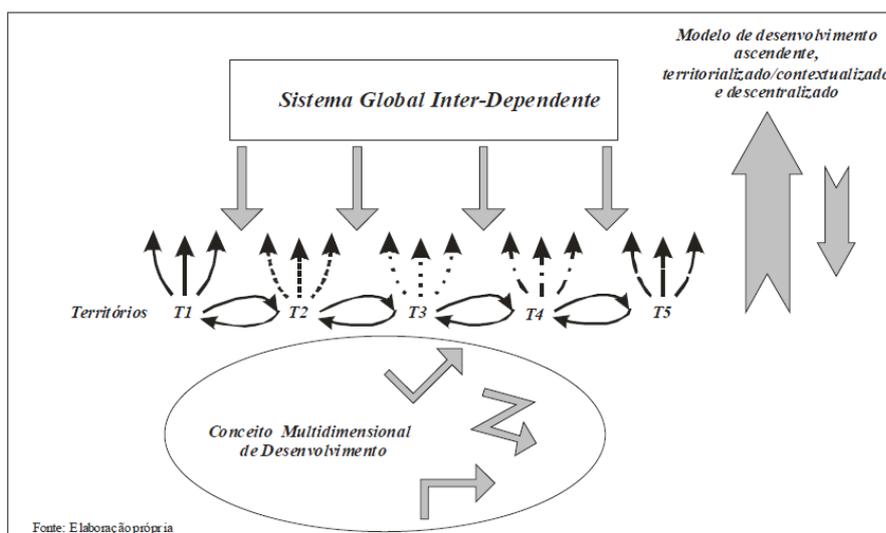
A ideia presente neste modelo era a de que, a existência de um centro difusor iria influenciar da mesma forma todos os outros territórios. Assim, cada território influenciado iria percorrer o mesmo percurso de desenvolvimento que o território difusor. De acordo com este modelo, os territórios poderiam ser facilmente classificados segundo o seu grau de desenvolvimento de industrialização e de

urbanização. Os territórios acabariam por perder a sua identidade, bem como a possibilidade de crescimento e inovação numa perspetiva de liberdade, uma vez que todos eles acabariam por apresentar um processo semelhante de desenvolvimento, embora com diferentes temporalidades.

Outra fragilidade do modelo prendia-se com a falta de atenção dada às populações locais e às especificidades de cada lugar, para além de que num dado momento verificou-se um conjunto de problemas, nomeadamente ao nível do planeamento estratégico. Isto levou à conclusão de que esses territórios mais desenvolvidos não deveriam ser utilizados como modelos, uma vez que tal facto poderia resultar em limitações e erros semelhantes noutros territórios, já que não tinham sido ainda encontradas respostas e soluções para esses problemas. Por outro lado, não é correto aplicar soluções semelhantes em territórios com especificidades e características diferentes.

É necessário observar os territórios numa perspetiva de unicidade de modo a entender e traçar as linhas de desenvolvimento e de ação focadas na realidade local, nos desejos e nas necessidades da sua população. De acordo com essa lógica, surge uma mudança de paradigma, na qual o modelo de desenvolvimento difusionista dá lugar ao modelo de desenvolvimento territorialista.

Para Fernandes (2012), o modelo de desenvolvimento territorialista (Fig. 26) coloca a realidade local no centro das políticas de desenvolvimento e traz para a discussão a participação da população local, já que esta é a principal interessada e afetada por todas as decisões que venham a ser tomadas e aplicadas na realidade local. Assim, é atribuído a este modelo uma perspetiva de interesse individual local e não apenas o interesse coletivo global.



**Figura 26** – Esquemática do modelo de desenvolvimento territorialista.

Fonte: Fernandes, 2012.

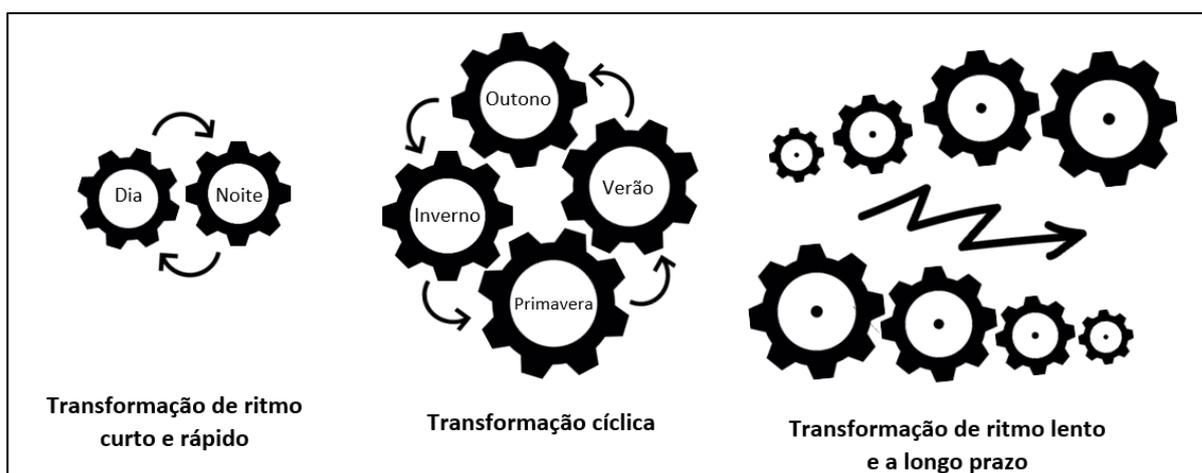
Através da observação e da análise numa perspetiva diacrónica, a maioria dos territórios enquadram-se neste modelo de desenvolvimento. Por um lado, porque se verificam especificidades próprias de desenvolvimento que não a replicação de modelos de replicação e por outro lado, porque as decisões tomadas espelham a preocupação em responder às necessidades individuais e institucionais presentes em cada território.

Através da observação e da análise, numa perspetiva diacrónica, a maioria dos territórios enquadram-se neste modelo de desenvolvimento. Por um lado, porque se verificam especificidades próprias de desenvolvimento que não a replicação de modelos de replicação. Por outro lado, porque as decisões tomadas espelham a preocupação em responder às necessidades individuais e institucionais presentes em cada território.

Esta reflexão sobre os modelos de desenvolvimento é importante para compreender que os lugares são diferentes. Nem todos apresentam o mesmo passado, nem todos revelam o mesmo poder económico e nem todos se afirmam pelo mesmo poder político. Este é um mundo de assimetrias e desigualdades (Cameijo, 2015). Além de que tudo isto é dinâmico, uma vez que ao observar as paisagens, estas expressam diferentes ritmos e ciclos que vão marcando as especificidades de cada lugar.

### 3.4. Ritmos e ciclos de transformação das paisagens

A mudança nas paisagens pode ocorrer a vários ritmos de transformação (Fig. 23). Esse ritmo pode ser mais lento ou mais rápido, marcando de forma mais ou menos acentuada as paisagens dos territórios.



**Figura 27** – Ritmos e ciclos de transformação das paisagens.

Elaboração própria, 2021.

Através da observação de territórios numa perspetiva diacrónica, é possível compreender e identificar essa geodiversidade na imagem dos territórios. Geodiversidade diacrónica “*refere-se a um espaço geográfico que, no visível e no não visível, apresenta diferentes padrões em diferentes contextos culturais*” (Fernandes, 2009:197).

A geodiversidade diacrónica torna-se por isso fundamental para compreender a imagem e a paisagem de um lugar, já que num mesmo lugar, ao longo de um determinado período ocorrem alterações constantes. Estas alterações podem por sua vez apresentar diferentes ritmos de mudança, mais curtos ou mais longos e que em alguns casos podem ocorrer de forma cíclica.

Um exemplo de ciclo curto na modificação da paisagem é a própria variação entre o dia e a noite. As *daylightscapes* e as *nightscapes* estão associadas a diferentes elementos visuais e a diferentes vivências do espaço (Fernandes, 2009). As próprias atividades e funções nos espaços também se alteram: durante o dia predominam os serviços, escritórios e outros locais específicos de trabalho, enquanto de noite surgem outros espaços como bares e discotecas, frequentados por população diferente daquela que durante o dia se movimenta no mesmo espaço (Alves, 2006). Neste contexto, é de salientar a importância da iluminação elétrica, prolongando a vida dos espaços também para a noite. Espaços sem iluminação ou mais escuros, transmitem uma imagem de insegurança e propiciam o aumento da criminalidade, enquanto espaços com mais e melhor iluminação tornam-se lugares mais seguros. A colocação e a presença de iluminação em determinados elementos emblemáticos e geossímbolos, alterou a paisagem noturna de muitos lugares (Fig. 28).



**Figura 28** – Paisagem urbana da cidade de Sabugal, durante o dia e durante a noite.

Arquivo fotográfico pessoal, 2016.

É possível observar transformações cíclicas na paisagem devido, por exemplo, aos ritmos topoclimáticos desencadeados pela transição das estações do ano. Do outono ao inverno e da primavera ao verão, os territórios alteram-se, há novos sons, a paisagem apresenta novas ou diferentes tonalidades e a sensação que uma determinada estação do ano transmite não é a mesma que nas outras estações. O inverno, por norma é muito marcado por cores escuras como o cinzento e em algumas áreas o branco, devido ao envolvimento da paisagem com a presença da neve; a primavera é marcada pelo verdejar e rejuvenescer da vegetação; o verão com cores mais quentes e secas em resultado das temperaturas mais elevadas; enquanto o outono é muito marcado pelas tonalidades acastanhadas (Fig. 29 e Fig. 30).



**Figura 29** – Mapa mental exposto numa parede da Escola Primária da Praia de Mira.

Arquivo fotográfico pessoal, 2022.



**Figura 30** – Uma mesma paisagem nas diferentes estações.

Fonte: <https://blogdoenem.com.br/quatro-estacoes/>, 2022.

Existe outro tipo de acontecimentos sazonais que conduzem à transformação cíclica de determinados espaços e que também influenciam diretamente a geodiversidade diacrónica. São o caso de eventos culturais de duração temporária: Natal, feiras populares, exposições, entre outros. Este tipo de eventos faz com que a imagem do lugar, durante um curto espaço de tempo e normalmente com intervalos regulares, ganhe uma especificidade própria marcada pelo evento e que a diferencia de outros momentos ao longo do ano.

Como exemplo, apresenta-se um mesmo espaço, no caso o largo do castelo do Sabugal (Fig. 31) em três momentos distintos. É possível observar um ritmo lento de transformação sobre a imagem que o espaço tinha no passado para a que apresenta no momento presente. No presente, é possível observar para o mesmo espaço em análise, uma modificação sazonal da paisagem, como resultado de um evento desportivo e de um evento cultural associado ao Natal. Além do evento em si, a observação da imagem reflete diferentes sensações: no passado, a sensação de uma imagem rural e estagnada; durante o evento desportivo, uma sensação de dinamismo, movimento e de calor, como resultado da época de estio em que o evento decorre; durante o evento cultural, transmite uma imagem de aconchego pelo contraste do vermelho com o nevoeiro, resultado da época do ano em que se celebra o Natal.



**Figura 31** – Largo do castelo do Sabugal: no passado, num evento desportivo e na feira de Natal.

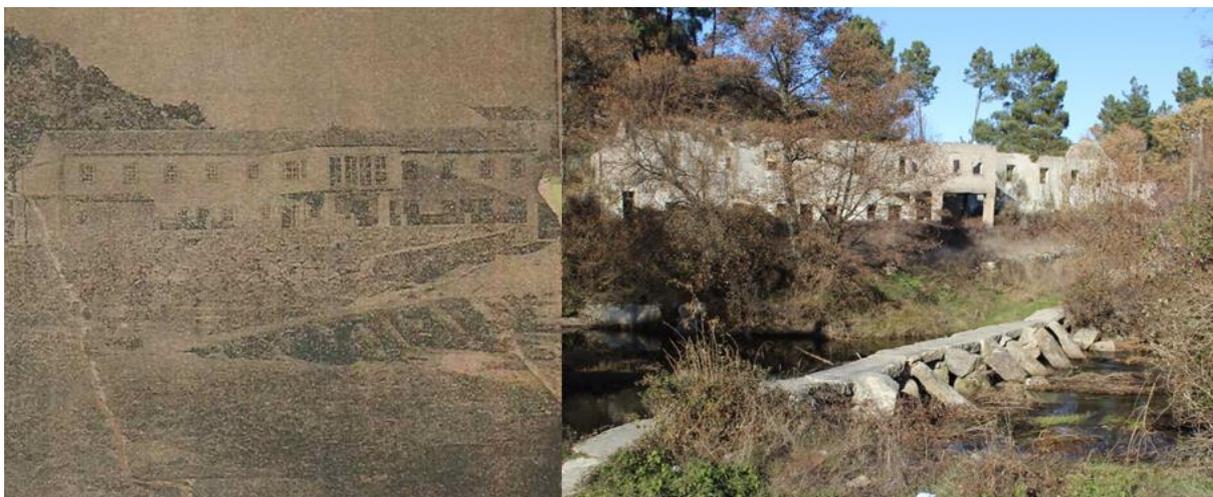
Arquivo fotográfico pessoal, sem datas.

Através deste exemplo, mais uma vez é possível também compreender a multidimensionalidade da imagem da paisagem, que pode ser palco de vários acontecimentos e compreender a multissensorialidade, que se obtém não apenas pelo olhar, mas através de uma observação que apele todos os sentidos.

Um ritmo lento, por norma, marca transformações na imagem dos espaços a longo prazo. Exemplos dessa temporalidade de mudança são as evoluções tecnológicas, ideologias políticas e o

próprio estatuto económico e cultural das sociedades, que tiveram uma evolução gradual numa escala de tempo maior, o que levou a que as modificações na paisagem não fossem tão bruscas e que as várias gerações que passam por esse território se fossem familiarizando e adaptando a essa nova imagem dos territórios.

Este tipo de transformação lenta está presente, por exemplo, num determinado espaço a expandir a sua territorialidade, como o caso de espaços rurais que se tornaram urbanos em resultado da industrialização, mas também em espaços que tenham visto encurtada a sua territorialidade, como resultado do êxodo da população ou do abandono agrícola e da reconversão de solos agrários em áreas de coberto florestal (Fig. 32).



**Figura 32** – Aspeto do consultório médico das termas do Cró, em 1936 e em 2020.

Arquivo fotográfico pessoal, 2020.

Os ritmos mais rápidos de transformação nas paisagens dos territórios, deixam marcas extremamente visíveis nos espaços, em resultado de decisões pouco vocacionadas para o tipo de território no qual se vai intervir. Neste caso, dado que o ritmo de modificação é mais acelerado, faz com que este tipo de alteração seja mais perceptível, já que também tem uma transformação mais arrojada e mais violenta do ponto de vista da imagem do local.

Já no caso das transformações mais lentas, existe uma maior dificuldade na observação do fenómeno, já que esse ritmo é mais lento do que o ciclo de vida do ser humano. Aqui torna-se importante o contributo da imagem fixa, por exemplo da fotografia, na análise comparativa de um mesmo espaço em diferentes momentos.

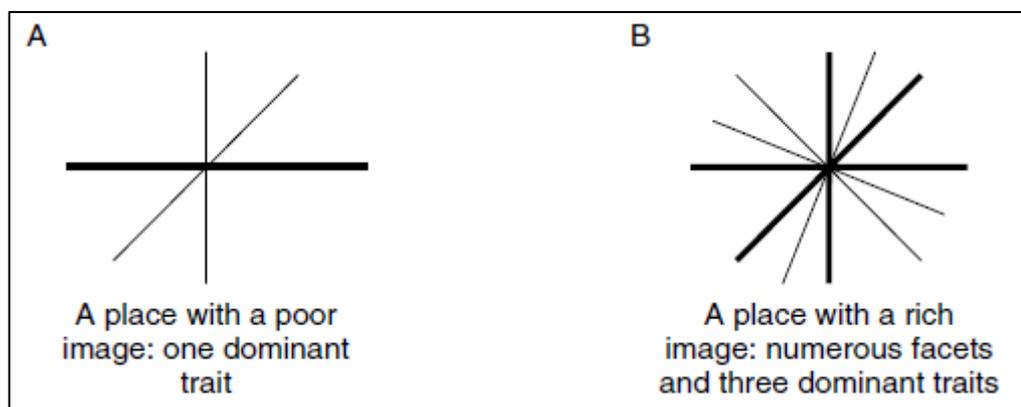
### 3.5. Imagem dos territórios: diversidade, intensidade e estereótipo

Tal como vimos, a imagem dos territórios é uma construção longa e multidimensional. A imagem de um território resulta do somatório das crenças, ideias e impressões que as pessoas têm em relação a um determinado lugar (mapa mental) e do conhecimento e informação que se tem dele (Kotler *et al.* 1994).

A imagem de um lugar é a soma de todas as características que surgem à memória quando se pensa nesse lugar (Avraham e Ketter, 2008) e por isso a imagem de um mesmo território poder ser diferente por exemplo, da perceção por parte da população local ou da população externa.

Ao longo do seu percurso de desenvolvimento territorial, todos os lugares foram (de forma mais ou menos planeada) construindo e transmitindo a sua imagem. Uns transmitindo uma imagem positiva e por isso mais atrativos, outros de uma imagem negativa e com isso um caráter mais repulsivo. Alguns territórios marcados por acontecimentos históricos negativos têm tentado cortar com o seu passado, pois não é positivo, do ponto de vista afetivo, o lugar ser associado a algo de que não se tem orgulho.

Os territórios podem por isso ser distinguidos pela imagem. Existem territórios com uma imagem “rica” e territórios com uma imagem “pobre”. Estes dois adjetivos estão relacionados com a quantidade de informação disponível sobre o lugar. Assim, um território que apresente uma imagem “rica” sabe-se muito sobre ele e existe uma grande diversidade de fontes de informação. Já um território com uma imagem “pobre” significa que pouco sobre esse lugar e o que geralmente se sabe resulta de escassas fontes de informação (Avraham e Ketter, 2008). O *Modelo da Estrela* criado por Elizur (1987, cit. por Avraham e Ketter, 2008), ilustra esquematicamente territórios com uma imagem rica e territórios com uma imagem pobre (Fig. 33).



**Figura 33** – *Modelo da Estrela*.

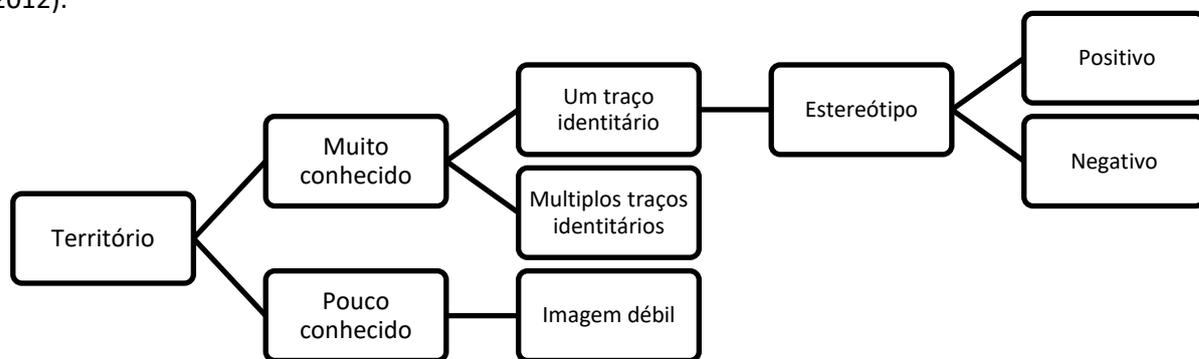
Fonte: Avraham e Ketter, 2008.

De acordo com este modelo, a imagem resulta do cruzamento de traços, características e especificidades que o território apresenta, das quais podem existir traços mais evidentes que se destacam dos demais. O lugar **A** apresenta uma imagem pobre, resultado de poucos traços identitários e da evidencia de apenas um. Já o lugar **B**, apresenta uma imagem rica, resultado da conjugação de múltiplos traços, dos quais vários em evidencia.

Assim a imagem do território pode ser classificada tanto pela diversidade, como também pela intensidade. Um território que apresente uma imagem pobre do ponto de vista da diversidade de traços identitários, pode simultaneamente apresentar uma imagem intensa, caso um desses traços se destaque. Já um território com uma imagem rica por apresentar uma maior diversidade de traços, pode apresentar uma imagem menos intensa pelo facto de ter vários traços com o mesmo grau de intensidade, fazendo com que nenhum deles se destaque.

Como resultado da dinâmica, da geodiversidade diacrónica e da modificação e transformação das paisagens, nada impede que o lugar com uma imagem pobre não se venha a transformar num lugar com uma imagem rica, ou o contrário, um lugar com uma imagem rica se poder converter num lugar com uma imagem pobre (Gaspar, 2013). Uma imagem intensiva pode resultar na criação de um estereótipo ao território, o que acaba por se traduzir em algo negativo já que, um dos traços, se vai sobrepor e absorver os restantes.

Contudo, se esse traço for algo favorável, apesar de se associar o território apenas a uma única imagem, o estereótipo pode ser visto como positivo, pois o território mantém uma imagem atrativa. O grande entrave acontece quando um território apresenta um estereótipo sustentado num traço negativo. Isso leva a que esse território adquira uma imagem repulsiva (Fig. 34). Pior que um território com um estereótipo negativo só mesmo a ausência de qualquer imagem ou conhecimento dele, que o remete para o esquecimento e o desconhecimento é uma barreira ao desenvolvimento (Fernandes, 2012).



**Figura 34** – Imagens mais ou menos resilientes dos territórios.

Fonte: adaptado de Avraham e Ketter, 2008.

### 3.6. A importância da imagem

Embora esta não seja uma discussão nova, continua a ser de elevada pertinência a reflexão sobre temas em torno da imagem, até porque, segundo René (2009) vivemos atualmente na “Civilização da Imagem”. A imagem vende, choca, apaixonava, documenta, educa, informa, condena, condiciona, esconde e mostra. E para além de todos estes verbos, a imagem transmite emoções, pensamentos e reflexões. A imagem suscita, condiciona, manipula e induz (Pinhal, 2017).

A imagem (fixa e em movimento) encontra-se dividida em dois domínios: imagens enquanto representações visuais de algo externo num determinado espaço e tempo e imagens como representações mentais cuja natureza é totalmente imaterial, fruto da imaginação (Schwarzemuller, 2007). É importante compreender estas duas dimensões de imagem e clarificar que a presente reflexão terá como foco teórico principal as imagens enquanto representações visuais do mundo visível.

Há muito que a imagem está presente no ensino. Exemplo disso são os manuais escolares que apresentam os conteúdos ilustrados com esquemas, fotografias, mapas, *cartoons*, bandas desenhadas, entre outras imagens. Mas a sala de aula é mais do que isso. Não podemos esquecer que a maioria das escolas já dispõem de acesso à internet nas salas de aula e algumas dispõem até de quadros interativos. Nesse sentido, o professor deve pensar nas diversas formas de imagem, seja no recurso ao filme ou outras formas de representação de modo a ilustrar conteúdos com vista ao desenvolvimento cognitivo desejado (Brásia, 2014).

Segundo dados apresentados por Maria Cândida Proença (1990), 83% do processo de aprendizagem resultam da visão, enquanto que a audição representa apenas uma importância de 11%. A combinação visão e audição representam 50% dos dados retidos pelos(as) alunos(as).

No que diz respeito ao método de ensino, 3 horas após a conclusão da aula, os alunos retêm 70% dos conteúdos em aulas exclusivamente orais, 72% em aulas baseadas na visualização e 85% em aulas onde existe combinação entre exposição oral e visual. Mas ao analisar os mesmos resultados passados 3 dias, os dados caem para 10% no caso de conteúdos retidos de aulas exclusivamente orais, para 20% em aulas baseadas na visualização e para 65% em aulas onde existe combinação entre oral e o visual (Proença, 1990). Uma outra pesquisa realizada em França, concluiu que 82% da aprendizagem informal se faz através da imagem e 55% desta aprendizagem é feita inconscientemente (Barbosa, 2008).

Nesse contexto, as artes visuais, como a pintura, o desenho e o filme, são capazes de transmitir uma mensagem de forma rápida e objetiva. Determinadas imagens têm o poder de despertar sensibilidades e emoções, invocar pensamentos e lembranças, o que contribui para uma maior

facilidade de memorização. O potencial da utilização de imagens na educação, tem sido motivo de discussão há anos. Vários psicólogos estudiosos do século XIX defendiam as imagens como relevantes para os processos de pensamento (Silva-Pires *et all*, 2018).

Outras linhas de investigação mais recentes afirmaram que a utilização de imagens é mais relevante quando associadas aos pensamentos ou quando os ilustram. Todos reconhecem que grande parte do nosso pensamento ocorre sob a forma de imagens. Até mesmo o pensamento racional recorre a imagens ou símbolos pensamento (Silva-Pires *et all*, 2018).

Tendo em consideração os dados apresentados e o contexto atual do ensino, a imagem reforça a sua importância no contexto de sala de aula, como elemento integrante da aprendizagem. Perante todos os desafios que atualmente o ensino atravessa, nomeadamente provocados pelo estado da atual pandemia provocada pelo Covid-19, torna-se ainda mais importante diversificar os recursos didáticos, procuram captar os(as) alunos(as) para uma aprendizagem mais eficaz duradoura (Gouveia, 2020).

Uma das possibilidades para o início de uma aula ou de um novo tema é a utilização da imagem-emoção, a imagem-imaginação, a imagem-subjetividade, a imagem-surpresa ou a imagem-enigma. Esta estratégia facilita a compreensão empática dos temas e envolve os alunos nos assuntos abordados (Pinhal, 2017).

### **3.6.1. Imagem fixa na Geografia**

Para Rose (2003) a Geografia caracteriza-se por ser uma disciplina visual e o reflexo disso são o conjunto e variedade de imagens visuais usadas pelos geógrafos ao produzir, interpretar e divulgar o trabalho geográfico.

Na Geografia, as imagens visuais ganharam um papel enquanto instrumentos de investigação, já que se recorre às fotografias (imagem fixa) e aos filmes (imagem em movimento) no processo de investigação e de análise à paisagem ou de fenómenos (Rose, 2012).

Embora a imagem seja vista como a linguagem do século XXI, através da qual se pretende dar significado às aprendizagens, a sua utilização está presente nos estudos de Geografia portuguesa, desde o século XX. Um exemplo disso são alguns dos trabalhos publicados pelo professor Orlando Ribeiro, particularmente *Portugal o Mediterrâneo e o Atlântico* (1945), no qual é utilizada a fotografia como ferramenta de trabalho geográfica. O seu espólio é composto por mais de 10.000 imagens, tanto da Geografia Física como Humana, resultado das suas investigações e viagens (Castro *et al*, 2021).

O papel do(a) professor(a) de Geografia é formar alunos(as) geograficamente competentes, ativos(as) e interventivos(as) na sociedade e no mundo contemporâneo. Assim, é fundamental encontrar estratégias para motivar os estudantes à aprendizagem. As imagens fixas, mais do que nunca, estão disponíveis ao acesso de qualquer cidadão, o que reforça ainda mais a importância em serem utilizadas e exploradas pelos alunos de Geografia em contexto de sala de aula.

Alguns autores contrapõem esta informação, ao referir a hiper visualização como obstáculo ao foco e à atenção, pela presença de imagens e estímulos visuais por todo o lado. Segundo Fernando Ilharco (2014) *“milhares de ecrãs, cartazes, outdoors, 24 horas por dia, década atrás de década, alteram definitivamente a percepção, a atenção, a linguagem, mudando-nos independentemente de análises e opiniões”*. Numa sociedade cada vez mais visual e digital, torna-se fundamental o papel e a função da escola e do ensino em continuar a trabalhar o texto e a informação escrita. Importa ter em consideração este fator, de modo a não se incorrer no erro da sobrevalorização da imagem e da subvalorização da escrita.

Mas o perfil do(a) aluno(a) atual já não se satisfaz apenas com livros, com imagens e diálogos. Vivem rodeados de estímulos e aprendem a viver nesse frenesim. Por isso, no ambiente de sala de aula, precisam de linguagens que eles entendam, que consigam produzir, com as quais se identifiquem, de maneira a promover a reflexão aberta e sem obstáculos (Pinhal, 2017).

Na Geografia, a utilização certa de uma imagem que ilustre um texto ou um pormenor geográfico, contribui para a vivência do contexto espacial e esse facto transforma-se em conhecimento poderoso para os(as) alunos(as). O recurso à imagem numa sala de aula deve incentivar o debate através da desconstrução de cenários e processos, conduzir a novas leituras e com isso retirar conclusões, por vezes de modo mais eficaz que a linguagem verbal. Assim a imagem pode assumir uma centralidade dinamizadora da aprendizagem (Brásia, 2014).

Sendo a Geografia por excelência uma ciência que se alimenta da observação dos vários fenómenos que ocorrem à superfície da Terra, recorre à imagem fixa nas suas mais variadas formas: imagens de satélite, fotografia e fotografia aérea, gráficos, mapas, desenhos, esquemas, *grafites*, entre outras (Fig. 35). Este poder de visualização permite aos alunos a observação, captação, assimilação e aprendizagem de conteúdos.

Nesse sentido, a imagem fixa apresenta-se como um excelente recurso de utilização e exploração em contexto de sala de aula, uma vez que, através dela é possível lecionar conteúdos e explorar diversas informações, de acordo com a intenção do(a) professor(a) e com o objetivo do tema

da aula. A imagem é um recurso didático de extrema importância para o ensino da Geografia, já que através dela é possível reproduzir, representar e compreender o espaço geográfico.



**Figura 35** – Diferentes categorias de imagem fixa com importância na Geografia.

Elaboração própria a partir de diversas fontes, 2021.

Através dos diversos modos de suporte e reprodução de imagens fixas, estas constituem uma forma de linguagem e comunicação nas múltiplas mensagens que transmitem e nas múltiplas interpretações que permitem (Martins, 2014).

A utilização da imagem, em particular através dos ambientes digitais e virtuais é também uma boa estratégia para aproximar os(as) alunos(as) da disciplina de Geografia. Os(as) alunos(as) desenvolvem uma maior proximidade, de alguma forma até do ponto de vista afetivo, com disciplinas às quais atribuem um carácter tecnológico, pela sua utilidade prática (Brásia, 2014).

### 3.6.2. Fotografia no ensino de Geografia

É urgente ‘humanizar’ os temas sociais e culturais da Geografia dentro da sala de aula e a fotografia, é um excelente recurso para captar emoções e sentimentos. A emoção tem o poder de marcar um momento. Esse lado emocional pode ser invocado dentro da sala de aula e essa partilha e exploração em grupo irá aproximar seguramente os alunos aos conteúdos lecionados (Schnell, s/d).

Segundo Castro *et al* (2021) a relação entre a imagem e Geografia é quase tão antiga como o daguerreótipo<sup>9</sup>. As primeiras fotografias captadas por Daguerre ou Niepce incidiam principalmente em paisagens, particularmente paisagens urbanas, mas também muito em paisagens naturais. Através da imagem fixa, particularmente da fotografia, é possível a partir de uma análise mais rápida extrair informação sobre o lugar, não querendo com isso dizer que seja uma leitura mais correta, na medida que a interpretação depende e difere de acordo com o observador, sendo por isso uma leitura subjetiva (Dias, 2014).

Mas para estudar a ação do tempo no território, a fotografia é um importante instrumento e recurso. Permite olhar o espaço e perceber a relação, num determinado momento, entre o ser humano e a natureza. Através da análise temporal, embora encaixada na categoria de imagem fixa, a fotografia perde o seu caráter estático e permite-nos ter a noção de transformação, através da comparação entre o passado e o presente. A fotografia torna-se assim um meio de conhecimento, de acordo com o que a sua escala permite, já que nela a informação sobre o espaço é definida pela dimensão da imagem e por isso muito mais reduzida que a captação através da observação direta. Além disso, a imagem que nos chega do passado apresenta uma tonalidade diferente e por isso, desde logo a sensação de que o lugar percorreu um trajeto da sombra para a luz, da fotografia a preto e branco para a fotografia a cores (Cameijo, 2016).

A utilização deste recurso em ambiente de sala de aula apresenta um conjunto de vantagens tanto para o(a) professor(a), como ferramenta de suporte e estratégia didática, como para os(as) alunos(as), que através dela têm a possibilidade de compreender os conteúdos teóricos que estão a ser expostos. Mas as imagens não devem ser utilizadas apenas para expor fenómenos ou para comprovar teorias estudadas. Elas devem ser desconstruídas e analisadas.

A interpretação de imagens e de fotografias permite ver, observar, localizar, analisar, descrever e explicar diferentes elementos ou fenómenos presentes que compõem a paisagem captada. Todas essas etapas compõem e integram o método de estudo da Geografia (Fig. 22 do ponto 3.1. Observação na Geografia), que no caso resulta da observação indireta.

O ensino da Geografia nas escolas nem sempre permite aos(às) alunos(as), por razões várias (de ordem logística, geográfica, financeira, entre outras), o processo de observação direta nos vários temas que são abordados na disciplina. A observação indireta através de imagens e a fotografias

---

<sup>9</sup> Foi o primeiro aparelho fotográfico divulgado e comercializado ao público em 1839.

possibilita e facilita uma aproximação direta ao tema em estudo e à realidade social, levando assim os alunos a adquirir capacidades de observação e interpretação, desenvolvendo a sua literacia geográfica.

O simples ato de “olhar” não basta. É necessário recorrer a uma metodologia de “observação” com intenção e com objetivos específicos, de forma a retirar informação sobre os diferentes elementos presentes nela e que serão alvo de análise. Este processo traduz-se numa tarefa complexa e exigente sobretudo para o(a) professor(a), que deve assumir um papel de guia e orientador(a) no processo da observação, uma vez que nem sempre a imagem espelha uma representação fidedigna da realidade, como anteriormente já foi referido. É importante ter cuidado em não utilizar em contexto de sala de aula, imagens que distorcem a realidade geográfica.

Segundo Baker (2007), a imagem de um lugar pode ser o resultado de três construções: orgânica, vivida e induzida. No caso da imagem orgânica, que se trata de uma construção informal e da imagem vivida, que se trata da experiência pessoal, estas traduzem-se em representações mais fiéis, ao contrário de algumas imagens que resultam de uma construção formal e induzida. São o caso de imagens que o lugar controla, trabalha, promove e produz através de campanhas de marketing ativo, que embora continuem a ser uma representação do território, fazem-no com um certo grau de “manipulação” e são controlados pelo local, com fim à obtenção de valores económicos e turísticos.

A não compreensão por este tipo de interesse subjacente em determinadas imagens fotográficas pode levar os(as) alunos(as) a apreender erradamente uma informação sobre um território, algo que não acontece na observação direta, na qual mais facilmente são perceptíveis os elementos naturais e a identidade ou as representações e recriações. Assim é exigido ao(a) professor(a) um maior conhecimento do local, de modo a poder desconstruir representações manipuladas, caso estas integram a imagem alvo de observação. Só dessa forma a imagem pode assumir uma função pedagógica.

Uma outra limitação tanto da imagem no geral como da fotografia é que embora estimulando o conhecimento isso não substitui a observação direta, já que elas são o resultado da perceção do emissor sobre a realidade, não a realidade em si (Fernandes, 2006). Também a falta de nitidez ou de qualidade de registo fotográfico podem dificultar a perceção na observação dos detalhes e conduzir a uma interpretação desvirtuada da realidade (Brandão, 2020).

Mas o processo de ensino e aprendizagem com recurso à fotografia permite não só a observação de forma indireta de elementos geográficos, como também despertar o espírito crítico sobre as mesmas, salientado que a imagem nem sempre é uma pura réplica do que efetivamente existe

no lugar. Com isso, os(as) alunos(as) adquirem capacidades de descodificação deixando de ser meros consumidores de imagens (Martins, 2014).

Ao adquirir essa capacidade de interpretação, os(as) alunos(as) estão preparados(as) não apenas para utilizar esse poder no contexto da disciplina de Geografia, mas também para se poderem proteger perante o atual movimento absorvente, constante e hipnótico de imagens e representações da sociedade digital e do mundo contemporâneo.

#### **4. Estratégia(s) pedagógico-didática(s)**

##### **4.1. Proposta(s) de aplicação em sala de aula, metodologia e resultados**

Na sequência da metodologia e revisão bibliográfica apresentadas anteriormente, foram implementadas em contexto de sala de aula, duas propostas didáticas, utilizando a observação de fotografia como metodologia e estratégia.

A primeira proposta, tratou-se de um exercício de observação de imagens, sobre a percepção da paisagem de modo a compreender a distribuição da população mundial na superfície terrestre. Esta estratégia foi implementada nas cinco turmas de 8º ano, uma das quais coincidiu com a primeira aula assistida e supervisionada pela Professora Supervisora Fátima Velez de Castro.

A segunda proposta, referiu-se a um exercício de observação sobre fotografias de Mira, numa perspetiva diacrónica, de modo a analisar a evolução e transformação na paisagem, e através de um estudo caso sobre a realidade local, consolidar vários domínios abordados ao longo do ano letivo, na disciplina de Geografia.

De modo a facilitar a exposição de cada exercício, será apresentado de seguida, para cada das referidas propostas, a metodologia utilizada e os resultados obtidos.

##### **4.1.1 Exercício sobre percepção da paisagem a partir da imagem**

Como forma de verificar o potencial da observação da imagem fixa na construção de conhecimento geográfico, anteriormente fundamentado na reflexão teórica, foi posta em prática essa estratégia na turma do 8ºA, durante a aula assistida pela Professora Supervisora Fátima Velez de Castro, e às restantes turmas do nível 8 (B, C, D e E), como forma de proceder a essa experimentação e retirar algumas conclusões dos resultados obtidos.

O objetivo principal para aula foi compreender os fatores que influenciam a distribuição da população sobre a superfície terrestre. Este tema insere-se no domínio da “População e Povoamento”, particularmente no subdomínio “Áreas de Fixação Humana”. Para isso foi apresentado e projetado um conjunto de seis imagens, numeradas de 1 a 6, sem qualquer legenda, nem qualquer informação explicativa (Fig. 36).



**Figura 36** – Imagens de lugares usadas no exercício sobre percepção da paisagem.

Fonte: Gomes *et al*, 2014.

O critério que esteve na base da seleção destas imagens, foi o facto de se traduzirem em imagens de referência sobre características gerais de alguns territórios, mas também o facto constarem numa ficha de trabalho, presente no manual adotado na disciplina e dessa forma trazer uma perspetiva diferente ao modo como o conhecimento científico pode ser (des)construído. Além disso, com a utilização destas imagens pretendeu-se criar uma referência mental e uma ligação mais evidente no momento em que os(as) alunos(as) utilizem de novo o manual para estudar e se preparar para os momentos de avaliação.

Foi solicitado aos(às) alunos(as) para observar numa primeira fase, o conjunto de imagens e num segundo momento selecionar, de forma escrita, um lugar onde gostariam de viver e um lugar onde não gostariam de viver, justificando ambas as escolhas. Foi também explicado que a observação indireta, através de imagens sejam elas fixas ou em movimento (no caso fixas), se trata de uma

importante metodologia de investigação científica em várias ciências, mas particularmente na disciplina de Geografia.

A noção de que, segundo Aristóteles, “*educar a mente sem educar o coração, não é educação*”, mostra que esta ideia já não é algo verdadeiramente novo. Na qualidade de futuro professor, embora seja de extrema importância uma educação assente no conhecimento (educar a mente), deve existir uma preocupação também com a educação onde esteja presente a dimensão afetiva (educar o coração), remetendo-nos para a ideia de que, é necessário que o conhecimento possa ser parte integrante de cada um e através dessa educação, retirar informação do lado mais emocional e do processo de desenvolvimento e aprendizagem individual de cada aluno(a).

Um processo de ensino-aprendizagem que permita raciocinar e colocar em prática princípios e soluções (motor), resulta do conhecimento e do domínio da informação (cognitivo) mas também da forma como é compreendida e usada essa informação e conhecimento (afetivo) (Damião, 2020).

Nesse sentido, a presente estratégia apela ao lado afetivo dos(as) alunos(as) na construção do conhecimento, através do questionamento de qual o lugar onde gostaria e onde não gostariam de viver, levando-os a refletir sobre essas motivações e justificações, no sentido da construção conjunta sobre os fatores (naturais e humanos) que influenciam a distribuição dos Seres Humanos, pelos diferentes territórios.

O facto desta questão ser feita na dimensão “viver” e não na dimensão “visitar”, tem como intuito levar os(as) alunos(as) a compreender que nessa decisão devem pesar um conjunto de condições necessárias à sobrevivência do Ser Humano, numa perspectiva a longo prazo. Além disso, esta decisão é fundamentada no âmbito das Áreas de Competência, segundo o *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*, nomeadamente no Desenvolvimento Pessoal e Autonomia, no sentido de estabelecer relações entre conhecimento, emoções e comportamentos.

Para tal, recorreu-se à utilização e distribuição de um questionário por entrevista semiestruturado (cf. Anexo XIV), a partir do qual será possível retirar informação quantitativa, através da organização de frequências, recorrendo ao método da estatística descritiva; e retirar também informação qualitativa, que resultou da análise de conteúdo das respostas de motivação/ justificação.

Os resultados recolhidos em cada turma foram apresentados e interpretados no decurso da própria aula em que a estratégia foi aplicada, de modo a retirar com os(as) alunos(as) um conjunto de conclusões. Esses resultados são apresentados aqui no presente relatório de forma global, do que diz respeito ao conjunto das 5 turmas de nível 8, de modo a retirar as devidas conclusões dos respetivos dados quantitativos e qualitativos conseguidos.

O quadro seguinte apresenta a informação quantitativa, através da organização de frequências, para o conjunto das 5 turmas, num total de 117 alunos.

Nº DA IMAGEM	Nº DE ALUNOS QUE GOSTARIA DE VIVER NESSE LUGAR	Nº DE ALUNOS QUE NÃO GOSTARIA DE VIVER NESSE LUGAR
1	9	3
2	35	5
3	4	15
4	10	6
5	57	6
6	2	82
TOTAL DE ALUNOS DO 8º A, B, C, D, E	<b>117</b>	<b>117</b>

**Quadro 1:** Frequências de resposta.

Elaboração própria, a partir dos inquéritos aplicados, 2022.

De acordo com os resultados obtidos, é possível observar duas tendências: as imagens 5 e 2 foram as mais escolhidas pelos(as) alunos(as), como os lugares onde gostariam de viver, com um total de 57 alunos(as) para a imagem 5 e um total de 35 alunos(as) para a imagem 2; as imagens 6 e 3 foram as mais escolhidas pelos(as) alunos(as), como os lugares onde não gostariam de viver, com um total de 82 alunos(as) para a imagem 6 e um total de 15 alunos(as) para a imagem 3.

A partir da noção de “gostar” e “não gostar”, foi possível levar os(as) alunos(as) a compreender e diferenciar os conceitos de “áreas atrativas” e “áreas repulsivas”, e que tal facto justifica que a população se distribuía de forma diferente pelos diversos espaços e territórios.

Assim, através do exercício e da estratégia desenvolvida na aula, os(as) alunos(as) compreenderam que a dispersão e a tendência dos resultados das suas respostas espelham a realidade do que acontece na distribuição da população pelos diferentes espaços na superfície da Terra.

Existem territórios atrativos que resultam em grandes concentrações populacionais, alguns menos atrativos, com baixas densidades populacionais e outros repulsivos que correspondem aos vazios humanos.

Foi explicado aos(às) alunos(as) que o carácter atrativo ou repulsivo dos territórios, está de forma intrínseca, relacionado com fatores que concedem condições favoráveis ou desfavoráveis à sobrevivência do Ser Humano neles e daí a questão ter sido apresentada enquanto escolha de lugar para “viver” e não apenas para “visitar”.

Depois de compreendido que a população se distribui de forma desigual pelos diferentes territórios e que os lugares assumem diferentes imagens de acordo com o seu grau de atratividade,

interessou identificar quais os fatores que influenciam essa distribuição da população e que leva a que existam territórios atrativos e territórios repulsivos.

Nesse sentido foram reproduzidos 2 áudios aos(as) alunos(as): um composto por sons da natureza, tais como: água a correr, sons de animais, chuva, vento; e outro áudio com sons humanizados, que continha: sons de veículos, sirenes de emergência, passos, ruído urbano, sons de máquinas industriais, moedas, entre outros. Através da audição destes dois áudios e dos sons presentes em cada um deles, os(as) alunos(as) concluíram rapidamente que os fatores que influenciam a distribuição da população se podem agrupar em fatores naturais ou físicos e em fatores humanos.

O recurso à utilização da fotografia e simultaneamente do som, traduz-se numa estratégia didática que visa demonstrar aos(as) alunos(as) a importância da multissensorialidade na construção do conhecimento e no conhecimento dos territórios, como referido no ponto 3.2. da reflexão empírica. Como se verificou, algumas das representações, podem não se tratar de uma reprodução exata da imagem que o lugar transmite e com isso não permite ao observador uma percepção clara nem conhecimento real sobre a multidimensionalidade do lugar. Por essa razão, optou-se por articular a fotografia e o som, enquanto estratégia didática.

Até porque, segundo o *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*, é fundamental desenvolver nos(as) alunos(as) múltiplas literacias que lhe permitam analisar e questionar criticamente a realidade, avaliar e selecionar a informação, formular hipóteses e tomar decisões fundamentadas no quotidiano.

Encontradas as duas categorias de fatores justificativos na distribuição da população, os(as) alunos(as) foram convidados a partilhar as justificações apresentadas na seleção do lugar onde gostaria de viver e do lugar onde não gostariam de viver, de modo a poder categorizá-las nos fatores naturais ou humanos.

O tipo de resposta e justificação que os(as) alunos(as) escreveram no exercício de observação e seleção das imagens, espelha o seu caráter afetivo e de reflexão, através do qual se vai construir o conhecimento. Este tipo de estratégia revelou-se muito positivo, na medida em que os(as) alunos(as) se sentiram motivados(as) a participar ativamente na aula, na partilha da sua resposta e justificação/motivação.

Assim, a partir da análise qualitativa das respostas foi possível observar tendências. Visto a imagem número 5 ter sido a mais escolhida pelos(as) alunos(as), como o lugar onde gostariam de viver, foram analisadas as respostas, das quais se apresentam aqui algumas, que espelham justificação pela escolha:

*“... porque está perto da linha de costa, é um local plano... é uma cidade grande... está perto de tudo: supermercados, lojas.”*

*“... porque é uma cidade, podemos ter tudo ao nosso lado e também ter a praia ao lado.”*

*“Eu gosto de estar mais nas cidades, porque nas cidades temos tudo.”*

*“... porque teria melhores condições de vida e maior oportunidade de arranjar emprego...”*

Foi explicado aos(às) alunos(as) que lugares com características semelhantes às da imagem 5, apresentam uma imagem mais atrativa pelo facto de reunirem condições e fatores naturais e humanos tais como: proximidade do mar; um tipo de relevo mais aplanado; atração por cidades; boas acessibilidades e comunicações; atividades económicas e serviços.

A imagem número 2 foi a segunda mais escolhida pelos(as) alunos(as), como o lugar onde gostariam de viver. A justificações para esta escolha foram também semelhantes, entre os(as) alunos(as) que efetuaram essa opção:

*“...pois é perto da água...”*

*“...pois tem casas, alimento e água...”*

*“...porque tem rio e recursos para a sobrevivência.”*

*“...porque para além de apresentar uma bela paisagem e apesar de mais rural, aparenta conforto e os recursos necessários à sobrevivência.”*

A partir das respostas partilhadas pelos(as) alunos(as) no decorrer da própria aula, foi possível concluir que lugares com características semelhantes às da imagem 2, apresentam uma imagem mais atrativa pelo facto de reunirem condições e fatores naturais e humanos tais como: proximidade dos rios; disponibilidade de recursos; fertilidade dos solos; relevo aplanado.

Do lado oposto, isto é, na perspetiva das imagens escolhidas pelos(as) alunos(as), como os lugares onde não gostariam de viver, destaca-se significativamente a imagem 6. De modo geral, as respostas e as justificações apresentadas pelos(as) alunos(as) no decurso da própria aula, foram as seguintes:

*“...porque é um lugar muito quente e tem falta de água.”*

*“...devido ao calor extremo e à seca.”*

*“É literalmente um deserto de areia e de pessoas.”*

*“...porque no deserto não conseguia qualquer tipo de tecnologia e teria de suportar o calor insuportável durante o dia e o frio de rachar durante a noite.”*

A partir das respostas partilhadas pelos(as) alunos(as), foi possível concluir que lugares com características semelhantes às da imagem 6, espelham uma imagem mais repulsiva, devido facto de apresentarem condições desfavoráveis, tanto naturais como humanas, tais como: temperatura elevada; fraca precipitação; elevada amplitude térmica; escassez de recursos hídricos; fraca fertilidade dos solos; dificuldade nas acessibilidades e comunicações.

A imagem número 3 foi a segunda mais escolhida pelos(as) alunos(as), como o lugar onde não gostariam de viver. As justificações apresentadas para essa escolha, refletem o caráter repulsivo de territórios que apresentam características semelhantes às da imagem 3, principalmente pelo fator natural baixas temperaturas, como se verifica nas seguintes respostas:

*“... porque vê-se que é um lugar muito frio.”*

*“...pelo tipo de clima, com a presença de gelo e neve.”*

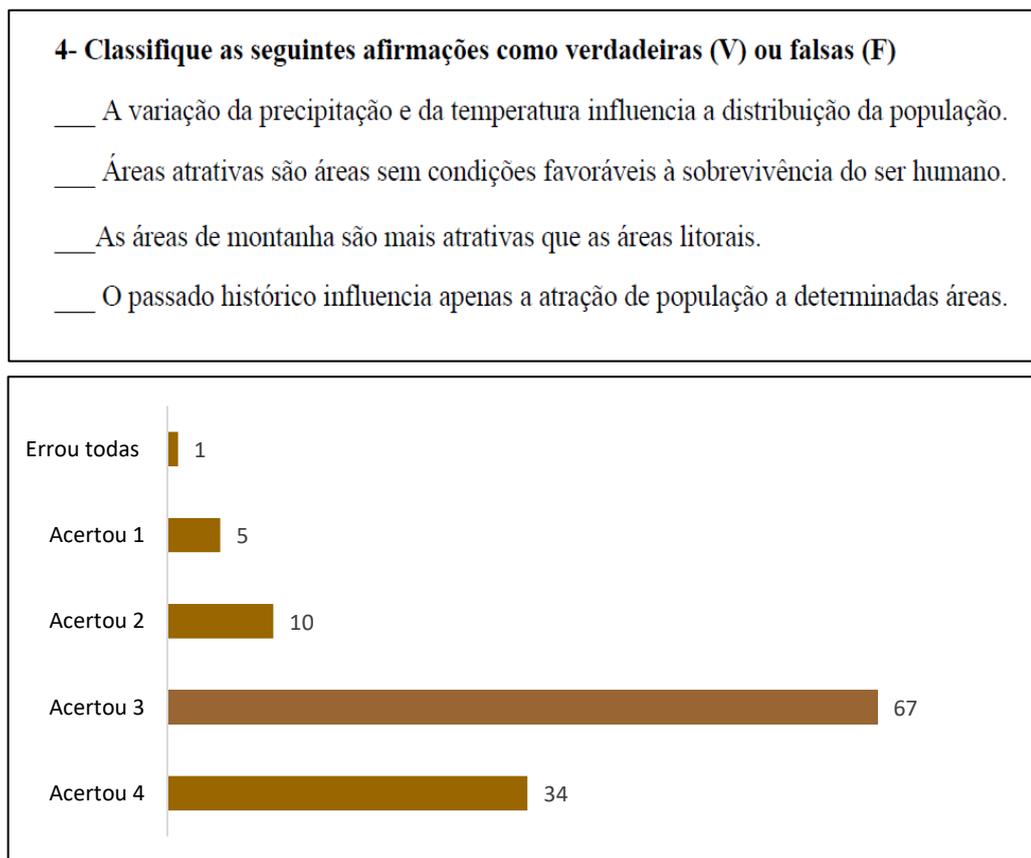
Para a avaliação sobre o sucesso da estratégia aplicada, o método definido na planificação de aula, previa que os(as) alunos(as) fossem avaliados(as) consoante a sua participação na aula e no debate de ideias após a observação de imagens (registo em grelha de observação e recolha de fichas de trabalho); e ainda que os(as) alunos(as) fossem avaliados especificamente através de questões sobre o tema, na ficha de avaliação sumativa.

No que diz respeito ao primeiro aspeto, de modo global, esta implementação traduziu-se numa estratégia de sucesso, pela forma como os(as) alunos(as) participaram, partilharam e contribuíram para a dinâmica da aula, sentindo-se motivados(as) pelo facto de eles(as) mesmo poderem (re)construir o conhecimento científico. Esta estratégia de observação indireta, aproximou-os(as) e envolve-os(as) com o tema lecionado, já que os dados alvo de análise não eram dados ‘abstratos’, mas sim o resultado da sua perceção pessoal e dos(as) colegas da turma, que foi ao encontro da perceção geral do Ser Humano. Esse facto contribuiu para reforçar a ideia de que a Geografia é uma disciplina na qual o contributo de todos é fundamental para a criação de conhecimento científico e não apenas uma disciplina através da qual se transmite ou se tem acesso ao conhecimento que outros(as) construíram.

Através da observação da dinâmica e participação ativa na aula, foi possível concluir, nas cinco turmas em que o exercício decorreu, um elevado o grau de satisfação e sucesso com a estratégia.

Além disso, o sucesso desta estratégia foi também comprovado no segundo aspeto, isto é, através dos resultados obtidos pelos(as) alunos(as) na ficha de avaliação sumativa, especificamente através da resposta a questões sobre o tema lecionado.

Os resultados apresentados correspondem à taxa de sucesso obtida na resposta às questões número 4., 5.3., 5.4. e 7., na 4ª ficha de avaliação sumativa (Anexo III), realizada entre os dias 10 e 17 de março de 2022, pelas cinco turmas de 8º ano (Fig. 37, 38 e 39).



**Figura 37** – Resultados das respostas à questão 4.

Elaboração própria, 2022.

**5.3. A presença de pop. é nula ou reduzida nas regiões polares porque...**

\_\_\_ a densidade da vegetação dificulta a ocupação humana.

\_\_\_ o solo é pobre e a amplitude térmica diurna é elevada.

\_\_\_ as temperaturas são baixas e há longos períodos sem luz solar.

\_\_\_ à medida que a altitude aumenta a quantidade de oxigénio diminui.

**5.4. Um território é mais atrativo e fixa mais população quando...**

\_\_\_ apresenta pouca poluição ambiental, porque são florestas densas.

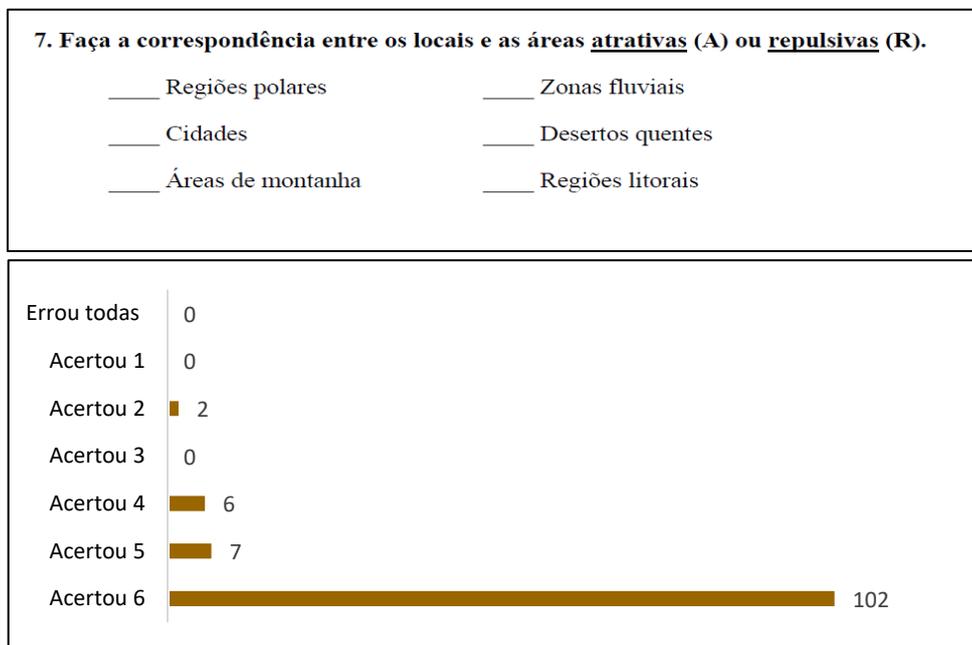
\_\_\_ existem boas vias de comunicação e acessibilidade.

\_\_\_ se trata de áreas rurais.



**Figura 38** – Resultados das respostas à questão 5.3. e 5.4.

Elaboração própria, 2022.



**Figura 39** – Resultados das respostas à questão 7.

Elaboração própria, 2022.

De acordo com a análise aos resultados obtidos e apresentados, verifica-se uma elevada taxa de sucesso na resposta às questões específicas sobre os conteúdos lecionados através da estratégia proposta e descrita. Consequente, refletem também o sucesso da estratégia de utilização de fotografias e imagens de referência que associadas ao pensamento, reforçam a aprendizagem e os conteúdos retidos pelos(as) alunos(as).

Confirma-se o que foi referido anteriormente no ponto 3.6., de que as imagens são capazes de transmitir uma mensagem de forma rápida e objetiva. Segundo Pinhal (2017), a utilização de imagens para iniciar uma aula ou introduzir um novo tema, enquanto imagem-emoção, verificou-se uma estratégia eficiente, pois facilitou a compreensão empática e o envolvimento com o tema abordado.

#### **4.1.2. Mira: o percurso entre a sombra e a luz. Análise diacrónica da imagem**

A imagem fixa apresenta-se como uma potencial ferramenta enquanto estratégia didática para lecionar o tema da modificação e da evolução das paisagens e dos territórios. Através de uma boa imagem é possível observar, analisar e compreender fenómenos ou outras problemáticas e consequentemente compreender também a realidade dos territórios, na ótica da Geografia.

No âmbito da prática pedagógica supervisionada pretende-se, com recurso à fotografia, observar fenómenos geográficos, tendo como estudo caso o território de Mira.

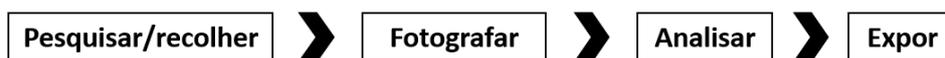
A escolha por esta área geográfica deve-se, por um lado, à familiaridade e proximidade dos(as) alunos(as) ao território, mas também à importância pelo conhecimento da realidade local. Serve também como forma de aplicar à escala do local, modelos e conceitos abordados nas aulas da disciplina à escala global, com o objetivo de obter aquilo que se entende como aprendizagens significativas.

A proposta aqui delineada, enquanto estratégia didática, é inspirada na obra *Portugal - Luz e sombra, o país depois de Orlando Ribeiro* (2012), de Duarte Belo, no qual o autor e fotógrafo regressa a alguns dos locais captados pela objetiva de Orlando Ribeiro, para os fotografar e mostrar, através dessa viagem no tempo, algumas das marcas registadas por Orlando Ribeiro que ficaram e outras que desapareceram.

O objetivo final é a realização de um trabalho e uma análise foto(geo)gráfica com o tema "*Mira, o percurso entre a sombra e a luz*". A escolha deste nome resulta da analogia que pode ser feita entre a sombra enquanto o passado, não pelo facto de ser algo negro ou negativo, mas sim pela tonalidade monocromática da fotografia a preto e branco; e a luz, em analogia ao presente, à fotografia a cores e ao aspeto que o espaço ou a paisagem apresentam à luz dos nossos dias. Com esta perspetiva de análise diacrónica, é retirado à fotografia o seu carácter estático enquanto imagem fixa, já que com este trabalho é perceptível a modificação e alteração dos elementos da paisagem ou dos fenómenos geográficos.

A aplicação desta estratégia deve acontecer em diferentes fases:

1ª fase – Planificar (outubro): esta fase de trabalho correspondeu ao momento inicial, após a escolha da estratégia e definição dos objetivos. Neste ponto foi delineada a estratégia e a forma como ela seria desenvolvida e aplicada em contexto letivo. A concretização da estratégia obedeceu à sequência de 4 momentos:



Foi solicitado aos(às) alunos(as) trabalho autónomo de **pesquisa** e **recolha** de imagens fotográficas antigas de Mira, com recurso a várias fontes de informação. Esse trabalho deve envolver também as famílias, contribuindo para a dinâmica intergeracional. Neste ponto foi também abordado com os(as) alunos(as), questões essenciais sobre a utilização e referenciação de fontes de informação e de direitos de autor.

Depois de recolhidas, os(as) alunos(as) deveriam datar e identificar a localização da paisagem ou local presente na fotografia. Encontrada a localização foi necessária deslocação ao local para **fotografar** a imagem que a paisagem apresenta no momento atual. Pretendeu-se com isso que essas mesmas imagens pudessem ser recriadas, a partir de um ângulo semelhante. Essa tarefa permitiu a observação direta e o trabalho de campo, essencial na Geografia. É também uma forma de sensibilizar os(as) alunos(as) para a utilização das tecnologias do dia-a-dia, como o telemóvel e câmara fotográfica, numa perspetiva didática e de contributo para a construção de conhecimento.

Seriam selecionadas algumas imagens, aquelas a partir das quais fosse possível **analisar** mais informação. Em sala de aula seriam colocadas as imagens lado a lado, de modo a desenvolver trabalho geográfico de observação indireta, numa perspetiva diacrónica da paisagem, para descrever e explicar fenómenos geográficos presentes na leitura visual desse território.

No final, pretendia-se **expor** todos os trabalhos foto(geo)gráficos à comunidade educativa, para que através da observação todos possam ter contacto com a Geografia, salientado e demonstrando a importância desta ciência no nosso quotidiano e na interdisciplinaridade.

2ª fase – Indicações concretas (fevereiro): esta fase de trabalho correspondeu ao momento em que foi apresentado aos(às) alunos(as) das várias turmas, o tema e o objetivo do trabalho a realizar. Para tal, mostrou-se uma ideia do resultado final pretendido, através de uma fotografia de Mira, da obra *Portugal - Luz e sombra, o país depois de Orlando Ribeiro* (2012),

de Duarte Belo. Fez-se uma breve contextualização biografia do Professor Orlando Ribeiro, sobre fontes de informação, sobre direitos de autor e referência de imagens. Foi facultado aos(as) alunos(as) um documento com indicações concretas, com o que se pedia e pretendia nos vários momentos (cf. Anexo XV). O mesmo documento foi projetado na sala de aula e disponibilizado na plataforma *Moodle* da escola e no grupo de *WhatsApp* de todas as turmas. Os(as) alunos(as) deveriam pesquisar, fotografar e enviar, em suporte digital por email, até dia 10 de abril de 2022. Até à data da entrega do material recolhido, foi sempre relembrando da necessidade em realizar o trabalho, fosse de forma individual, em pares ou em grupos até 4 elementos.

3ª fase – Seleção da informação (abril): nesta fase de trabalho, foi construído um referencial de avaliação, de modo a registar e avaliar o envolvimento e desempenho dos(as) alunos(as) na atividade. Através da criação base de um quadro de referência (cf. Anexo XVI), no qual constaram os referentes externos e internos e onde foram definidos todos os critérios, nomeadamente, informação e comunicação, autonomia, cooperação, reflexão e saber científico, cada um deles desconstruído em indicadores, foi possível a criação de uma grelha de observação (cf. Anexo XVII), na qual constaram os itens a avaliar em cada aluno(a), durante a realização do trabalho na fase de recolha e envio e na dinâmica em sala de aula. Embora a informação recolhida através deste instrumento de avaliação formativa, não fosse utilizada para ‘aferir’ o trabalho do(a) aluno(a), foi importante criar descritores de desempenho de modo a recolher dados relativos ao trabalho desenvolvido pelos(as) alunos(as). Como forma de criar uma abordagem incentivadora e um melhor *feedback* aos(as) alunos(as) sobre o estado em que se encontravam, foram estabelecidos quatro descritores de desempenho: *Na meta!*, *Quase lá...*, *Está a caminho!* e *Já começou, mas...*, para os diferentes itens a avaliar, que foram do conhecimento dos(as) alunos(as).

Nesta fase de trabalho, foi verificado e registado o volume de recolha de informação de cada turma e por aluno(a). Das fotografias recolhidas e enviadas, foram selecionadas, por mim, três exemplares, respeitando o critério de melhor enquadramento do ângulo entre a fotografia antiga e a fotografia do momento atual, e as imagens a partir das quais fosse possível obter uma maior densidade e diversidade de informação para o momento da análise em sala de aula. Ainda nesta fase, foi elaborada uma ficha de trabalho, com algumas questões que serviram como guia para os(as) alunos(as), no trabalho de observação indireta em ambiente de sala de aula (cf. Anexo XVIII).

4ª fase – *Dinâmica em sala de aula* (5 de maio): esta fase de trabalho correspondeu à dinamização da atividade de observação indireta em sala de aula. Como tal foi aplicado o guia de observação (cf. Anexo XVIII), desenvolvido na fase anterior, para a análise e reflexão sobre três fotografias de Mira, passado e atual. A dinâmica da atividade decorreu ao longo de todo o dia 5 de maio de 2022 (quinta-feira), em todas as cinco turmas de 8º ano. Foram projetadas no quadro essas três paisagens e distribuídos a cada aluno(a), uma ficha de trabalho com as questões-guia para a observação e análise. Foi solicitado aos(às) alunos(as) a observação e realização da ficha de modo individual e só após terminada essa tarefa é que se iniciou o debate de ideias, sobre as transformações ocorridas em cada paisagem e sobre o tipo de informação presente nelas. O objetivo foi que todos os(as) alunos(as) se esforçassem, numa primeira fase, a invocar o seu autoconhecimento e reflexão, e só numa segunda fase da aula, a partilhar com a turma as conclusões que haviam chegado, contrapondo o tipo de conclusões a que todos tinham chegado. Na parte final da aula, foi pedido aos(às) alunos(as) para responderem a três questões sobre a atividade, como forma de avaliar o seu grau de satisfação (cf. Anexo XIX).

5ª fase – *Exposição à comunidade educativa* (junho): pretendeu-se que os trabalhos artísticos e as imagens que os suportam, fossem expostas à comunidade educativa, para que através da observação, todos pudessem ter contacto com a Geografia, salientado e demonstrando a importância desta ciência no nosso quotidiano e na interdisciplinaridade. Com a exposição final à comunidade educativa, quis dar-se a conhecer temas da Geografia, através da observação da Geografia local, apelando para o aspeto afetivo e de pertença, enquanto estratégia de captação de atenção.

Findas estas fases em que decorreu a aplicação da estratégia diádica, é possível realizar uma leitura e reflexão aos resultados obtidos. Essa análise foi feita, tendo em consideração o trabalho de pesquisa, observação direta e recolha fotográfica; e o feedback da análise e da discussão em sala de aula, através da avaliação do grau de satisfação.

No que diz respeito à pesquisa, observação direta e à recolha fotográfica, os resultados obtidos não correspondem ao expectável nem pretendido. Do total dos 117 alunos(as), aos quais foi solicitado a realização desse trabalho, apenas 37 alunos(as), enviaram o seu contributo por email. Desses, alguns(mas) enviaram apenas fotografias antigas, sem ter realizado a fase de recolha fotográfica atual, e outros(as) utilizaram a ferramenta google *maps* para recolher fotografias mais atuais, para contrapor com as imagens antigas recolhidas, quando o pretendido era que fosse realizado trabalho de campo e observação direta.

Assim, como referido, os resultados nesta fase ficaram aquém do previsto. A expectativa era de que, com uma proposta de trabalho tão simples e depois de facultadas todas as orientações necessárias para a sua realização, os(as) alunos(as) se entusiasmassem mais em conseguir um bom trabalho de pesquisa e acima de tudo no trabalho de campo, através da captação fotográfica.

Pelo facto de Mira se tratar de um contexto mais comunitário facilitaria, a meu ver, o trabalho de campo aos(às) alunos(as), mais de que num grande centro urbano. O facto de termos vivido os últimos dois anos de pandemia, com restrições na circulação e com o predomínio de aulas *online*, calculei que propor essa atividade, contribuiria para dinamizar o trabalho dos(as) alunos(as) no exterior, para a envolvência com o meio e com a natureza. Embora o resultado nesta fase não tenha sido o pretendido, permite concluir que as gerações mais jovens têm vindo a perder o hábito de brincar na rua. Os(as) alunos(as) não têm nos seus interesses o hábito de sair de casa, influência do próprio contexto pandémico e tecnológico, como se verificou pelos casos em que as fotos atuais foram retiradas do *google maps*, em vez de terem ido diretamente ao local.

Perspetivei que através da realização de um trabalho de pesquisa, sobre a realidade local, onde envolvesse pais, encarregados de educação e uma dinâmica intergeracional com outros familiares, contribuísse para o entusiasmo com a atividade e com isso um maior investimento na sua realização. Pode justificar o insucesso desse envolvimento, a falta de disponibilidade dos encarregados de educação/familiares na monitorização e acompanhamento pelas atividades letivas e o facto dos trabalhos de casa não serem aceites de forma consensual, por esse papel ser atribuído à escola e ao(à) professor(a).

Além disso, os(as) próprios(as) alunos(as), de forma geral, não demonstraram grande investimento na realização da tarefa. Embora o tipo de trabalho solicitado se enquadrasse nas suas práticas comuns, isto é, pesquisa em fontes de informação, nomeadamente tecnológicas e envolvesse recursos de utilização diários, como telemóvel ou máquina fotográfica, esse investimento não se verificou. Embora os estudantes tenham acesso e conhecimento tecnológico, conclui-se que não tiram partido de todas as potencialidades e que a sua utilização é feita numa perspetiva lúdica, apesar de nas aulas de Geografia incentivarmos à utilização do telemóvel, numa perspetiva construtiva e didática.

O que pode justificar também este resultado é o facto desta tarefa ser alvo de um modelo de avaliação formativa e não de avaliação sumativa, algo que leva os(as) alunos(as) a depreender que não é uma tarefa importante no seu processo de avaliação e por isso a falta de investimento.

De modo geral, e apesar de todas estas condicionantes apresentadas, que podem justificar o insucesso desta fase de trabalho, a verdade é que houve alunos(as) que realizaram a tarefa, cumprindo os prazos e apresentando materiais e resultados de qualidade. Por isso, se eles(as) conseguiram, com maior ou menor dificuldade, todos(as) conseguiriam também. Mas os(as) alunos(as) não estão dispostos(as) a fazer esforços, até porque, foram facultadas todas indicações, um prazo alargado para o cumprimento da tarefa e possibilidade em trabalhar de modo individual, em pares ou em grupos até quatro elementos, de modo que cada um(a) se sentisse confortável, do ponto de vista emocional e funcional.

Como forma de valorizar o trabalho e o esforço dos(as) que contribuíram para esta fase da atividade, foram selecionadas três das melhores fotos, respeitando o critério de melhor enquadramento do ângulo entre a fotografia antiga e a fotografia do momento atual e as imagens a partir das quais fosse possível obter uma maior densidade e diversidade de informação para a análise em sala de aula, e foi feita menção aos(às) autores(as) do trabalho, em todas as turmas. O objetivo além da importância na referência aos direitos de autor, foi transmitir a mensagem de que quando é feito um trabalho de qualidade, obtemos esse reconhecimento. O que acontece a maior parte das vezes, no meu entender, é que os estudantes que não fazem, são quem obtém o maior reconhecimento, no sentido em que é despendido tempo da aula a debater o porquê de não terem feito em vez de utilizar esse tempo a valorizar e enaltecer quem cumpriu a tarefa, os prazos e com qualidade. E não se pode estar sempre a colocar o foco no negativo.

Talvez seja uma questão até cultural e vê-se, por exemplo, em determinados eventos com hora marcada, esperar sempre 5 ou 10 minutos, até que estejam todos(as), para se poder começar. Ao fazer isso, a intenção até pode ser esperar para que quem está atrasado(a) não perca parte da sessão, mas ao fazê-lo, está-se a valorizar quem chega atrasado(a). Os(as) presentes à hora certa, certamente tiveram que abdicar de outras tarefas para estar ali no evento à hora marcada. E em vez de se começar à hora determinada, como forma de respeitar todos(as) os(as) que fizeram para estar ali a tempo e horas, não, é valorizado os(as) que estão atrasados(as) e todos(as) esperam.

Neste contexto e no meu entender, é igual. Fiz questão de referir, que houve muitos(as) alunos(as) que não cumpriram a tarefa, mas o meu foco foi valorizar e reconhecer os(as) alunos(as) que trabalharam, de modo a deixá-los(as) orgulhosos(as) e a mostrar aos demais, que se no futuro e na vida, se gostarem e quiserem sentir esse reconhecimento, têm que trabalhar para isso.

No que diz respeito ao segundo ponto de reflexão, a observação indireta para análise e discussão em sala de aula, esta fase da aplicação da estratégia didática foi bastante positiva, tanto pelo *feedback* que obtive na aula, quando através do grau de satisfação, avaliado pelos(as) alunos(as).

Através das questões da ficha de trabalho como guias da observação, os(as) alunos(as) chegaram às conclusões pretendidas e foi possível rentabilizar o tempo investido na realização da atividade. As três paisagens selecionadas para o trabalho de analisar diacrónica, foram projetadas na sala e facultadas aos(às) alunos(as) em suporte papel, na ficha de trabalho. As três tinham uma imagem mais antiga e a uma do momento atual, colocadas lado a lado, para facilitar a tarefa de observação diacrónica.

Na Imagem 1, foi apresentada o edifício da Escola Secundária no centro de Mira. Na imagem 1A com a função do ensino e na imagem 1B sem qualquer tipo de função, fruto do encerramento e consequente abandono (Fig. 40).



**Figura 40** – Imagem 1.

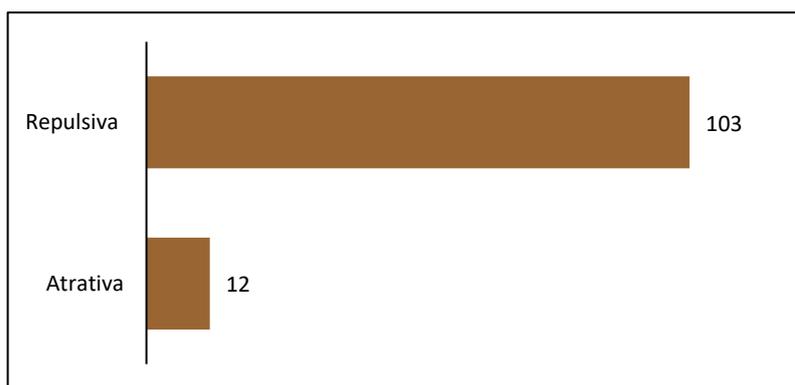
Fonte: trabalhos dos estudantes do 8ºA.

Quando se perguntou aos(às) alunos(as) sobre quais os elementos ou alterações que ocorreram na paisagem, de forma geral, referiram que surgiu o crescimento espontâneo de vegetação, humidade, vidros partidos, fissuras no edifício e que desapareceram algumas telhas, alunos(as) (embora na Imagem 1A não estejam estudantes), mas de modo geral referem que não desapareceram elementos, apenas de degradaram.

No que respeita aos processos geográficos identificados na evolução da paisagem, nomeadamente sobre o que se alterou no uso do espaço, os(as) alunos(as) compreenderam, através da imagem e porque conhecem na realidade a paisagem que a imagem reflete, que se trata de uma escola, que no passado foi a Escola Secundária de Mira, mas que atualmente está abandonada e sem

ocupação. Neste contexto, foi feita uma reflexão sobre os fatores que possam ter justificado este processo, onde se apontou a diminuição da natalidade e a consequente redução no crescimento natural e na redução da população residente. Esta imagem é também o reflexo do que ocorreu na maioria dos centros urbanos, que se encontram devolutos ou com elevado grau de degradação e que carecem de medidas de recuperação e reconversão do uso desses espaços. A título meramente especulativo, foi referido que, tendo em conta a localização privilegiada e central, bem como as dimensões e características do edifício, no futuro poderia ser utilizado como museu, como galeria de arte, entre outras possibilidades que iriam trazer uma nova funcionalidade para o uso do espaço.

Do ponto de vista da atratividade, perguntou-se, se a transformação que ocorreu na imagem, a tornou numa paisagem mais atrativa ou mais repulsiva (Fig. 41). A maioria dos(as) alunos(as) aponta como repulsiva a transformação, justificando que o espaço está sem ocupação, degradado e por isso incorre num maior risco de queda e de vandalismo. Além disso, é reflexo da perda populacional na dinâmica do concelho e pelo facto de se localizar numa área central, contribui para a degradação da imagem da vila.



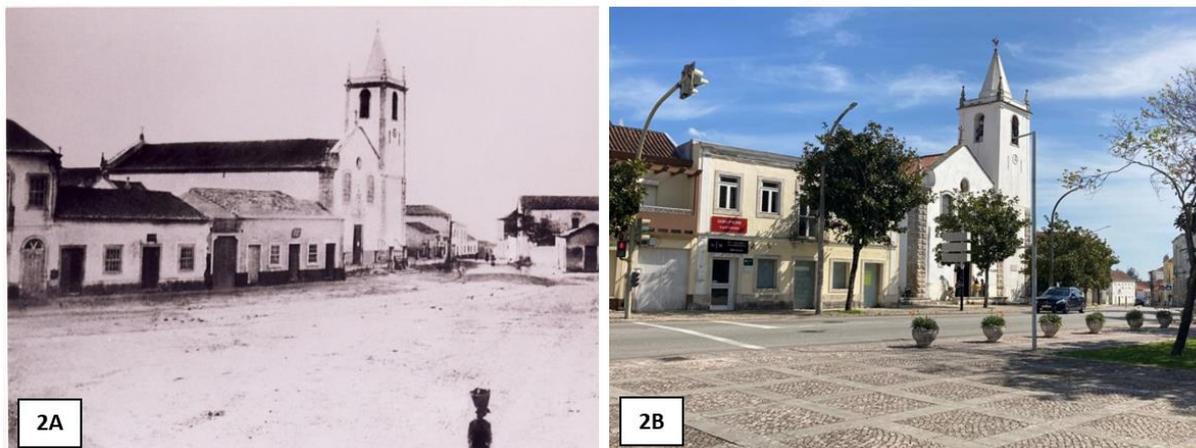
**Figura 41** – Atratividade da transformação ocorrida na Imagem 1.

Elaboração própria, 2022.

Os que referem como atrativa a transformação ocorrida, fazem-no com base no facto de espaços abandonados terem um certo grau de misticismo (tema que desperta interesse nestas idades). Neste contexto, foi abordado de forma muito breve, as tipologias de turismo e feita menção à corrente do *dark tourism*, explicando que algo repulsivo se pode transformar em algo atrativo, quando enquadrado num conceito que o valorize e lhe dê uma nova destaque, e dependendo do interesse pessoal de quem analisa.

Além disso, alguns(mas) alunos(as) apontaram que apesar da degradação, este espaço continua a ter um carácter atractivo, pelo facto de ter sido a escola na qual os seus pais estudaram. Este facto remete-nos para a reflexão sobre os espaços de memória e sobre os territórios de pertença.

Na Imagem 2, foi apresentada Igreja de Mira e o espaço adjacente. A imagem 2A é o reflexo da imagem do lugar no passado e a 2B o reflexo da imagem atual (Fig. 42).



**Figura 42** – Imagem 2.

Fonte: trabalhos dos estudantes do 8ºA.

Após observar a Imagem 2, no momento A e no momento B, os(as) alunos(as) referiram que surgiram na paisagem alguns elementos como estradas, semáforos, passeios, jardins, carros, tudo elementos associados à ‘modernidade’ e evolução dos espaços, e referem que desapareceu a típica Casa Gandaresa, levando-os a refletir sobre o impacto que a falta de medidas de salvaguarda do património representa nas decisões sobre o ordenamento do território e sobre a identidade cultural.

No que diz respeito às principais alterações registadas no ordenamento do território, foram apontadas: a delimitação e determinação de áreas específicas para pessoas, através da construção de passeios; áreas específicas para automóveis, com a construção de estradas; e áreas específicas para vegetação, com a criação de espaços verdes. De modo geral, referem a organização e planificação dos espaços públicos, como a principal alteração de melhoramento.

Em relação às características e funções dos edifícios, como já referido, os(as) alunos(as) identificam a alteração no aspeto do edificado, com a perda da identidade Gandaresa (Cação, 1999), mas de forma mais específica, no que respeita às características, referem que os edifícios com um piso deram lugar a edifícios com dois pisos. Em relação às funções dos edifícios, referem que a função religiosa está presente nos dois momentos, mas que no momento 2A é mais evidente a função

residencial e no momento 2B mais evidente a função comercial e dos serviços, não só porque têm conhecimento causa da realidade local, mas, principalmente, porque é visível na imagem 2B placas que remetem para essa interpretação. Neste ponto foi possível, recuperar conteúdos anteriormente lecionados, como as fases de crescimento das cidades e as áreas funcionais.

Do ponto de vista da atratividade, perguntou-se aos(as) alunos(as), se a transformação que ocorreu do momento 2A para o momento 2B, a tornou numa paisagem mais atrativa ou mais repulsiva, ao que a maioria considera como mais atrativa, pelo facto de transmitir uma imagem de mais organização e planeamento, evolução e dinamismo (Fig. 43).



**Figura 43** – Atratividade da transformação ocorrida na Imagem 2.

Elaboração própria, 2022.

Na Imagem 3, foi apresentada uma avenida paralela à linha de costa, na Praia de Mira. A imagem 3A é o reflexo da imagem do lugar no passado e a 3B o reflexo da imagem atual (Fig. 44).



**Figura 44** – Imagem 3.

Fonte: trabalhos dos estudantes do 8ºB.

À semelhança do que aconteceu com as imagens anteriores, neste caso os(as) alunos(as) apontaram como elementos ou alterações na paisagem: postes elétricos, a construção em altura, Capela e Estátua dos Pescadores, enquanto elementos que surgiram, e os Palheiros<sup>10</sup> e os barcos de pesca, enquanto elementos que desapareceram.

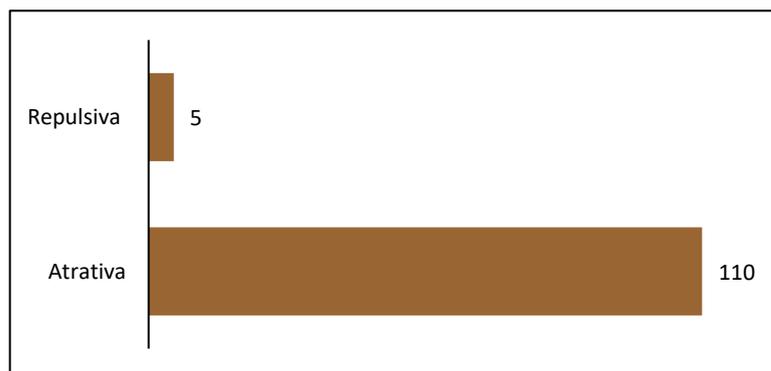
No que respeita aos processos geográficos identificados na evolução da paisagem, nomeadamente sobre o que se alterou no uso do espaço, os(as) alunos(as) referem que atividade económica predominante na imagem 3A é a pesca, enquanto que, na imagem 3B, predomina a atividade económica comércio e turismo. Através deste exercício foi possível aplicar e recuperar conteúdos programáticos lecionados, no âmbito das atividades económicas e dos setores de atividade, nomeadamente com a categorização da atividade da pesca no setor primário, e do comércio do turismo no setor terciário. Através da transformação que ocorreu na Imagem 3, do ponto de vista das atividades económicas, foi possível referir a evolução da representatividade dos setores de atividade na económica, em função da população empregada por setor, nomeadamente pela perda de representatividade do setor primário e pela presença da terciarização, na sociedade atual dos países desenvolvidos.

As atividades económicas predominantes em cada imagem são reflexo dessa evolução e embora a atividade da pesca esteja muito presente na realidade geográfica de Mira, atualmente não tem a mesma representatividade. O aparecimento da Capela (que surgiu da reconversão de um antigo Palheiro) e da Estátua dos Pescadores, reflete essa realidade no momento 3B. No passado a atividade piscatória era mais evidente. Na atualidade, foi necessário a construção de geossímbolos como forma de manter viva essa identidade e realidade.

Do ponto de vista da atratividade, perguntou-se aos(as) alunos(as), se a transformação que ocorreu do momento 3A para o momento 3B, a tornou numa paisagem mais atrativa ou mais repulsiva, ao que a maioria refere como uma transformação mais atrativa (fig. 45). As justificações apresentadas para esta decisão devem-se, segundo eles(as), ao facto de no momento atual existirem um conjunto de serviços e espaços de comércio, para responder às necessidades da população local e dos turistas, o que torna esse espaço mais atrativo, para ambos os grupos.

---

<sup>10</sup> Palheiros são antigas construções em tábuas e pranchas de madeira pintada, assentes sobre estacaria, de modo a permitir a circulação das águas durante as marés vivas e à passagem da areia, movimentadas pelo vento.



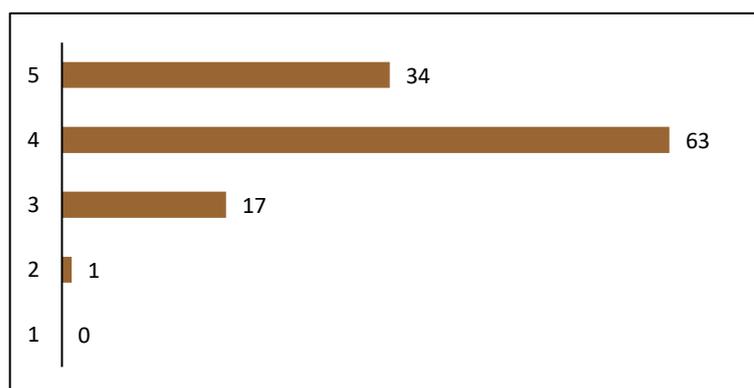
**Figura 45** – Atratividade da transformação ocorrida na Imagem 3.

Elaboração própria, 2022.

As conclusões alcançadas pelos(as) alunos(as) e descritos anteriormente, são o reflexo do sucesso desta estratégia, em que a recolha desses dados, ocorreu de modo informal, através do *feedback* obtido nas cinco turmas, onde a estratégia didática foi executada.

De modo mais formal e de maneira a obter dados concretos e quantificáveis, foi solicitado aos(às) alunos(as) a resposta a três questões, como forma de avaliar o grau de satisfação, que se traduzirá no grau de sucesso ou insucesso desta aplicação didática (cf. Anexo XIX).

À questão: “Como avalia a informação e o conhecimento adquirido com este exercício?”, os(as) alunos(as) responderam utilizando uma escala de 1 a 5, em que: 1 – Insuficiente; 2 – Suficiente; 3 – Bom; 4 – Muito bom; e 5 – Excelente (Fig. 46).



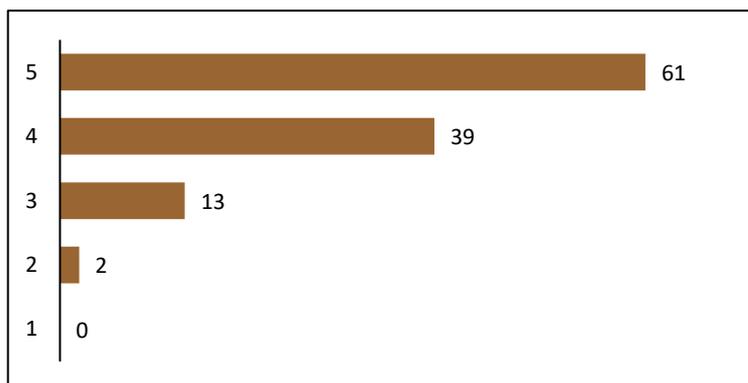
**Figura 46** – Como avalia a informação e o conhecimento adquirido com este exercício?

Elaboração própria, 2022.

Do total de 115 alunos(as), 66 avaliou como Muito bom o conhecimento adquirido e 34 como Excelente. Nenhum(a) aluno(a) avaliou como Insuficiente e apenas 1 avaliou como Suficiente. Assim,

concluiu-se que através da aplicação e realização deste exercício, os estudantes adquiriram informação e conhecimento.

À questão: “Qual a importância que a utilização e observação de imagens apresenta na construção do conhecimento geográfico?”, os(as) alunos(as) responderam utilizando uma escala de 1 a 5, em que: 1 – Sem importância; 2 – Pouco importante; 3 – Importante; 4 – Muito importante; e 5 – Essencial (Fig. 47).



**Figura 47** – Importância da utilização e observação de imagens no conhecimento geográfico.

Elaboração própria, 2022.

Do total de 115 alunos(as) que realizaram atividade, 61 avaliaram como Essencial o conhecimento adquirido e 39 como Muito importante a utilização e observação de imagens na construção do conhecimento geográfico.

Nenhum(a) aluno(a) avaliou como Sem importância e apenas 2 avaliaram como Pouco importante. Assim, concluiu-se que através da aplicação e realização deste exercício, os estudantes consideram essencial e muito importante, a utilização e observação de imagens na construção do conhecimento geográfico.

À questão: “No futuro, gostaria de voltar a realizar um exercício semelhante?”, em que as opções de resposta eram Sim e Não, 103 no total dos 115 alunos(as) referiram que gostariam, no futuro, voltar a realizar um exercício semelhante de observação e análise diacrónica da paisagem (Fig. 48).

Assim, conclui-se que a generalidade dos(as) alunos(as) adquiriu conhecimento através da realização deste exercício de observação e que compreendeu a importância que as imagens representam para o estudo da Geografia e estão recetivos, no futuro, à implementação de uma estratégia semelhante, tal como referido e fundamentado teoricamente no ponto 3. deste relatório.



**Figura 48** – No futuro, gostaria de voltar a realizar um exercício semelhante?

Elaboração própria, 2022.

Além disso, importa referir que, o facto de os(as) alunos(as) terem um conhecimento sobre a realidade representada nas três imagens, seja pela observação direta na fase anterior da estratégia didática, seja por se tratar do seu espaço diário de residência ou passagem, contribuiu para uma análise e interpretação mais real. Os estudantes não se limitaram a analisar exclusivamente os elementos ou as informações representadas nas imagens. No caso da Imagem 3B, captada durante o mês de abril, alguns(mas) alunos(as) referiram que, se a fotografia fosse captada durante o mês de agosto, por exemplo, seria mais evidente a presença de turistas e de pessoas em circulação.

Portanto, o conhecimento da realidade analisada, permitiu evitar um dos principais erros decorrente da utilização de imagens, anteriormente referido na fundamentação teórica. Não se deve aceitar fielmente aquilo que as imagens nos apresentam, incorrendo no erro dessa representação não espelhar a realidade, mas sim a tendências por parte de quem a captou ou do momento específico que ela retrata.

A aplicação desta estratégia didática de análise diacrónica sobre a paisagem, baseou-se principalmente num estudo sobre as transformações ocorridas em ciclos mais longos. Para o futuro, fica a sugestão e perspetiva em estudar as transformações na paisagem, utilizando como metodologia a observação e a análise aos ciclos mais curtos, por exemplo, a mesma paisagem durante a estação do inverno e durante a estação do verão; num dia de semana e num dia de fim de semana; ou ainda, as transformações entre o dia e a noite. Embora sejam ciclos mais curtos, serão perceptíveis várias transformações na paisagem, que a Geografia pode analisar e explicar.

Como referido, a escolha pela metodologia sombra e luz, pretendeu fazer a analogia da sombra ao passado, pela tonalidade monocromática da fotografia a preto e branco e a luz, em analogia ao presente, à fotografia a cores e ao aspeto que o espaço ou a paisagem apresenta à luz dos nossos dias. Uma sugestão para futuros trabalhos é a de analisar lugares e paisagens exclusivamente sombra, isto

é, lugares que apesar do tempo, continuam ainda na escuridão, face ao desenvolvimento e transformação. Essa metodologia de análise vai permitir obter resultados e uma análise de reflexão interessantes.

Após a realização e dinamização da estratégia didática em ambiente de sala de aula, foram expostos, como previsto, os trabalhos realizados pelos(as) alunos(as) das várias turmas do 8º ano. A exposição foto(geo)gráfica intitulada “*Mira: o percurso entre a sombra e a luz*”, expôs para toda a comunidade educativa, as fotografias lado a lado, de modo a facilitar a análise diacrónica e a evolução entre o passado e o presente (Fig. 49).



**Figura 49** – Exposição foto(geo)gráfica *Mira: o percurso entre a sombra e a luz*.

Arquivo fotográfico pessoal, 2022.

De modo a evidenciar essa evolução, as fotografias antigas foram impressas a preto e branco e fixas com molas de madeira. Já as fotografias atuais, foram impressas a cores e fixas com molas de plástico coloridas (cf. Anexo XX). Para além da exposição, foram publicadas e divulgadas nas redes sociais, nomeadamente na página do *Facebook*<sup>11</sup>. Dessa forma ficaram então concluídas, todas os momentos determinados aquando a 1ª Fase – Planificar.

<sup>11</sup> Página Geografia – Agrupamento de Escolas de Mira, disponível em [Geografia- Agrupamento de Escolas de Mira | Facebook](#)

## 5. CONCLUSÃO

O presente relatório intitulado *Ensino da geografia: quando uma imagem vale mais do que mil palavras*, apresenta uma descrição e reflexão sobre as atividades desenvolvidas ao longo do ano letivo 2021/2022, na Escola Secundária com 3º Ciclo Drª. Maria Cândida, em Mira.

Inicialmente, começa por ser feita uma breve contextualização, sobre algumas particularidades geográfica do concelho, do Agrupamento de Escolas de Mira e da Escola Secundária com 3º Ciclo Drª. Maria Cândida, onde o estágio curricular decorreu. Nessa sequência, foi realizada a caracterização do núcleo de estágio e das turmas nas quais decorreu a prática pedagógica supervisionada.

Foram ainda elencadas e descritas todas as atividades desenvolvidas no âmbito do estágio curricular, categorizadas em Atividades letivas, Atividades não letivas e Domínios de Autonomia Curricular, e em síntese uma reflexão sobre a prática pedagógica supervisionada, incidindo os principais momentos, os desafios, as aprendizagens e os resultados alcançados, de forma transversal com esta prática e experiência.

Um dos objetivos da unidade curricular Estágio e Relatório é a investigação científica, através da revisão bibliográfica sobre um tema e uma metodologia para a aplicação de uma estratégia didática, nessa sequência. Serviram de suporte à concretização deste trabalho, a unidade curricular Seminário de Geografia I e o Seminário de Geografia II. No âmbito do Seminário de Geografia I, foi realizado o trabalho de recolha e tratamento de informação bibliográfica, dados cartográficos, estatísticos e outros, relativos ao tema e a área de trabalho específica e no Seminário de Geografia II, foi desenvolvida a estratégia proposta, a metodologia e as atividades, com vista à transposição didática do tema investigado para o ambiente de sala de aula, no âmbito da prática letiva supervisionada. Além disso, permitiu ainda desenvolver instrumentos de recolha e de análise da informação.

O tema de investigação proposto e aprofundado foi o da modificação das paisagens e o desenvolvimento dos territórios, enquanto tema estruturante no estudo da geografia, independentemente da dimensão ou grau de desenvolvimento e humanização dos espaços.

A metodologia de trabalho aqui apresentado partiu da observação, como de resto se verifica em praticamente todos os processos de investigação geográfica. No contexto do ensino, no qual a observação direta nem sempre é praticável pelas razões anteriormente expostas, a observação indireta revela-se uma boa alternativa enquanto estratégia didática, desde que respeitando um conjunto de procedimentos. Nesse âmbito destaca-se a importância e o papel do(a) professor(a) de Geografia na orientação e (des)construção do conhecimento.

No que se refere à observação indireta de fenómenos na evolução da paisagem e dos territórios, existem diversas formas para abordar este tema, mas através da imagem, particularmente da fotografia, com a estratégia apresentada, é possível retirar bons resultados e conseguir uma percepção mais real do processo e das alterações registadas nessa modificação.

Conseguir levar para o ambiente da sala de aula essa discussão é um grande contributo para o sucesso do ensino-aprendizagem na disciplina de Geografia, que suporta o seu método de estudo na observação para a explicação de fenómenos.

Que a Geografia vive muito da imagem não é uma novidade e esta investigação vem comprovar isso. A comunicação geográfica expressa muita da sua informação e conhecimento por meio da cartografia e de mapas, mas também através de esquemas, gráficos e fotografias.

Pela existência desses recursos de comunicação geográfica, são trazidas para a discussão novas abordagens, nomeadamente sobre a importância em desconstruir representações para não levar os(as) alunos(as) a ter uma leitura desvirtuada da realidade, algo extremamente importante na sala de aula e alinhado com o objetivo de capacitar os alunos para a atual sociedade digital, de acordo com *Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória*.

Outro aspeto inovador, prende-se com a importância em sensibilizar os(as) alunos(as) para a utilização das tecnologias do dia-a-dia, como o telemóvel e a câmara fotográfica, numa perspetiva didática e de contributo para a construção de conhecimento, em particular de aprendizagens significativas, decorrentes do conhecimento da realidade local.

Além disso, é quase impossível não utilizar e não compreender as potencialidades desta forma de comunicação numa sociedade em que se verifica uma massificação dos ambientes digitais, dos aplicativos e da comunicação por meio de imagem, de uma forma geral. Embora possa haver uma hiper visualização de imagens, no ambiente escolar esse recurso deve assumir um papel de educação e formação, ao contrário dos estados hipnóticos que esta pode apresentar no ambiente quotidiano e do *marketing*. Trabalhar a imagem em sala de aula vai fornecer aos(as) alunos(as), a capacidade de filtrar e desconstruir as mensagens subjacentes, dotando-os(as) de pensamento crítico, o que concedeu ao trabalho uma abordagem e dimensão muito atual.

Além do conhecimento geográfico em si, seja pela observação de fenómenos no território ou pela evolução e modificação da paisagem, esta estratégia permitiu ainda abordar questões de grande pertinência no contexto social atual, como são o caso dos direitos autorais de imagem e a manipulação da realidade, como resultado de interesses particulares.

Na estratégia proposta e descrita no ponto 4.1.1., exercício sobre percepção da paisagem a partir da imagem, a fotografia foi utilizada numa lógica de diagnóstico e de ponto de partida para a matéria lecionada. Já a estratégia proposta e descrita no ponto 4.1.2., Mira: o percurso entre a sombra e a luz - análise diacrónica da imagem, foi aplicada numa fase mais final do ano letivo, numa lógica de recuperar aprendizagens e consolidar conteúdos lecionados ao longo da prática letiva.

O recurso à imagem fixa e à fotografia como estratégia de ponto de partida, em que não foi lecionado nada sobre o assunto, ou como estratégia de síntese, quando diversos assuntos já foram abordados, é uma estratégia de sucesso, desde que selecionadas de forma correta e de acordo com o que se pretende estudar ou com os conteúdos se pretende abordar.

Assim, pode concluir-se que a partir das propostas didáticas de aplicação em sala de aula, das metodologias utilizadas e de acordo com os resultados obtidos, no ensino da Geografia, uma imagem vale mais do que mil palavras!

O sucesso obtido espelhado neste relatório e obtido ao longo deste ano, foi resultado de todas estas forças conjuntas, Seminários de Geografia I e II, trabalho de orientação e acompanhamento tutorial com a Professora Fátima Velez de Castro, da orientação prática e supervisão da Professora Cooperante Margarida Oliveira e de todas as boas relações que se estabeleceram no seio do núcleo de estágio, do Agrupamento de Escolas de Mira (Fig. 50), com todo o corpo docente e não docente e principalmente com as cinco turmas, nas quais tive a possibilidade de lecionar e aplicar as estratégias didáticas, que permitiram responder às hipóteses de trabalho e recolher dados sobre a importância da utilização da imagem fixa e da fotografia para a Geografia.



**Figura 50** – Entrada da Escola Secundária de Mira, sede do Agrupamento.

Arquivo fotográfico pessoal, 8 de fevereiro de 2022.

## 6. BIBLIOGRAFIA

- Alves, Teresa (2006) “Noite: uma Geografia de emoções” in *Lusboa*, associação cultural para a cidade, Lisboa.
- Alves, J. S., Cunido, C., Souza, J. O. P. (2020). A paisagem na geografia. *Revista Contexto Geográfico*. Maceió, v.4. n.8, pp.01-09. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/348876267>
- Avraham, E. e Ketter, E, (2008). *Media strategies for marketing places in crisis*. Butterworth-Heinemann. Elsevier. Amsterdam. 242 pp.
- Azevedo, A., Magalhães, L. e Pereira, J. (2011). *City marketing: gestão estratégica e marketing de cidades*. 2ª edição. Vida Económica. Porto. 275 pp.
- Baker, Bill (2007). *Destination branding for small cities*. Creative Leap Books. Portland.
- Barbosa, Ana Mãe, *A imagem no ensino da Arte*, S. Paulo, Perspectiva, 2008.
- Barreira, C. (2001). Duas estratégias complementares para a avaliação das aprendizagens. *Revista Portuguesa de Pedagogia* 35, 3, p. 3-33.
- Batista, M. L. C. (2020). *Cartografia de Saberes na Pesquisa em Turismo: Proposições Metodológicas para uma Ciência em Mutação*. In *Revista Rosa dos Ventos – Turismo e Hospitalidade*. (PDF) *Cartografia de Saberes na Pesquisa em Turismo: Proposições Metodológicas para uma Ciência em Mutação* (researchgate.net)
- Belo, Duarte (2012). *Portugal - Luz e Sombra, O País de Orlando Ribeiro*. Círculo de Leitores/Tema e Debates. 320 pp.
- Brandão, P. J. S. (2020). *O rural e o urbano em geografia: relações dinâmicas e limites imprecisos: aplicações pedagógicas da imagem*. <https://eg.uc.pt/handle/10316/93791>
- Brásia, P. J. M. (2014). *Aprendizagem pela Imagem. Caso prático nas disciplinas de História e Geografia*. Relatório de Estágio de Mestrado em Ensino da História e da Geografia no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.
- Caetano, A. C. V. (2020). *O território visto pelos media. Uma abordagem pedagógica para a cidadania*. <https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/93705>

- Cação, Idalécio (1999). *Sobre a Gândara e a Casa Gandraesa*. Ed. Jornal Independente de Cantanhede. 25 pp.
- Cameijo, Xavier (2015). *O património cultural no marketing dos lugares e no desenvolvimento dos territórios rurais. O concelho do Sabugal*. Dissertação de Mestrado em Gestão e Programação do Património Cultural. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Cameijo, Xavier (2016). *Contributo do geomarketing no marketing territorial e na imagem os espaços de montanha*. in Cadernos de Geografia Nº35, Coimbra, FLUC. pp. 129-136, disponível em: [document.pdf \(uc.pt\)](#)
- Cameijo, Xavier (2016). Os lugares e o tempo: registos de mudança na paisagem do Sabugal. in Sabucale - Revista do Museu do Sabugal, 8, pp. 141-154.
- Castro, M., Videira, A. A., Simões, J. P. A. (2021). Paisagem, fotografia e geografia: uma proposta de aplicação didática. In Velez de Castro, F. e Castro, M. (coord.) *Imagem, som e dramatização no ensino da Geografia. Estratégias pensadas a partir da formação inicial de docentes*. Eumed - Universidade de Málaga. pp. 73-85
- Custódio, L. D. P. (2020). *Onde Estamos? O Uso do Geocaching na construção de conhecimentos de Localização*. <https://eg.uc.pt/handle/10316/93806>
- Damião, M.H. (2020). *Teoria e Desenvolvimento Curricular: Caderno Prático*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Dias, Ana F. P. (2014) - *Entre Margens: definição do lugar*. Dissertação de Mestrado em Arquitectura. Universidade Autónoma de Lisboa.
- Fernandes, João L. J. (2003). *“Dinâmicas de Desenvolvimento, Territórios e Áreas Protegidas”*. in Caetano, Lucília (coord.). *Território, do Global ao Local e Trajetórias de Desenvolvimento*. Coimbra: CEG-FLUC. pp. 229-274.
- Fernandes, João L. J. (2009) *“Cytiscapes – símbolos, dinâmicas e apropriação da paisagem cultural urbana”*. in Máthesis 18, 195 a 214.
- Fernandes, João L. J. (2012). *Território, desenvolvimento e áreas protegidas – a rede nacional das áreas protegidas e o caso do Parque Natural das serras de Aire e Candeeiros*. Dissertação de Doutoramento na área de Geografia, especialidade de Geografia. FLUC. Coimbra. 576 pp.

Francastel, Pierre (1983). *A imagem a visão e a imaginação*. Lisboa: Ed 70.

Gaspar, Carolina G. (2013). “*Imagem e afirmação estratégica de Coimbra: breve reflexão*”. in *Cadernos de Geografia*. nº 32. Coimbra: IEG/CEG-FLUC. pp. 223-227.

Gomes, A., Boto, A., Lopes, A., Pinho, H. (2014). *Fazer Geografia 3.0 – População e Povoamento*. Geografia. 8º ano. Porto Editora

Gouveia, L. (2020). *Um Espaço de Transformação, Previsivelmente Digital – Ensino Superior Pós-Covid-19: Desafios e Mudanças*. Management, Accounting and Education Research Association. MAERA. Post 21 de junho (pp. 1-3)

Ilharco, F. (2014). *A Sociedade Pós-Literária, Pós-Nacional, Pós-Democrática e Pós-Occidental*. In INCM – Imprensa Nacional Casa da Moeda. Observadores

Kotler, P. et al (1994). *Marketing Público: Como atrair investimentos, empresas e turismo para cidades, regiões, estados e países*. São Paulo, Makron Books.

Martins, F. (2014). *Ensinar Geografia através de imagens: olhares e práticas*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto; PP. 429-446

Nóvoa, António (2017), “*Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente*”. *Cadernos de Pesquisa*, v.47, nº166, pp.1106-1133.

Pinhal, T. (2017). *Outro lado da imagem: contributos para uma abordagem pedagógica*. *Revista de Educação Geográfica /UP*, nº.1, p.93-104. Universidade do Porto.

*Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória (2017)*, Ministério da Educação/ Direção Geral da Educação, disponível em: [Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória \(mec.pt\)](#)

*Plano Anual Geral de Formação, do Conselho de Formação de Professores (2021/2022)*, disponível em [PLANO ANUAL GERAL DE FORMAÇÃO \(uc.pt\)](#)

PORDATA, disponível em: [PORDATA - Estatísticas, gráficos e indicadores de Municípios, Portugal e Europa](#)

Proença, Maria Cândida (1990). *Ensinar/Aprender História – Questões de didáctica aplicada*, Lisboa, Livros Horizonte.

Regulamento da Formação Inicial de Professores, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, disponível em: [mfp0194-20181130045515 \(uc.pt\)](https://mfp0194-20181130045515.uc.pt)

Ribeiro, O. (1945/1998). *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*. Lisboa. Sá da Costa.

Ribeiro, O. (2012). *O Ensino da Geografia*. Lisboa: Porto Editora.

Rose, Gillian (2003). *On the Need to ask hoe, exactly, is geography "visual"?* Milton Keynes, Reino Unido: Editorial Board of Antipode.

Rose, Gillian (2012). *Visual Methodologies, an introduction to researching with visual materials*. 3. ed., Londres: SAGE.

Schnell, R. (s/d). *O Uso da Fotografia em Sala de Aula. Palmeira: Espaço Urbano, Econômico e Sociabilidades – a Fotografia Como Fonte Para a História – 1905 a 1970*. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/5-4.pdf>.

Sérvio, P. (2014). O que estudam os estudos de cultura visual? *Revista Digital Do LAV*, 7(2). <https://doi.org/10.5902/1983734812393>

Silva, M. A. da (2013). A técnica da observação nas ciências humanas. *Educativa*. Goiânia, v. 16, n. 2, pp. 413-423. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/321034015>

Silva, P. C. da (2014). *Mídia, cotidiano e cidade. Construções e desconstruções da observação como um método*. Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em *Mídia e Cotidiano* Artigos Seção Livre, Nº 4, pp. 199-212

Silva-Pires, F. E. S., Carvalho, A. C. C., Vasconcellos-Silva, P. R. e Trajano, V. S. (2018). Imagens artísticas nos livros didáticos e seu potencial transdisciplinar no ensino. In Silva, J. A. P. e Neves, M. C. D. (org.) *Imagem e ensino: possíveis diálogos*. Em Aberto, Brasília, v. 31, n. 103, p. 79-106

Sontag, Susan (2004). *Sobre Fotografia*. Companhia das Letras, 1ª ed..

Sturken, M., & Cartwright, L. (2009). *Practices of looking: an introduction to visual culture* (OXFORD UNIVERSITY PRESS, Ed.; 2nd ed..

Velez de Castro, F. (2021a). *“Encham os olhos de paisagem!” - Ensinando a observar em Geografia. Uma proposta taxonómica*. 40–57. <https://www.researchgate.net/publication/355096604>

Velez de Castro, F. (2021b). A apropriação dos territórios quotidianos pelos grafitos. Do risco social à multiterritorialidade. *Revista Vértices*, 23(1), 45–68. <https://doi.org/10.19180/1809-2667.v23n12021p45-68>

Velez de Castro, F., & Castro, M. (2021c). *Imagem, som e dramatização no ensino da Geografia. Estratégias pensadas a partir da formação inicial de docentes*. Eumed - Universidade de Málaga. <https://www.researchgate.net/publication/351112674> Imagem som e dramatizacao no ensino d a Geografia Estrategias pensadas a partir da formacao inicial de docentes Fatima Velez de Castro e Miguel Castro Orgs

Velez de Castro, F., Nunes, A., & Nossa, P. (2019). *Ensinar Geografia. Formação inicial de professores e propostas de aplicações didático-pedagógicas*.

**ÍNDICE DE FIGURAS**

<b>Figura 1</b> – Localização geográfica do concelho de Mira_____	5
<b>Figura 2</b> – Evolução da população residente no concelho de Mira_____	6
<b>Figura 3</b> – População residente no concelho de Mira, por grandes grupos etários_____	7
<b>Figura 4</b> – Distribuição por género dos(as) alunos(as) do 8ºA_____	8
<b>Figura 5</b> – Nacionalidade dos(as) alunos(as) do 8ºA_____	8
<b>Figura 6</b> – Idade dos(as) alunos(as) do 8º A, a 15 de setembro_____	8
<b>Figura 7</b> – Distribuição do número de alunos(as), por turma e por género_____	10
<b>Figura 8</b> – Dia de aula ao ar livre_____	12
<b>Figura 9</b> – Atividade “Comidas do mundo”_____	15
<b>Figura 10</b> – Recolha de lixo no areal da Praia de Mira_____	16
<b>Figura 11</b> – Palestra de sensibilização “Não Lixes”_____	17
<b>Figura 12</b> – Aula de EMRC, ao ar livre_____	18
<b>Figura 13</b> – Homenagem à Professora Fernanda Paula_____	19
<b>Figura 14</b> – Grupo de alunos(as) e professores(as), na visita de estudo a Coimbra_____	20
<b>Figura 15</b> – Atividade de arborismo, em Penela_____	21
<b>Figura 16</b> – ‘Passaporte’ do salto para a Secundária_____	22
<b>Figura 17</b> – Visita de estudo a Santiago de Compostela, Espanha_____	22
<b>Figura 18</b> – Apresentação pública de “ <i>A linguagem de um assassino</i> ”_____	23
<b>Figura 19</b> – Mala de viagem com vários objetos icnográficos sobre as causas das migrações_____	30
<b>Figura 20</b> – Disposição da sala de aula em U, para realização da atividade_____	31
<b>Figura 21</b> – Imagem do ‘Stor’ Xavier, segundo uma aluna do 8ºA_____	33
<b>Figura 22</b> – Método de estudo da Geografia_____	34
<b>Figura 23</b> – “Olhar” versus “Observar”_____	35
<b>Figura 24</b> – Exemplo de um mapa mental criado a partir de uma fotografia_____	38

<b>Figura 25</b> – Esquemática do modelo de desenvolvimento difusionista_____	39
<b>Figura 26</b> – Esquemática do modelo de desenvolvimento territorialista_____	40
<b>Figura 27</b> – Ritmos e ciclos de transformação das paisagens_____	41
<b>Figura 28</b> – Paisagem urbana da cidade de Sabugal, durante o dia e durante a noite_____	42
<b>Figura 29</b> – Uma mesma paisagem nas diferentes estações_____	43
<b>Figura 30</b> – Mapa mental exposto numa parede da Escola primária da Praia de Mira_____	43
<b>Figura 31</b> – Largo do castelo do Sabugal: passado, evento desportivo e feira de Natal_____	44
<b>Figura 32</b> – Aspeto do consultório médico das termas do Cró em 1936 e em 2020_____	45
<b>Figura 33</b> – <i>Modelo da Estrela</i> _____	46
<b>Figura 34</b> – Imagens mais ou menos resilientes dos territórios_____	47
<b>Figura 35</b> – Diferentes categorias de imagem fixa com importância na Geografia_____	51
<b>Figura 36</b> – Imagens de lugares usadas no exercício sobre perceção da paisagem_____	55
<b>Figura 37</b> – Resultados das respostas à questão 4._____	61
<b>Figura 38</b> – Resultados das respostas à questão 5.3. e 5.4._____	62
<b>Figura 39</b> – Resultados das respostas à questão 7._____	62
<b>Figura 40</b> – Imagem 1_____	69
<b>Figura 41</b> – Atratividade da transformação ocorrida na Imagem 1, segundo os alunos_____	70
<b>Figura 42</b> – Imagem 2_____	71
<b>Figura 43</b> – Atratividade da transformação ocorrida na Imagem 2, segundo os alunos_____	72
<b>Figura 44</b> – Imagem 3_____	72
<b>Figura 45</b> – Atratividade da transformação ocorrida na Imagem 3, segundo os alunos_____	74
<b>Figura 46</b> – Como avalia a informação e o conhecimento adquirido com este exercício?_____	74
<b>Figura 47</b> – importância da utilização e observação de imagens no conhecimento geográfico_____	75
<b>Figura 48</b> – No futuro, gostaria de voltar a realizar um exercício semelhante?_____	76
<b>Figura 49</b> – Exposição foto(geo)gráfica <i>Mira: o percurso entre a sombra e a luz</i> _____	77
<b>Figura 50</b> – Entrada da Escola Secundária de Mira, sede do Agrupamento_____	80

## ÍNDICE DE QUADROS

<b>Quadro I</b> – Frequências de resposta	57
---	----

# **ANEXOS**

**ÍNDICE DE ANEXOS**

<b>Anexo I</b> – Ficha de trabalho: indicadores demográficos_____	91
<b>Anexo II</b> – Ficha de avaliação sumativa número 3_____	95
<b>Anexo III</b> – Ficha de avaliação sumativa número 4_____	99
<b>Anexo IV</b> – Cartaz de Ação de Formação de Curta Duração_____	103
<b>Anexo V</b> – Programa do III Encontro Nacional dos Mestrados em Ensino de Geografia_____	104
<b>Anexo VI</b> – Planificação da 1ª aula assistida_____	105
<b>Anexo VII</b> – Planificação da 2ª aula assistida_____	107
<b>Anexo VIII</b> – Planificação da 3ª aula assistida_____	110
<b>Anexo IX</b> – Apresentação PowerPoint, sobre bacias e redes hidrográficas_____	113
<b>Anexo X</b> – Apresentação PowerPoint da 1ª aula assistida_____	117
<b>Anexo XI</b> – Apresentação PowerPoint da 2ª aula assistida_____	124
<b>Anexo XII</b> – Apresentação PowerPoint da 3ª aula assistida_____	127
<b>Anexo XIII</b> – Ficha de trabalho para a 2ª aula assistida_____	131
<b>Anexo XIV</b> – Questionário semiestruturado aplicado na 1ª aula assistida_____	132
<b>Anexo XV</b> – Documento com indicações e orientações concretas_____	133
<b>Anexo XVI</b> – Quadro de Referência para a realização da proposta didática_____	135
<b>Anexo XVII</b> – Instrumento de observação para avaliar o desempenho na atividade_____	136
<b>Anexo XVIII</b> – Ficha de trabalho guia na observação indireta_____	137
<b>Anexo XIX</b> – Inquérito para avaliar a satisfação e os resultados da aplicação didática_____	140
<b>Anexo XX</b> – Exposição foto(geo)gráfica: <i>Mira – o percurso entre a sombra e a luz</i> _____	141

**Anexo I – Ficha de trabalho: indicadores demográficos**

**Agrupamento de Escolas de Mira**  
**2021-2022**  
**Geografia**  
**Ficha de trabalho**



**POPULAÇÃO E POVOAMENTO – Indicadores demográficos**

Nome _____	Nº _____	Turma _____	data _____
------------	----------	-------------	------------

**1- Explique, oralmente, a importância da demografia e dos censos, com base no seguinte texto:**

A **Demografia** é a ciência que estuda a evolução e a distribuição da população, bem como os seus comportamentos. A forma mais direta de conhecer o número total de habitantes de uma determinada região ou país (ou mesmo continente) é o **recenseamento** (contagem estatística da população realizada de 10 em 10 anos); em Portugal estas estatísticas são efetuadas pelo INE. Conhecer o número de pessoas e as suas características (idade, sexo, profissão, grau de instrução, etc.) é muito importante para se efetuar um correto planeamento das medidas que os governos têm de assumir para uma gestão eficaz dos recursos humanos e materiais.

**2. Transcreva para o seu caderno diário os seguintes indicadores demográficos e respetivas fórmulas.**

**População absoluta:** corresponde ao número total de pessoas que reside num determinado local.

Ex.: atualmente o mundo conta com cerca de 7,002,462,634 bilhões de habitantes.

**Densidade populacional:** corresponde ao número de habitantes por km<sup>2</sup>; mostra-nos como se distribui a população no espaço territorial.

DP= PA: Área (km<sup>2</sup>)

**Natalidade:** nº total de nascimentos vivos (nados-vivos) ocorridos numa dada região, num determinado período de tempo.

**Mortalidade:** nº total de óbitos ocorridos numa dada região, num determinado período de tempo.

**Crescimento Natural ou Saldo Fisiológico:** diferença entre a natalidade e a mortalidade.

Fórmula: CN=N-M.

**Taxa de natalidade:** nº anual de nascimentos por cada 1000 habitantes.

$$TN = \frac{\text{Nat.}}{\text{P.Abs.}} * 1000$$

Exprime-se em per milagem (‰)

**Taxa de mortalidade:** nº anual de óbitos por cada 1000 habitantes.

$$TM = \frac{\text{Mort.}}{\text{P.Abs.}} * 1000$$

Exprime-se em per milagem (‰)

**Taxa de Crescimento Natural:**

Diferença entre a taxa de natalidade e a taxa de mortalidade. TCN=TN-TM

**Imigração:** número de indivíduos (estrangeiros) que entram num determinado país ao longo de um ano.

**Emigração:** número de indivíduos que saem de um determinado país (país Natal) para outro ao longo de um ano.

Da diferença entre a imigração e a emigração resulta o

**Saldo Migratório**

$$SM = I - E$$

**Crescimento Real ou Efetivo:**

resulta da diferença entre a natalidade e a mortalidade (CN), bem como da diferença entre a imigração e a emigração

$$CE = (\text{Nat.} - \text{Mort.}) + (\text{Imig.} - \text{Emig.})$$

$$CE = CN + SM$$

**Taxa de Crescimento Real ou Efetivo:**

resulta da diferença entre a natalidade e a mortalidade (CN), bem como da diferença entre a imigração e a emigração

$$TCE = \frac{(\text{Nat.} - \text{Mort.}) + (\text{Imig.} - \text{Emig.})}{P. \text{Abs.}} * 1000$$

$$TCE = \frac{CN + SM}{P. \text{Abs.}} * 1000$$

Exprime-se em permilagem (‰)

É um indicador extremamente importante pois a evolução populacional não depende somente do nº de nascimentos e óbitos, mas também dos estrangeiros que entram num país e dos nacionais que saem do seu país de origem.

**Esperança média de vida:** nº de anos que, em média, uma pessoa terá a probabilidade de viver.

**Taxa de mortalidade infantil:** nº de óbitos de crianças com menos de um ano por cada mil nados-vivos. Calcula-se com a seguinte fórmula

$$TMI = \frac{\text{óbitos com menos de 1 ano} * 1000}{\text{Nados vivos}}$$

Exprime-se em permilagem (‰)

**Taxa de fecundidade:** número de nados-vivos, por cada mil mulheres em idade fértil, ocorridos durante um ano. Calcula-se com a seguinte fórmula

$$TF = \frac{\text{nados vivos}}{\text{Pop. De mulheres em idade fértil (15-49anos)}} * 1000$$

Exprime-se em permilagem (‰)

**Índice de renovação de gerações:** nº mínimo de filhos que cada mulher deveria ter (2,1 filhos) para assegurar a substituição das gerações.

3- Considere o quadro seguinte relativo a estatísticas demográficas portuguesas da atualidade.

<b>Portugal</b>	<b>Área total (km<sup>2</sup>) 92090</b>	<b>Nº total hab. 10555853</b>	<b>Nados vivos 101381</b>	<b>Óbitos 105954</b>
<b>Óbitos ≤ 1 ano 256</b>	<b>Nº imigrantes 29718</b>	<b>Nº emigrantes 20357</b>		

3.1.- Indique qual o valor da população absoluta de Portugal.

3.2.- Determine a densidade populacional de Portugal.

3.3.- Determine o crescimento natural de Portugal.

3.4.- Calcule a taxa de natalidade e a taxa de mortalidade em Portugal.

3.5.- Determine a taxa de crescimento natural em Portugal.

3.6.- Calcule a taxa de mortalidade infantil de Portugal.

3.7.- Determine o saldo migratório em Portugal.

3.8.- Calcule a taxa de crescimento efetivo em Portugal.

**4- Observe com atenção o quadro seguinte.**

INDICADORES	PAÍS A	PAÍS B
População total	2000000	15000000
Natalidade	18000	600000
Mortalidade	22000	400000
Emigração	2500	50000
Imigração	35000	1000

4.1. – Determine o saldo migratório dos países constantes do quadro anterior.

4.2. - Calcule o crescimento natural dos países presentes no quadro anterior.

4.3. – Determine a taxa de crescimento efetivo dos países constantes do quadro anterior.

**5- Considere os dados presentes no quadro seguinte.**

	TN %	TM%	TCN%
Áustria	8,3	9,9	-1,6
Afganistão	47,3	21,4	25,9
EUA	13,1	8,4	4,7
Suíça	8,6	9,8	-1,2

5.1- Efetue os cálculos relativos à taxa de crescimento natural, de forma a averiguar se o saldo apresentado é verdadeiro.

5.2- Indique o/s país/es em que se regista:

a) Uma diminuição da população.

b) Um maior crescimento populacional.

5.3– Indique que valor deveria apresentar a taxa de mortalidade dos EUA, para que se registasse um crescimento nulo?

**Anexo II – Ficha de avaliação sumativa número 3**

Agrupamento de Escolas de Mira

2021/2022



Ficha de Avaliação de Geografia (3) – 8.º ano

Nome: \_\_\_\_\_ Nº: \_\_\_\_\_ Turma: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Professor: \_\_\_\_\_ Classificação: \_\_\_\_\_

Encarregado de educação: \_\_\_\_\_

**1- Classifique as seguintes afirmações como verdadeiras (V) ou falsas (F)**

8

- \_\_\_ Linha de costa e litoral são conceitos sinónimos.
- \_\_\_ O litoral engloba a linha de costa.
- \_\_\_ O litoral é a área onde há contacto entre terra e mar
- \_\_\_ A água é o principal agente modelador do litoral.

**2- Classifique as seguintes afirmações como verdadeiras (V) ou falsas (F)**

8

- \_\_\_ No litoral há dois tipos de costa: costa alta e costa escarpada.
- \_\_\_ Arribas são características da costa alta.
- \_\_\_ As arribas fosseis estão expostas à ação de desgaste do mar.
- \_\_\_ A costa baixa é constituída por praias e as dunas.

**3- Classifique as seguintes afirmações como verdadeiras (V) ou falsas (F)**

8

- \_\_\_ Abrasão marinha é a ação erosiva que o mar exerce sobre as arribas.
- \_\_\_ Abrasão marinha é a superfície de acumulação de matérias desgastados na arriba.
- \_\_\_ Plataforma de abração é uma vertente rochosa que entra pelo mar.
- \_\_\_ A abrasão marinha é mais evidente onde predominam as praias e dunas.

**4- Classifique as seguintes afirmações como verdadeiras (V) ou falsas (F)**

8

- Os planos de ordenamento da orla costeira são dispensáveis para a defesa da costa.
- O recuo da linha de costa deve-se exclusivamente a fatores físicos.
- A construção de barragens influencia a ação erosiva do mar.
- A construção de paredões e molhes pretende evitar o recuo da linha de costa.

**5- Selecione a opção correta: A forma litoral que existe em Peniche é um...(X)**

8

- Cabo.
- Haff*-delta.
- Tômbolo.
- Todas as opções anteriores estão erradas.

**6- Selecione a opção correta: Qual das seguintes não é uma forma do litoral... (X)**

8

- Duna.
- Restinga.
- Meandro.
- Todas as opções anteriores são formas do litoral.

**7- Selecione a opção correta: Para a formação de uma duna é necessário... (X)**

8

- Vento.
- Areia fina.
- Vegetação.
- Todas as opções anteriores estão corretas.

**8- Selecione a opção correta: Formação rochosa que entra pelo mar é um...(X)**

8

- Cabo.
- Arco litoral.
- Tômbolo.
- Golfo.

**9- Observe as seguintes imagens numeradas de 1 a 6.**



9.1. Indique as imagens que ilustram as causas do recuo da linha de costa.

Nº \_\_\_\_\_ Nº \_\_\_\_\_

6

9.2. Indique as imagens que ilustram medidas de proteção e defesa da costa.

Nº \_\_\_\_\_ Nº \_\_\_\_\_

6

9.3. Indique as imagens que ilustram a falta de planos de ordenamento da orla costeira.

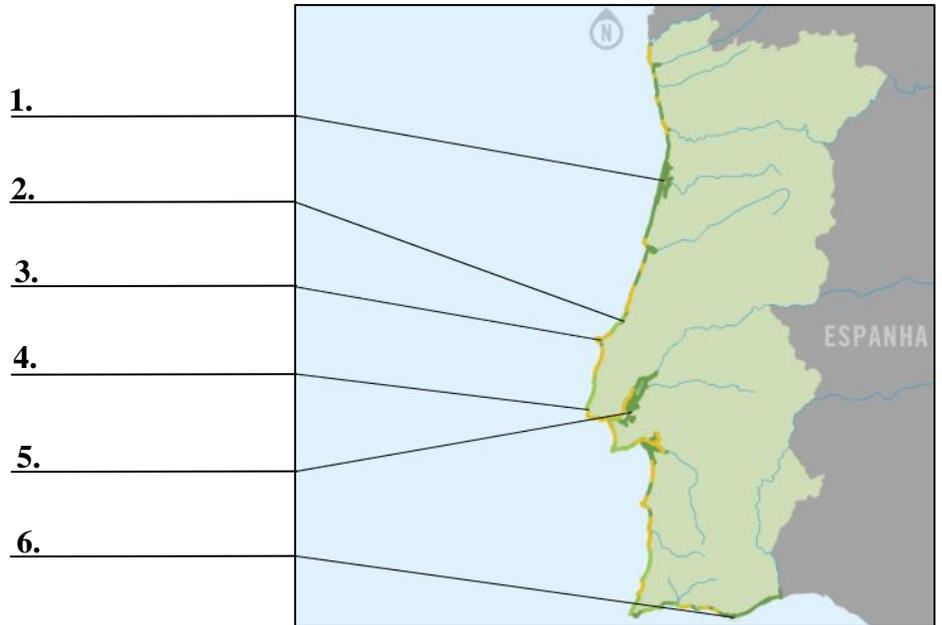
Nº \_\_\_\_\_ Nº \_\_\_\_\_

6

**10 – Faça a legenda do mapa com os nomes dos acidentes do litoral português.**

18

- A** – Lido de Faro
- B** – Cabo da Roca
- C** – *Haff*-delta de Aveiro
- D** – Baía de S. Martinho do Porto
- E** – Tômbolo de Peniche
- F** – Estuário do Tejo e do Sado



Professores: Margarida Oliveira  
 Xavier Cameijo  
 Andreia Martins

**Anexo III – Ficha de avaliação sumativa número 4**Agrupamento de Escolas de Mira  
2021/2022

Ficha de Avaliação de Geografia (4) – 8.º ano



Nome: \_\_\_\_\_ Nº: \_\_\_\_\_ Turma: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Professor: \_\_\_\_\_ Classificação: \_\_\_\_\_

Encarregado de educação: \_\_\_\_\_

**1- Classifique as seguintes afirmações como verdadeiras (V) ou falsas (F)**

8

- \_\_\_ Demografia é a ciência que estuda a dimensão, estrutura e evolução da população.
- \_\_\_ As principais fontes de informação de estudos da população são os recenseamentos.
- \_\_\_ Estipulou-se a realização dos recenseamentos ou censos de 5 em 5 anos.
- \_\_\_ Os dados dos censos são fundamentais para planificar o nº de escolas para o futuro.

**2- Classifique as seguintes afirmações como verdadeiras (V) ou falsas (F)**

8

- \_\_\_ No cálculo do crescimento natural é necessário o valor da natalidade e fecundidade.
- \_\_\_ Quando a natalidade é superior à mortalidade, o crescimento natural é negativo.
- \_\_\_ No regime demográfico primitivo a população mundial aumentou lentamente.
- \_\_\_ A partir da 2ª guerra mundial a população mundial diminuiu.

**3- Classifique as seguintes afirmações como verdadeiras (V) ou falsas (F)**

8

- \_\_\_ Numa pirâmide etária, a base representa a população idosa.
- \_\_\_ Classes ocas dão informação sobre o passado: guerras, epidemias ou migrações.
- \_\_\_ Uma pirâmide etária de topo largo reflete a uma população jovem.
- \_\_\_ Uma pirâmide etária de base larga reflete a uma elevada mortalidade.

**4- Classifique as seguintes afirmações como verdadeiras (V) ou falsas (F)**

8

- A variação da precipitação e da temperatura influencia a distribuição da população.
- Áreas atrativas são áreas sem condições favoráveis à sobrevivência do ser humano.
- As áreas de montanha são mais atrativas que as áreas litorais.
- O passado histórico influencia apenas a atração de população a determinadas áreas.

**5- Selecione a opção mais correta: (X)**

8

**5.1. No regime demográfico moderno a taxa de natalidade ...**

- é elevada, devido à falta de planeamento familiar.
- é baixa, devido à entrada da mulher no mercado de trabalho.
- é elevada, devido ao aumento do número médio de filhos por casal.
- é baixa, devido às guerras e epidemias.

**5.2. A mortalidade é mais baixa...**

8

- no regime demográfico primitivo.
- no regime de transição demográfica.
- no regime demográfico moderno.
- no regime demográfico primitivo e no moderno.

**5.3. A presença de pop. é nula ou reduzida nas regiões polares porque...**

8

- a densidade da vegetação dificulta a ocupação humana.
- o solo é pobre e a amplitude térmica diurna é elevada.
- as temperaturas são baixas e há longos períodos sem luz solar.
- à medida que a altitude aumenta a quantidade de oxigénio diminui.

**5.4. O crescimento real de uma população resulta...**

8

- da soma do crescimento natural com o saldo migratório.
- da soma da natalidade com a mortalidade.
- da soma da natalidade com a imigração.

**6. Faça corresponder o indicador demográfico à respetiva definição.**

12

- 1 – Saldo Migratório \_\_\_\_\_
- 2 – Crescimento Natural \_\_\_\_\_
- 3 – Esperança Média de Vida \_\_\_\_\_
- 4 – Taxa de Natalidade \_\_\_\_\_
- 5 – Taxa de Mortalidade \_\_\_\_\_
- 6 – Crescimento Real \_\_\_\_\_

- A – Diferença entre a natalidade e a mortalidade.
- B – Número de nados-vivos ocorridos num ano, por cada 1000 habitantes.
- C – Número de óbitos ocorridos num ano, por cada 1000 habitantes.
- D – Somatório do crescimento natural com o saldo migratório.
- E – Diferença entre a imigração e a emigração.
- F – Número médio de anos que uma pessoa, à nascença, pode esperar

**7. Faça a correspondência entre os locais e as áreas atrativas (A) ou repulsivas (R).**

6

- |                                 |                                 |
|---------------------------------|---------------------------------|
| ____ Regiões polares            | ____ Europa ocidental e central |
| ____ Ásia meridional e oriental | ____ Desertos quentes           |
| ____ Áreas de montanha          | ____ Regiões litorais           |

**8. Observe os seguintes gráficos e faça a sua legenda de acordo com o grau de desenvolvimento dos países: países desenvolvidos e países em desenvolvimento.**

4

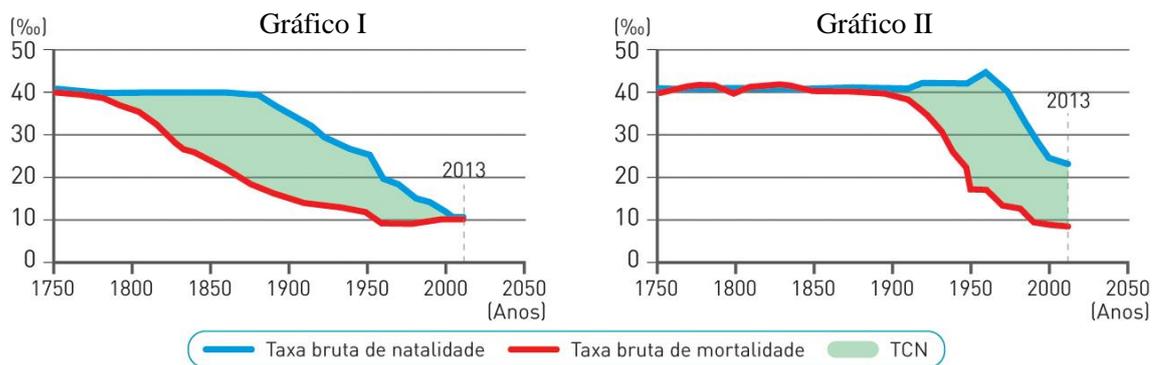


Gráfico I - \_\_\_\_\_

Gráfico II - \_\_\_\_\_

**9. Complete as frases com o país que mais se aplica: países desenvolvidos ou países em desenvolvimento.**

14

Elevada taxa de natalidade: \_\_\_\_\_

Baixa taxa de natalidade: \_\_\_\_\_

Maior esperança média de vida: \_\_\_\_\_

Elevados encargos com a segurança social e com a saúde: \_\_\_\_\_

Elevada % de população jovem: \_\_\_\_\_

Saldo migratório negativo ( $I < E$ ): \_\_\_\_\_

Crescimento natural positivo ( $N > M$ ): \_\_\_\_\_

Professores: Margarida Oliveira

Xavier Cameijo

Andreia Martins

## Anexo IV – Cartaz da Ação de Formação de Curta Duração



## Atividade de Formação de Curta Duração

(Despacho nº 5741/2015)

### 188. Contributos do estilo de vida mediterrânico para uma alimentação sustentável (3 horas)

#### Destinatários

Professores dos CFAE Guarda-1 e Beira Mar

#### Contextualização

No âmbito do projeto Territorial MED e da missão do Centro de Competências para a Dieta Mediterrânica (CCDM), pretende-se promover ações de capacitação de professores, dando-lhes a conhecer metodologias e ferramentas pedagógicas, de forma a transferir para os jovens o prazer da descoberta cognitiva pelos saberes que se encerram nos sabores dos produtos identitários.

#### Objetivos

- Capacitação dos professores que trabalham com jovens dos 6 aos 18 anos, em ambiente escolar, para os princípios e valores da Dieta Mediterrânica: Um estilo de vida para o século XXI  
- Capacitar pessoal docente para a utilização das práticas culturais e dos produtos locais para o desenho e implementação de atividades pedagógicas e exploratórias do território, da história local, das estórias das comunidades de que a identidade cultural mediterrânica é composta.

#### Conteúdos

O que é o estilo de vida mediterrânico

Princípios da Dieta Mediterrânica

Alimentação adequada: saborosa, saudável, económica e sustentável

Práticas para uma alimentação adequada em jovens em idade escolar:

- Descobre os sentidos da alimentação mediterrânica
- À descoberta da alimentação mediterrânica
- Hoje faço eu o lanche
- Os açúcares escondidos dos alimentos
- Produtos locais e sazonais

#### Calendarização

Dia 17.12.2021, das 18:00 às 21:00

Link:

<https://zoom.us/j/92878923585?pwd=Umxiqjk1M2RiVlJmdkNOK1JrRmtOZz09>

#### Local

online

#### Formador

Artur Filipe Gregório (Antropólogo)  
Mestre em Planeamento Regional e Urbano  
Coordenador de projetos na Associação de Desenvolvimento Local IN LOCO

#### Formadora Convidada

Catarina Vasconcelos (Nutricionista)  
Coordenadora do Projeto “Prato Certo”

#### Inscrições

<https://forms.gle/VJXnXHoEJA8cSCfC7>

**Anexo V – Programa do III Encontro Nacional dos Mestrados em Ensino de Geografia****PROGRAMA**

**10h | Sessão de abertura.** Intervenções: Professor José Manuel Simões, presidente do IGOT-ULisboa; Professora Elsa Pacheco, coordenadora do MEG da FLUP; Professora Fátima Velez de Castro, coordenadora do MEG da FLUC; Professor José Afonso Teixeira, coordenador do MEG da NOVA FCSH e Professor Sérgio Claudino, coordenador do MEG do IGOT-ULisboa.

**10h30 | Mesa-Redonda “A formação inicial de professores”.** Intervenção de um diplomado e de um estudante de cada um dos Mestrados. FLUC: Ricardo Lopes (diplomado); Xavier Cameijo (estudante); IGOT/IEULisboa: Ricardo Milheiro (diplomado), Tiago Gonçalves (estudante); NOVA FCSH: Pedro Conceição (diplomado); Ana Margarida Marques (estudante); FLUP: Paulo Lemos (diplomado); Inês Bento (estudante).

Debate (Moderação: Professora Laura Soares)

**12h30-14h30 | Almoço**

**14h30 | Visionamento do filme da Câmara Municipal de Lisboa/CML “A evolução urbana da cidade de Lisboa”.** Comentário do Arquiteto Paulo Pais (Diretor do Departamento de Planeamento Urbano da Câmara Municipal de Lisboa) e debate (Moderação: Professora Helena Esteves, IGOTULisboa)

**15h-16h30 | “A Geografia lá de casa”.** Dois estudantes de cada Mestrado apresentam brevemente a forma como, na sua família (pais, irmãos, o próprio...), a disciplina tem sido encarada. FLUC: Mónica Soares, Juliana Bernal; IGOT/IEULisboa: Jesilene Soares, Tiago Fernandes; NOVA FCSH: Alexandre Batista; Miguel Gabriel; FLUP: 2 estudantes do 1º ano. Debate. (Moderação: Professor José Afonso Teixeira, NOVA FCSH);

**16h30-17h | Intervalo**

**17h | Palestra do Professor Herculano Cachinho (IGOT):** “Educação geográfica poderosa: conhecimento, conceitos liminares e aprendizagens transformadoras” (Moderação: Professor Paulo Nossa, FLUC)

**18h | Encerramento**

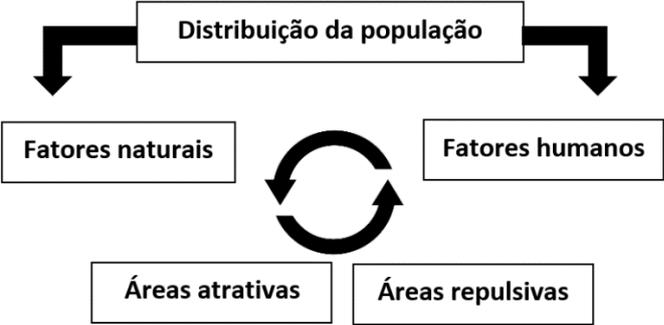
Link para as sessões:

<https://videoconferenciabibli.zoom.us/j/85206267321?pwd=cjJuVDFJcE9DMGhMQXdaS21sMThpUT09>

Senha: 389131



## Anexo VI – Planificação da 1ª aula assistida

<b>08/02/2022</b> <b>8H30</b> <b>Sala C2</b> <b>50 min.</b> <b>8º A</b>	<b>Disciplina:</b> Geografia  <b>Professor:</b> Xavier Cameijo	<b>Domínio:</b> População e povoamento  <b>Subdomínio:</b> Áreas de fixação humana
<b>Objetivo</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Compreender os fatores que influenciam a distribuição da população na superfície terrestre.</li> </ul>	
<b>Objetivos específicos e metas curriculares</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Diferenciar áreas atrativas de repulsivas;</li> <li>● Relacionar as áreas de atração e de repulsão demográficas com fatores naturais e humanos;</li> <li>● Identificar padrões na distribuição da população e do povoamento mundial, enunciando fatores responsáveis por essa distribuição.</li> </ul>	
<b>Aprendizagens essenciais</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Compreender os fatores que influenciam a atração e a repulsão demográficas dos lugares;</li> <li>● Relacionar os fatores naturais e humanos com a distribuição da população na superfície terrestre.</li> </ul>	
<b>Pré-requisitos</b>	Meio natural 7º ano: clima (temperatura e precipitação); latitude; altitude; relevo; hidrologia.	
<b>Sumário</b>	Áreas atrativas e repulsivas. Fatores naturais e humanos na distribuição da população. Resolução de exercícios.	
<b>Questão-chave</b>	Que fatores influenciam a distribuição da população pela superfície da Terra?	
<b>Estratégia didática</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Recurso ao <i>mindfulness</i> para colocar a atenção dos alunos no <i>Aqui e Agora</i>;</li> <li>● Recurso à imagem fixa (fotografia) e ao som enquanto estratégia multissensorial na construção do conhecimento por parte dos alunos;</li> <li>● Apelo ao lado afetivo e emocional (individual e da turma) para a compreensão de áreas atrativas e repulsivas.</li> </ul>	
<b>Conceitos e esquema conceptual</b>		

<p><b>Sequência da aula</b></p>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. A aula inicia com a marcação das presenças e escrita do sumário;</li> <li>2. Será solicitado aos alunos a realização de exercícios respiratórios (mindfulness);</li> <li>3. Contextualizar os alunos com o programa da disciplina, no domínio da população e povoamento e dos temas da Geografia humana e na sequência das aulas anteriores;</li> <li>4. De forma introdutória os alunos serão convidados a observar um conjunto de imagens de lugares;</li> <li>5. O professor distribui pelos alunos uma ficha com as questões escritas para a realização do exercício de observação;</li> <li>6. A partir da observação e da dimensão afetiva os alunos deverão selecionar e escrever na folha previamente distribuída, um lugar onde gostariam de viver e um lugar onde não gostariam de viver, justificando ambas as respostas;</li> <li>7. Serão contabilizadas o número total de escolhas sobre as imagens para ambas as categorias;</li> <li>8. Os dados obtidos serão discutidos com alunos, no sentido de expor o conceito de áreas atrativas e repulsivas;</li> <li>9. Serão reproduzidos 2 áudios: um com sons “naturais” e outro com sons/ruídos “humanos”, para que os alunos identifiquem através do som os fatores naturais e humanos, enquanto elementos determinantes na distribuição, na atração e repulsão da população sobre os vários territórios;</li> <li>10. Os alunos serão convidados a partilhar com a turma as suas respostas de justificação realizadas durante o exercício de observação, de modo a categorizar essas motivações nos fatores naturais ou humanos e dessa forma, construir o conhecimento a partir da emoção e experiência pessoal;</li> <li>11. Como forma de consolidação do conhecimento, serão enumerados todos fatores (naturais e humanos) que influenciam a distribuição da população e interpretados gráficos e outros elementos cartográficos;</li> <li>12. Esclarecimento de dúvidas através da resolução de exercícios na escola virtual;</li> <li>13. Recolha das fichas com os resultados das respostas ao exercício inicial como elemento de avaliação em anexo à grelha de observação sobre participação dos alunos na aula;</li> <li>14. A aula termina.</li> </ol>
<p><b>Recursos</b></p>	<p>Manual da disciplina; quadro; computador; internet; projetor; caneta; ficha de trabalho.</p>
<p><b>Avaliação</b></p>	<p>Avaliação contínua: - Os alunos serão avaliados consoante a sua participação na aula e no debate de ideias após a observação de imagens (registo em grelha de observação e recolha de fichas de trabalho);</p> <p>Avaliação formativa: - Os alunos serão avaliados especificamente através de questões sobre o tema, na ficha de avaliação formativa.</p>
<p><b>Bibliografia</b></p>	<p>Manual da disciplina: <i>Fazer Geografia 3.0 - 8º Ano – População e povoamento</i> - de Ana Gomes, Anabela Santos Boto, António Lopes, Hélio Pinho.</p> <p>Escola virtual: <a href="http://www.escolavirtual.pt">www.escolavirtual.pt</a></p>

## Anexo VII – Planificação da 2ª aula assistida

<p>19/04/2022 8H30 Sala C8 50 min. 8º A</p>	<p><b>Disciplina:</b> Geografia <b>Professor:</b> Xavier Cameijo</p>	<p><b>Domínio:</b> População e povoamento <b>Subdomínio:</b> Mobilidade da população</p>
<p><b>Objetivo</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Compreender as causas e as consequências das migrações.</li> </ul>	
<p><b>Objetivos específicos e metas curriculares</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Explicar causas e consequências dos fluxos migratórios, a diferentes escalas;</li> <li>● Diferenciar os tipos de migração quanto ao: espaço, duração, decisão e controle;</li> </ul>	
<p><b>Aprendizagens essenciais</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Compreender as causas, motivações e consequências dos fluxos migratórios, a diferentes escalas;</li> <li>● Identificar padrões na distribuição dos fluxos migratórios, à escala nacional, europeia e mundial, enunciando fatores responsáveis por essa distribuição.</li> </ul>	
<p><b>Pré-requisitos</b></p>	<p>Conceitos de emigração e de imigração, saldo migratório, lecionados aquando dos restantes indicadores demográficos.</p>	
<p><b>Sumário</b></p>	<p>Causas das migrações. Análise da música “<i>Garçonete</i>”, dos Deolinda. Tipos de migração quanto ao: espaço, duração, decisão e controle.</p>	
<p><b>Questão-chave</b></p>	<p>Quais as causas e tipos das migrações?</p>	
<p><b>Estratégia didática</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Recurso ao <i>mindfulness</i> para colocar a atenção dos alunos no <i>Aqui e Agora</i>;</li> <li>● Recurso à exploração de objetos e símbolos retirados de uma mala de viagem, de forma a identificar as causas e motivações à migração e mobilidade da população;</li> <li>● Audição e exploração de um excerto da música “<i>Garçonete</i>” dos Deolinda.</li> </ul>	
<p><b>Recursos</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Mala de viagem <i>vintage</i> com vários objetos simbólicos no interior: moedas e notas de chocolate; vulcão; Bíblia; Buda; estrela de David; pistola; boletim de voto; diploma; taça tibetana.</li> <li>● Música “<i>Garçonete</i>”, do grupo Deolinda.</li> <li>● Manual da disciplina; quadro; computador; internet; projetor; coluna de som; caneta; ficha de trabalho.</li> </ul>	

<p><b>Conceitos e esquema conceptual</b></p>	<pre> graph TD     A[Tipos de migração] --&gt; B[Causas]     A --&gt; C[Espaço]     A --&gt; D[Duração]     A --&gt; E[Decisão]     A --&gt; F[Controle]          B --&gt; B1[Económicas]     B --&gt; B2[Naturais]     B --&gt; B3[Bélicas]     B --&gt; B4[Políticas]     B --&gt; B5[Religiosas]     B --&gt; B6[Socioculturais]          C --&gt; C1[Interna]     C --&gt; C2[Externa]          C1 --&gt; C1a[Êxodo rural]     C1 --&gt; C1b[Êxodo urbano]          C2 --&gt; C2a[Intercontinental]     C2 --&gt; C2b[Intracontinental]          D --&gt; D1[Temporária]     D --&gt; D2[Definitiva]          E --&gt; E1[Voluntária]     E --&gt; E2[Forçada]          F --&gt; F1[Legal]     F --&gt; F2[Ilegal]         </pre>
<p><b>Sequência da aula</b></p>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. A aula inicia com a marcação das presenças e escrita do sumário;</li> <li>2. Será solicitado aos alunos a realização de exercícios respiratórios (mindfulness);</li> <li>3. Contextualizar os alunos com o programa da disciplina, no domínio da população e povoamento e dos temas da Geografia humana e das migrações, na sequência das aulas anteriores;</li> <li>4. Migrações e migrante: abordagem e discussão de conceitos através de exemplos concretos.</li> <li>5. Breve contextualização sobre os ciclos migratórios a partir de uma mala de viagem <i>vintage</i>;</li> <li>6. Abrir a mala de viagem e retirar um a um, os vários objetos simbólicos, de modo a associar cada um deles à respetiva causa e motivação na base da migração, através da partilha e debate de ideias;</li> <li>7. Distinguir dentro das várias causas, o tipo de decisão das migrações: de forma livre ou forçada;</li> <li>8. Apresentação e exploração de um esquema de sobre os tipos de migração.</li> <li>9. Audição de um excerto da música “<i>Garçonete</i>” dos Deolinda;</li> <li>10. Distribuição de uma ficha de trabalho para a análise e exploração da letra da música “<i>Garçonete</i>”, de modo a compreender os tipos de migração presentes;</li> <li>11. Esboçar geograficamente o percurso migratório descrito na letra da música;</li> <li>12. Os alunos serão convidados a partilhar com a turma as suas experiências pessoais/familiares sobre alguém/algum percurso migratório, de modo a desconstruir os tipos de migração;</li> <li>13. Esclarecimento de dúvidas;</li> <li>14. A aula termina.</li> </ol>
<p><b>Avaliação</b></p>	<p>Avaliação contínua:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Os alunos serão avaliados consoante a sua participação na aula e no debate de ideias durante a exploração dos vários recursos (registo em grelha de observação e ficha de trabalho);</li> </ul> <p>Avaliação formativa:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Os alunos serão avaliados especificamente através de questões sobre o tema, na ficha de avaliação formativa.</li> </ul>

<b>Bibliografia</b>	<p>Manual da disciplina:  <i>Fazer Geografia 3.0 - 8º Ano – População e povoamento</i> - de Ana Gomes, Anabela Santos Boto, António Lopes, Hélio Pinho.</p> <p>Escola virtual: <a href="http://www.escolavirtual.pt">www.escolavirtual.pt</a></p> <p>Youtube: <a href="https://www.youtube.com/channel/UCG8n8v8v8v8v8v8v8v8v8v8">Garçonete Da Casa De Fado - YouTube</a></p> <p>Arango, Joaquim (2004) – Theories of International Migration. In: Joly, Danièle (Ed.) – International migration in new millennium. Ashgate, p.15-35</p> <p>Blanco, Cristina (2000) – Las migraciones contemporâneas. Alianza Editorial, Ciencias Sociales, Madrid, 202 p.</p> <p>Fonseca, Maria Lucinda (2007) – “Inserção territorial. Urbanismo, desenvolvimento regional e políticas locais de atracção”. In: Vitorino, António (Coord.), <i>Imigração: oportunidade ou ameaça?</i> Fundação Calouste Gulbenkian, Col.Principia, Lisboa, pp.105-150.</p> <p>Garcia, José Luiz (Org.) (2000) – Portugal migrante, emigrante e imigrados, dois estudos introdutórios. Celta, Col. Comunidades portuguesas, Portugal, 160 p.</p> <p>Malheiros, Jorge Macaísta (2005) – “Migrações”. In: Medeiros, Carlos Alberto, <i>Geografia de Portugal 2 – Sociedade, Paisagens e Cidades</i>, Círculo de Leitores, Lisboa, pp.87-125.</p> <p>Papademetriou, Demetrios G. (Coord.) (2008) – <i>A Europa e os seus Imigrantes no Século XXI</i>. Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, Lisboa, 307 p. <a href="http://www.flad.pt/documentos/124085910915fAW3ba9Cq23HS5.pdf">http://www.flad.pt/documentos/124085910915fAW3ba9Cq23HS5.pdf</a></p> <p>Velez de Castro, Fátima (2008) – <i>A Europa do Outro. A imigração em Portugal no início do séc.XXI. Estudo do caso dos imigrantes da Europa de Leste no concelho de Vila Viçosa</i>. ACIDI, Colecção Teses, nº16, Lisboa, 263 p. <a href="http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Colec_Teses/tese_16.pdf">http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Colec_Teses/tese_16.pdf</a></p>
---------------------	---

## Anexo VIII – Planificação da 3ª aula assistida

<p><b>3/05/2022</b></p> <p><b>8H30</b></p> <p><b>Sala C2</b></p> <p><b>50 min.</b></p> <p><b>8º A</b></p>	<p><b>Disciplina:</b> Geografia</p> <p><b>Professor:</b> Xavier Cameijo</p>	<p><b>Domínio:</b> Atividades económicas</p> <p><b>Subdomínio:</b> Atividades Económicas: recursos, processos de produção e sustentabilidade</p>
<p><b>Objetivo</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Compreender a repartição das atividades económicas em setores.</li> </ul>	
<p><b>Objetivos específicos e metas curriculares</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Distinguir os conceitos de população ativa e população inativa;</li> <li>● Diferenciar os setores primário, secundário e terciário;</li> <li>● Identificar padrões na distribuição espacial de diferentes atividades económicas, enunciando fatores;</li> <li>● Identificar tendências na distribuição da população ativa pelos diferentes setores de atividade.</li> </ul>	
<p><b>Aprendizagens essenciais</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Classificar atividades económicas nos respetivos setores;</li> <li>● Identificar padrões na distribuição das diferentes atividades económicas, enunciando os fatores que justificam essa distribuição.</li> </ul>	
<p><b>Pré-requisitos</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Origem, crescimento e funções das cidades;</li> <li>● Organização morfofuncional das cidades;</li> <li>● Compreender a inter-relação entre o espaço rural e o urbano.</li> </ul>	
<p><b>Sumário</b></p>	<p>Setores de atividade e população ativa.</p> <p>Fatores e padrões na distribuição espacial das atividades económicas.</p>	
<p><b>Questão-chave</b></p>	<p>Quais os setores de atividades económicas e de que forma elas se distribuem pelo espaço?</p>	
<p><b>Estratégia didática</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Disposição das mesas/carteiras da sala de aula em formato U;</li> <li>● Recurso ao <i>mindfulness</i> para colocar a atenção dos alunos no <i>Aqui e Agora</i>;</li> <li>● Recurso à exploração de objetos e símbolos para a repartição das atividades económicas nos diferentes setores de atividade;</li> <li>● Construção de um esquema no centro da sala com os fatores e padrões na distribuição espacial das atividades económicas e da população ativa.</li> </ul>	

<p><b>Recursos</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Vários objetos simbólicos alusivos às atividades desenvolvidas nos diferentes setores económicos;</li> <li>● Papel de cenário e marcadores;</li> <li>● Manual da disciplina; quadro; computador; internet; projetor; caneta.</li> </ul>
<p><b>Conceitos e esquema conceptual</b></p>	
<p><b>Sequência da aula</b></p>	<ol style="list-style-type: none"> <li>0. A sala de aula foi previamente disposta em formato U;</li> <li>1. A aula inicia com a marcação das presenças e escrita do sumário;</li> <li>2. Será solicitado aos alunos a realização de exercícios respiratórios (mindfulness);</li> <li>3. Contextualizar os alunos com o programa da disciplina, no novo domínio das Atividades Económicas e no subdomínio das Cidades, na sequência das aulas anteriores;</li> <li>4. Abordagem sobre as atividades económicas e sobre os conceitos de população ativa e inativa;</li> <li>5. Setores de atividade: abordagem e discussão sobre a classificação das atividades económicas, através de exemplos concretos.</li> <li>6. Solicitar a participação dos alunos na construção de um esboço no centro da sala, sobre a organização morfofuncional das cidades e da articulação com o espaço rural;</li> <li>7. Solicitar a participação dos alunos na identificação e categorização de atividades no respetivo setor, através de objetos simbólicos;</li> <li>8. Distribuição espacial dessas atividades (objetos), justificando a escolha da localização e relacionando fatores.</li> <li>9. Evolução na forma de trabalho e exploração de algumas atividades, pela introdução de mecanização e tecnologias;</li> <li>10. Relação entre a distribuição da população ativa nos diferentes setores com o grau de desenvolvimento dos territórios;</li> <li>11. Esclarecimento de dúvidas;</li> <li>12. A aula termina.</li> </ol>

<p><b>Avaliação</b></p>	<p>Avaliação contínua:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Os alunos serão avaliados consoante a sua participação na aula e no debate de ideias durante a exploração dos vários recursos (registo em grelha de observação e ficha de trabalho);</li> </ul> <p>Avaliação formativa:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Os alunos serão avaliados especificamente através de questões sobre o tema, na ficha de avaliação formativa.</li> </ul>
<p><b>Bibliografia</b></p>	<p>Manual da disciplina:</p> <p><i>Fazer Geografia 3.0 - 8º Ano – População e povoamento</i> - de Ana Gomes, Anabela Santos Boto, António Lopes, Hélio Pinho.</p> <p>Escola virtual: <a href="http://www.escolavirtual.pt">www.escolavirtual.pt</a></p> <p>Benko, G. e Lipietz, A. (1994). <b>As regiões ganhadoras: distritos e redes: os novos paradigmas da Geografia económica</b>, Celta Editora, Oeiras.</p> <p>Castells, M. (2000). <b>La Ciudad de la nueva economía, La Factoría</b>, Nº 12, s/ paginação.</p> <p>Fernandes, R. (2008). <b>Cidades e regiões do conhecimento: do digital ao inteligente – Estratégias de desenvolvimento territorial: Portugal no contexto europeu</b>, Dissertação de Mestrado em Geografia, área de especialização em Geografia Humana – Território e Desenvolvimento, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.</p> <p>Gama, R. (2004). <b>Dinâmicas Industriais, Inovação e Território. Abordagem geográfica a partir do Centro Litoral de Portugal</b>, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.</p> <p>Medeiros, C. A. (2005). <b>Geografia de Portugal: atividades económicas e espaço geográfico</b>. Círculo de Leitores, Lisboa, 462p.</p>

Anexo IX – Apresentação PowerPoint, sobre bacias e redes hidrográficas

# Dinâmica das Bacias e Redes Hidrográficas

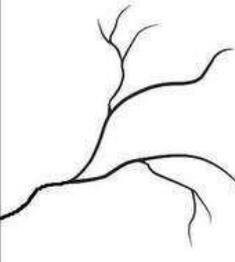
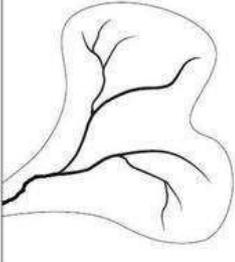


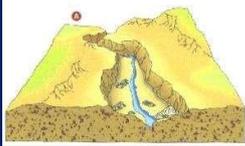
Geografia  
Professor: Xavier Cameijo

 ... recordar

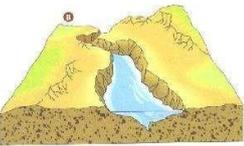
**Caudal** - quantidade de água que passa por uma determinada secção do rio.

**Leito** - local onde corre o rio.

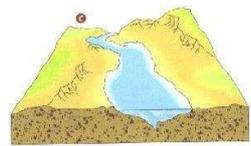
Rede hidrográfica	Bacia hidrográfica
	



**Leito de Estiagem**  
Leito onde corre o rio nos períodos mais secos do ano;



**Leito Normal**  
Leito onde corre o rio normalmente;



**Leito de Cheia**  
Leito onde corre o rio nos períodos mais chuvosos do ano.



**Curso Superior**

- Junto à nascente do rio
- Grandes declives
- Grande velocidade da água
- Vales em forma de V

**Curso Intermédio**

- Troço intermédio do rio
- Menores declives
- Velocidade da água começa a diminuir
- Vales em forma de V aberto

**Curso Inferior**

- Junto à foz do rio
- Praticamente plano
- Baixa velocidade do escoamento
- Vales largos e pouco fundos

Curso superior

Fase da erosão  
**Desgaste**

Curso médio

Fase da erosão  
**Transporte**

Curso inferior

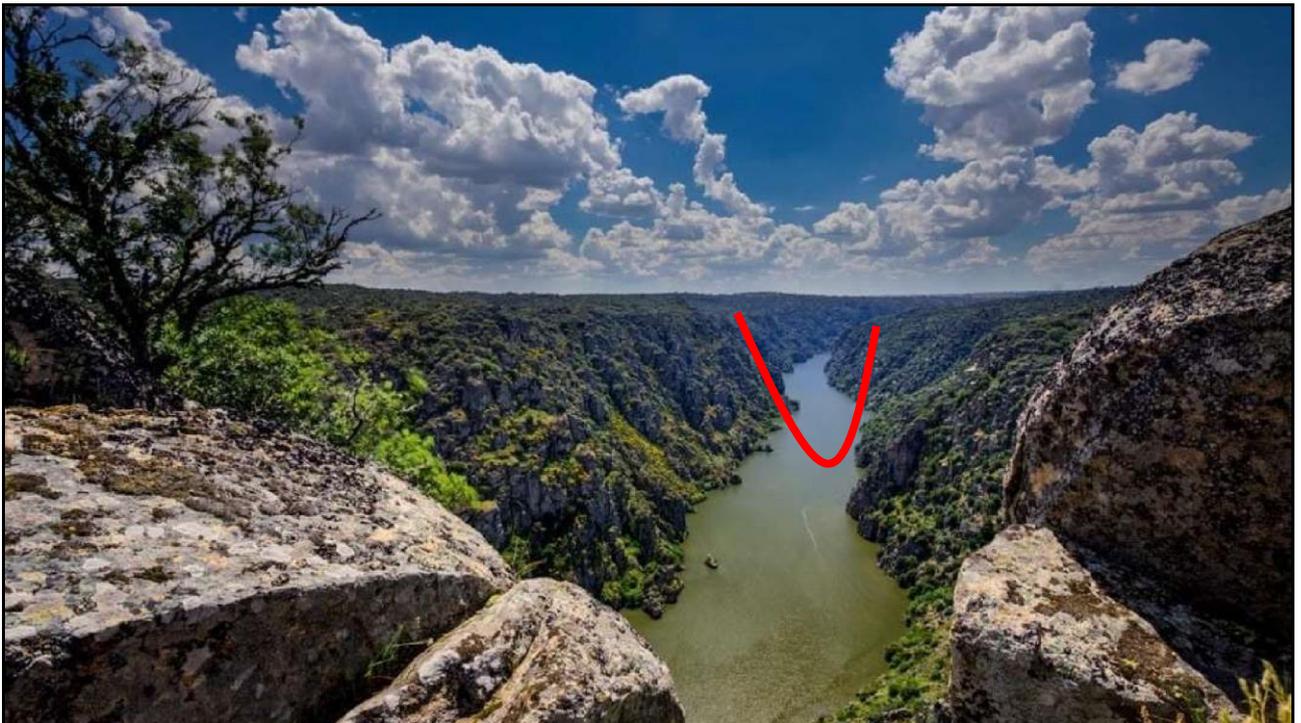
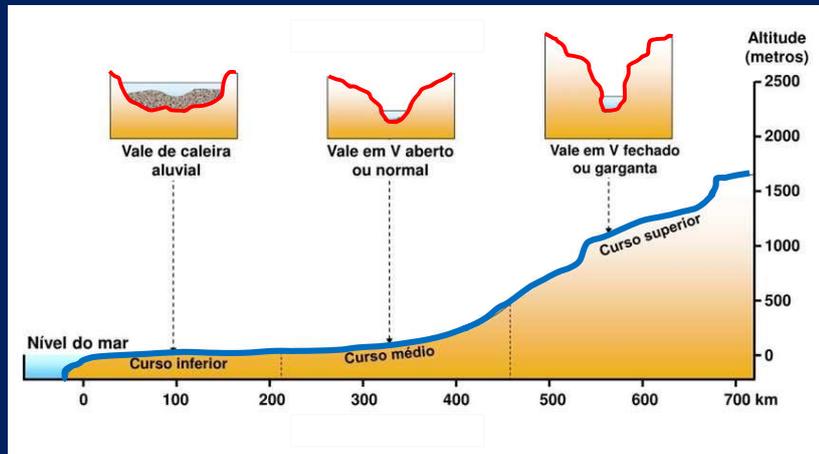
Fase da erosão  
**Acumulação**

**Perfil Transversal**

mostra-nos as características do vale numa determinada secção do rio.

**Perfil Longitudinal**

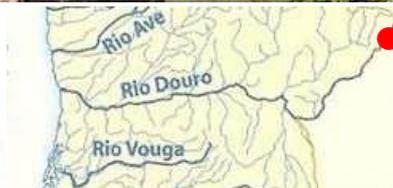
é a linha que une os pontos do fundo do leito do rio, desde a nascente até à foz.



**Curso Superior**

- Junto à nascente do rio
- Grandes declives
- Grande velocidade da água
- Vales em forma de V

Fase da erosão: **desgaste**

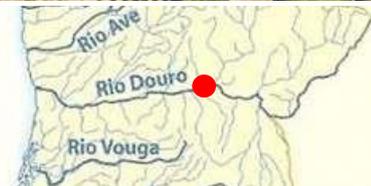
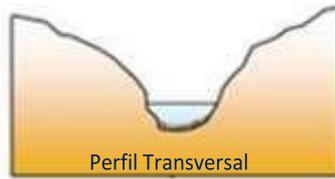




**Curso Intermédio**

- Troço intermédio do rio
- Menores declives
- Velocidade da água começa a diminuir
- Vales em forma de V aberto

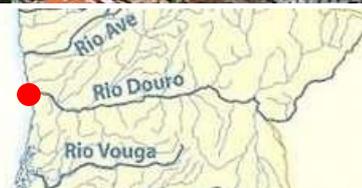
Fase da erosão: **transporte**



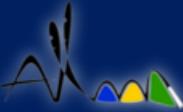
**Curso Inferior**

- Junto à foz do rio
- Praticamente plano
- Baixa velocidade do escoamento
- Vales largos e pouco fundos

Fase da erosão: **acumulação**



**Anexo X** – Apresentação PowerPoint, 1ª aula assistida (8 de fevereiro, 2022)



Agrupamento de Escola de Mira | Ano letivo 2021/2022

# Distribuição da População Mundial

Fatores que influenciam a distribuição da população

**8º Ano**

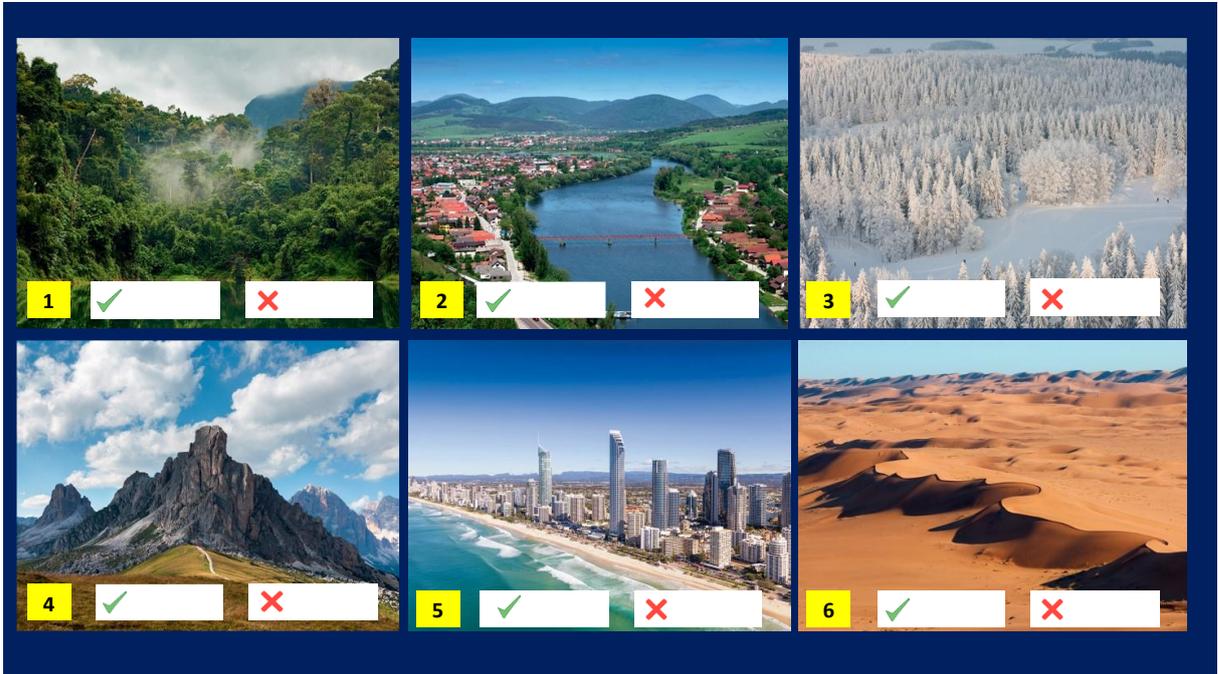
Professor: Xavier Cameijo



**OBSERVAR** as seguintes imagens

**1. Selecione um lugar onde gostaria de viver.**  
Nº: \_\_\_\_\_ Justificação: \_\_\_\_\_

**2- Selecione um lugar onde não gostaria de viver.**  
Nº: \_\_\_\_\_ Justificação: \_\_\_\_\_



Áreas com condições favoráveis à sobrevivência do ser humano

Áreas sem condições favoráveis à sobrevivência do ser humano

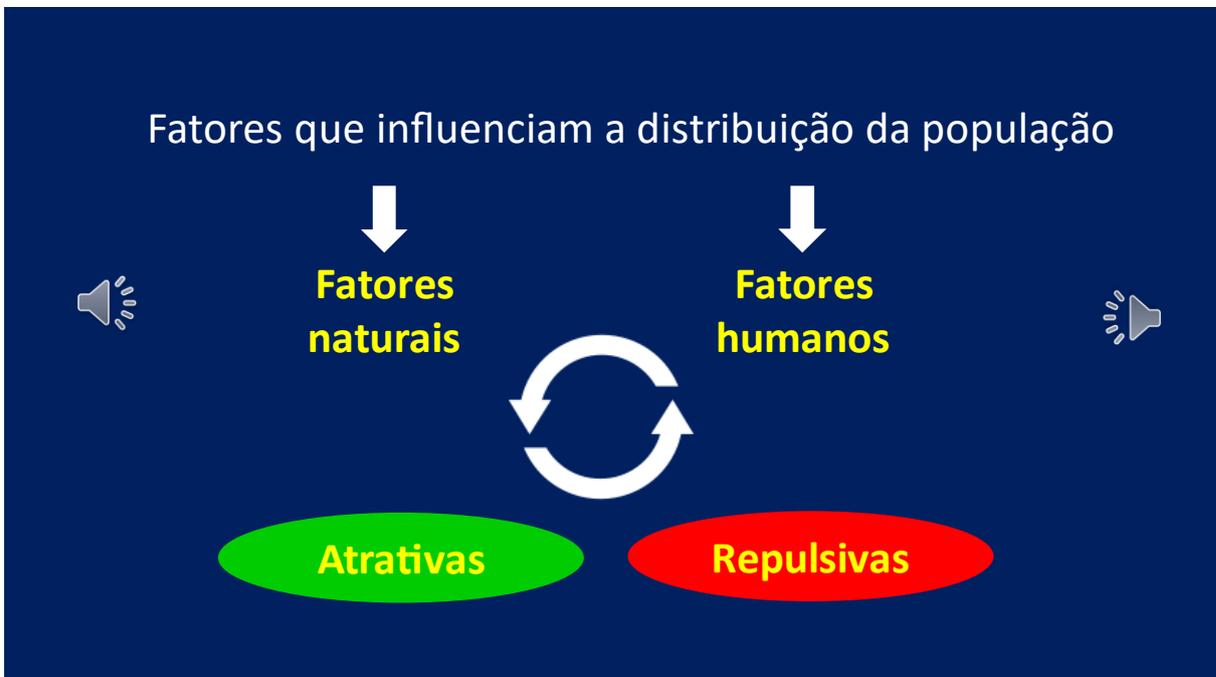
**Atrativas**

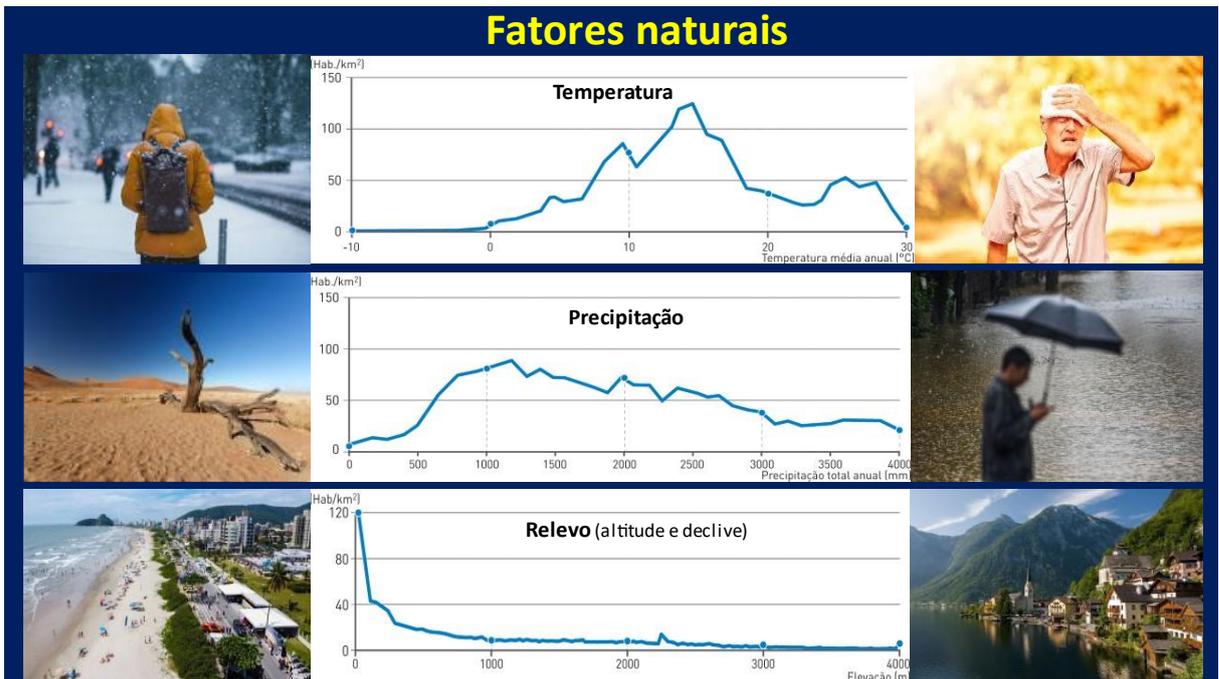
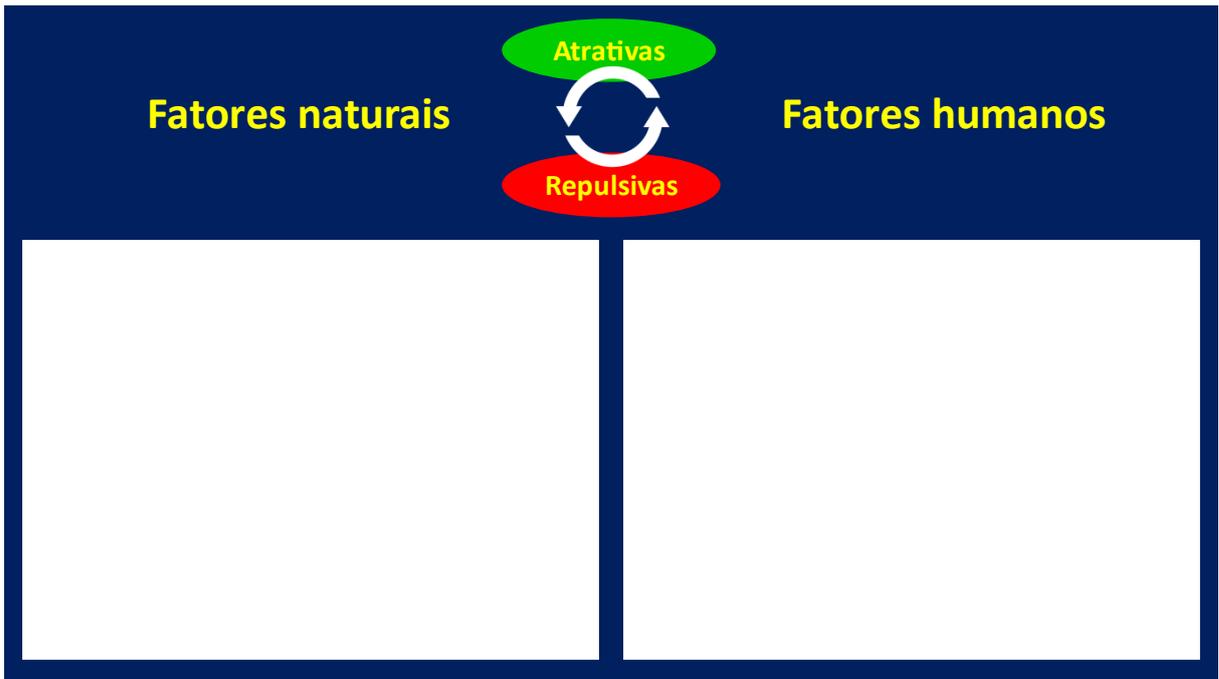
**Repulsivas**

Grandes concentrações populacionais

Vazios humanos

The diagram is set against a dark blue background. On the left, a green-bordered box contains two images: a river valley and a city skyline. Below it, the text 'Áreas com condições favoráveis à sobrevivência do ser humano' is written. A green oval labeled 'Atrativas' has a green arrow pointing down to a circular image of a large crowd of people, with the text 'Grandes concentrações populacionais' below it. On the right, a red-bordered box contains four images: a mountain peak, a forest, a desert, and a misty forest. Below it, the text 'Áreas sem condições favoráveis à sobrevivência do ser humano' is written. A red oval labeled 'Repulsivas' has a red arrow pointing down to a circular image of a snowy, mountainous landscape with a few people, with the text 'Vazios humanos' below it.







Disponibilidade de recursos do subsolo

Fertilidade dos solos

Proximidade de rios e mares

**Fatores naturais**

Densidade da vegetação



Atração pelas cidades

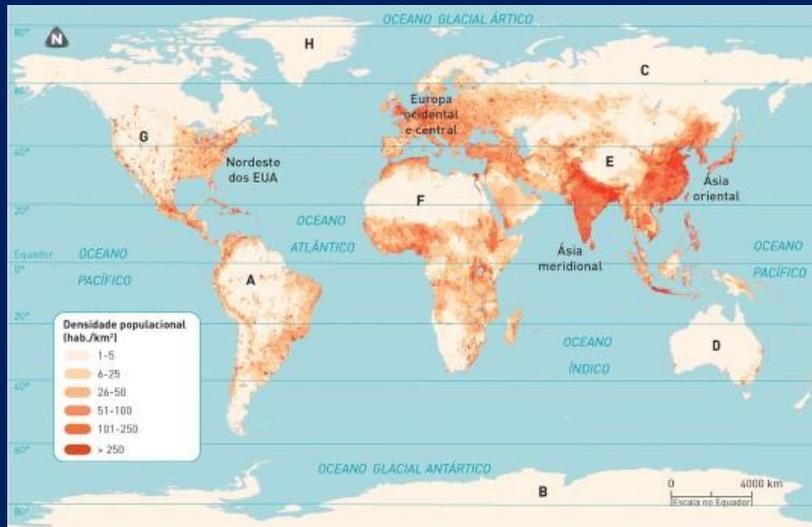
Atividades económicas e serviços

**Fatores humanos**

Passado histórico

Acessibilidades e comunicações

## Distribuição da População Mundial



### Maiores concentrações populacionais

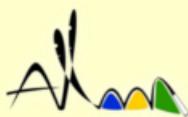
- > Nordeste dos EUA
- > Europa Ocidental e central
- > Ásia meridional
- > Ásia oriental

### Vazios humanos

- A – Amazônia
- B – Antártida
- C – Sibéria
- D – Grande deserto Australiano
- E – Himalaias e planalto do Tibete
- F – Deserto do Sara
- G – Montanhas Rochosas
- H – Gronelândia

Fonte: <http://sedac.ciesin.columbia.edu>

**Anexo XI** – Apresentação PowerPoint da 2ª aula assistida (19 de maio, 2022)



Agrupamento de Escola de Mira | Ano letivo 2021/2022

# Mobilidade da população

Causas e classificação das migrações

**8º Ano**

Professor: Xavier Cameijo

Lição nº 49

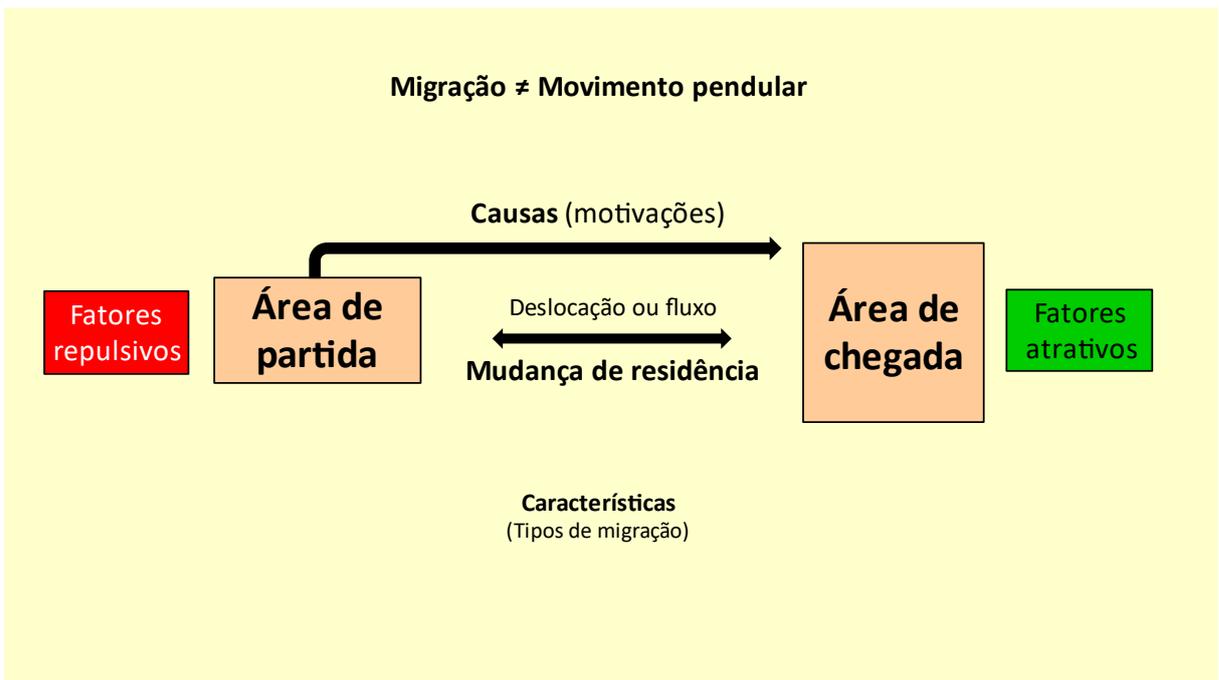
19/04/2022

## Sumário

Causas das migrações.

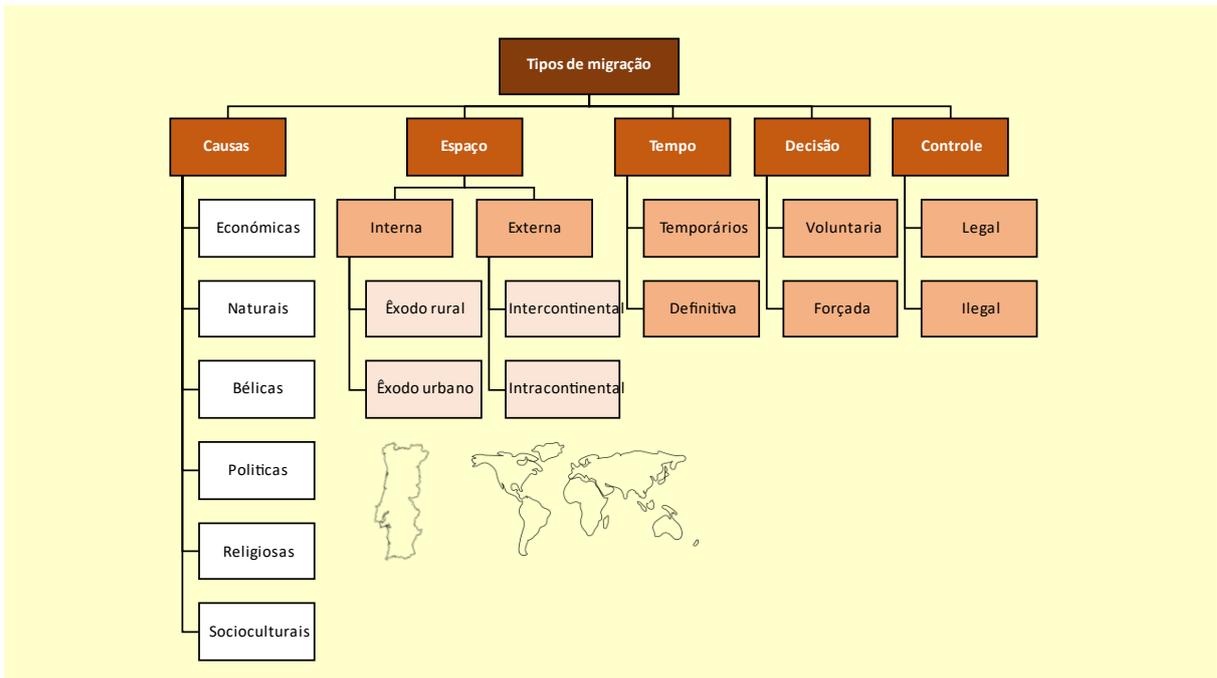
Análise da musica *"Garçonete"*, dos Deolinda.

Tipos de migração quanto ao: espaço, tempo, decisão e controle



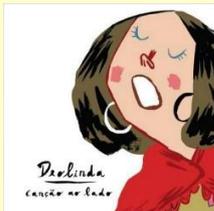
**Causas das migrações**  
(motivações)

- Socioculturais**: Image of a graduation cap and diploma.
- Económicas**: Image of various Euro banknotes.
- Naturais**: Image of an erupting volcano.
- Políticas**: Image of a hand holding several official documents.
- Bélicas**: Image of a soldier standing next to a tank.
- Religiosas**: Image of a group of people in various religious robes.



“Eu sou brasileira e já arranho o português  
 Cheguei vai para uma semana e já me viro com freguês  
 Tem feijão, fava, sardinhas, bacalhau, chouriço assado  
 E vá ficando prá noitinha, que vai se cantar o fado  
 E vá ficando prá noitinha, que vai se cantar o fado

Aiiij e quando eu escutei cantar  
 Aquele chorinho delicado  
 Deu uma vontade de pegar  
 Alguém com quem dançar o fado  
 Moça, mas ninguém dança o fado,  
 Fica sentadinho a ouvir!"  
 Puxa mas no Brasil casa de fado  
 Não seria mole assim  
 No Brasil casa de fado  
 Não seria mole assim  
 No Brasil casa de fado  
 Não seria mole assim



Grupo: Deolinda  
 Nome da musica: Garçonete  
 Ano: 2008  
 Disponível em: [Garçonete Da Casa De Fado - YouTube](https://www.youtube.com/watch?v=Garçonete Da Casa De Fado)

Aiii'.

**1. Classifique o tipo de migração quanto à:**

- > Causa/ \_\_\_\_\_
- > Espaço \_\_\_\_\_
- > Tempo \_\_\_\_\_
- > Decisão \_\_\_\_\_
- > Controle \_\_\_\_\_

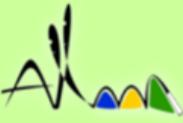
**2. Qual a(s) barreira(s)/dificuldade(s) enfrentadas pela Garçonete na área de chegada?**

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_



**Anexo XII** – Apresentação PowerPoint da 3ª aula assistida (3 de maio, 2022)



Agrupamento de Escola de Mira | Ano letivo 2021/2022

# Atividades económicas

Setores de atividade e população ativa  
**8º Ano**

Professor: Xavier Cameijo

Lição nº 53 03/05/2022

## Sumário

- Setores de atividade e população ativa.
- Fatores e padrões na distribuição espacial das atividades económicas.

As **atividades económicas** permitem exercer um **trabalho remunerado** para que a população possa satisfazer as suas necessidades

**População ativa:**

- > Conjunto de indivíduos com mais 15 anos;
- > Que exerce uma profissão remunerada;
- > Ou desempregados à procura do 1º ou do novo emprego.



**População inativa:** conjunto de indivíduos que não estão disponíveis para o trabalho.

- > Crianças;
- > Estudantes;
- > Reformados;
- > Donas de casa.



## Classificação das atividades económicas

**Setor primário**

Engloba as atividades que extraem produtos diretamente da natureza sem qualquer transformação.

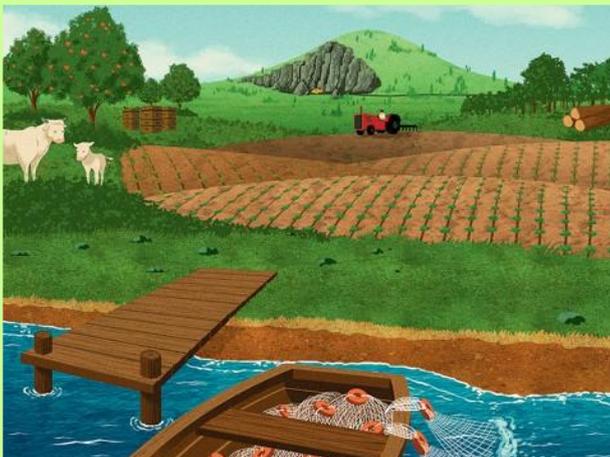
**Setor Secundário**

Engloba as atividades que transformam matérias-primas em produtos acabados ou semiacabados.

**Setor terciário**

Engloba atividades que comercializam produtos e que proporcionam serviços de apoio aos outros setores e à sociedade.

## Setor primário



### Exemplos:

- > Agricultura;
- > Pecuária;
- > Caça;
- > Silvicultura (florestas);
- > Pesca;
- > Indústria extrativa.

## Setor secundário



### Exemplos:

- > Indústria transformadora;
- > Produção e distribuição de eletricidade;
- > Captação, tratamento e distribuição de água;
- > Saneamento e gestão de resíduos;
- > Construção civil e obras públicas.

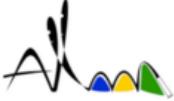
## Setor terciário



### Exemplos:

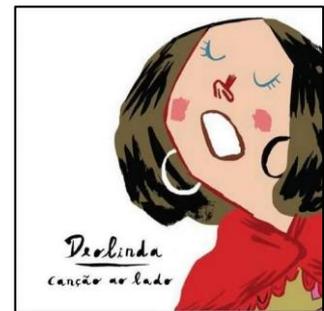
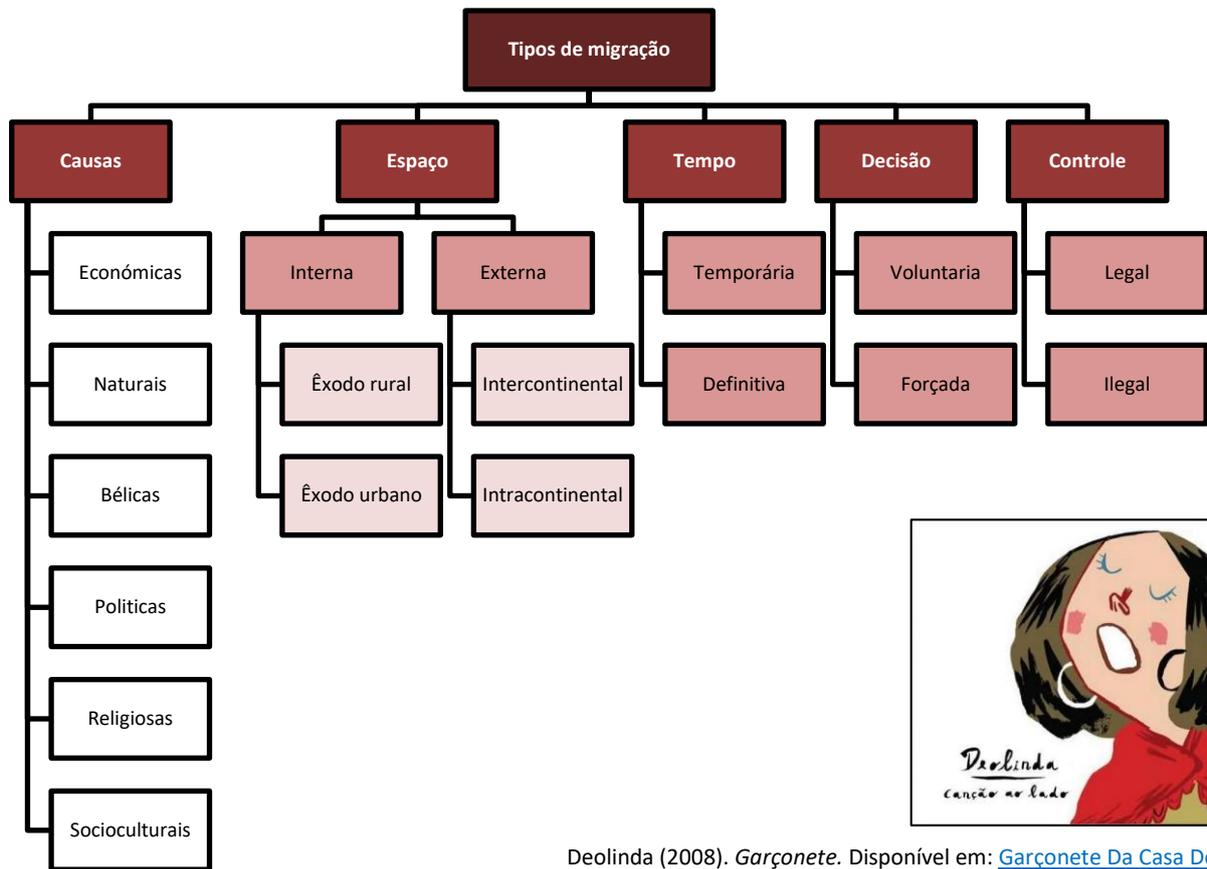
- > Comércio;
- > Transportes e armazenagem;
- > Atividades financeiras e de seguros;
- > Imobiliária;
- > Administração pública e defesa;
- > Educação;
- > Saúde e apoio social;
- > Atividades artísticas e desportivas.

**Anexo XIII – Ficha de trabalho para a 2ª aula assistida**



**Ficha de Trabalho | Geografia | 8º Ano**

Nome: \_\_\_\_\_ Nº \_\_\_\_\_ Turma \_\_\_\_\_ Professor: Xavier Cameijo



Deolinda (2008). *Garçonete*. Disponível em: [Garçonete Da Casa De Fado - YouTube](#)

“Eu sou brasileira e já arranho o português  
 Cheguei vai para uma semana e já me viro com freguês  
 Tem feijão, fava, sardinhas, bacalhau, chouriço assado  
 E vá ficando prá noitinha, que vai se cantar o fado  
 E vá ficando prá noitinha, que vai se cantar o fado  
 Aiiii, e quando eu escutei cantar  
 Aquele chorinho delicado  
 Deu uma vontade de pegar  
 Alguém com quem dançar o fado  
 Moça, mas ninguém dança o fado?  
 Fica sentadinho a ouvir!  
 Puxa mas no Brasil casa de fado  
 Não seria mole assim  
 No Brasil casa de fado  
 Não seria mole assim  
 No Brasil casa de fado  
 Não seria mole assim  
 Aiiii”.

**1. Classifique o tipo de migração quanto à/ao:**

> Causa \_\_\_\_\_

> Espaço \_\_\_\_\_

> Tempo \_\_\_\_\_

> Decisão \_\_\_\_\_

> Controle \_\_\_\_\_

**2. Qual a(s) barreira(s)/dificuldade(s) enfrentadas pela *Garçonete* na área de chegada?**

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**Anexo XIV – Questionário semiestruturado aplicado na 1ª aula assistida**



**OBSERVAR as imagens**

**1. Selecione um lugar onde gostaria de viver.**

Nº: \_\_\_\_\_

Justificação:

---

---

**2- Selecione um lugar onde não gostaria de viver.**

Nº: \_\_\_\_\_ Justificação: \_\_\_\_\_

---

Nome: \_\_\_\_\_ Nº \_\_\_\_\_ Turma: \_\_\_\_\_

**Anexo XV** – Documento com indicações e orientações concretas, disponibilizado aos alunos

Agrupamento de Escolas de Mira  
Ano letivo 2021/2022 | Geografia | 8º Ano | Professor: Xavier Cameijo

**Tema do trabalho: *Mira: o percurso entre a sombra e a luz***  
[Pode ser realizado de modo individual, em trabalho de pares ou em grupo máximo de 4]

**Objetivo:**

Observar modificações e alteração dos elementos da paisagem e identificar outros fenómenos geográficos, tendo como estudo caso o território de Mira, com recurso à fotografia.

**1ª etapa: Pesquisar**

Trabalho autónomo de pesquisa de imagens fotográficas antigas de Mira (ou freguesias envolventes), com recurso a várias fontes de informação.

**2ª etapa: Fotografar**

Depois de recolhidas, identificar o local em questão. É necessária deslocação ao local para registar fotograficamente a imagem que a paisagem apresenta no momento atual. Pretende-se com isso que essas mesmas imagens possam ser recriadas a partir de um ângulo semelhante (podem usar telemóvel para a fotografia).

**3ª etapa: Enviar**

Enviar ambas as imagens (antiga + atual) para o email: [xaviermartins@escolasdemira.pt](mailto:xaviermartins@escolasdemira.pt)

No email identificar o nome do autor(es) do trabalho, número(s) e turma.

Data de envio: prazo máximo até dia 10 de abril de 2022.

**4ª etapa: Analisar**

Em sala de aula, colocar algumas imagens lado a lado, de modo a desenvolver trabalho geográfico de observação indireta numa perspetiva diacrónica da paisagem, para descrever e explicar fenómenos geográficos presentes na leitura visual desse território.

Exemplo do que se pretende: recriar fotografias a partir do mesmo ângulo.



Fonte: Belo, Duarte (2012). Portugal – Luz e Sombra, O País de Orlando Ribeiro. Círculo de Leitores/Tema e Debates. 320 pp.

Professor: *Xavier Cameijo*

**Anexo XVI – Quadro de Referência para a realização da proposta didática (avaliação formativa)**

Objeto de Avaliação	Referentes	Critérios	Indicadores
Trabalho: Mira – o percurso entre a sombra e a luz	Externos  Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória	Informação e comunicação	Domina instrumentos de pesquisa
			Seleciona a informação
			Recolhe informação suficiente
			Cumpre o prazo de entrega
		Autonomia	Realiza tarefas de modo autónomo
			Ajusta métodos às necessidades
			Invoca o autoconhecimento
			Demonstra empenho
	Cooperação	Respeita a opinião dos outros	
		Contribui para o trabalho de grupo	
		Trabalha ativamente em equipa	
		Promove a participação de todos	
	Internos  Critérios de avaliação considerados no Agrupamento de Escolas de Mira.	Reflexão	Analisa a informação
			Relaciona os temas
			Discute ideias
			Apresenta soluções
Saber científico		Utiliza linguagem técnica e científica	
		Reconhece os conceitos	
		Explica fenómenos e processos	
		Categoriza o saber	

**Anexo XVII** – Instrumento de observação para avaliar o desempenho na atividade

Nome do aluno: _____ Nº _____ Turma: _____ 8º Ano				
Itens a avaliar	Descritores de desempenho			
	Avaliação			
	Na meta!	Quase lá...	Estou a caminho!	Já comeci, mas...
Domina instrumentos de pesquisa				
Seleciona a informação				
Recolhe informação suficiente				
Cumpre o prazo de entrega				
Realiza tarefas de modo autónomo				
Ajusta métodos às necessidades				
Invoca o autoconhecimento				
Demonstra empenho				
Respeita a opinião dos outros				
Contribui para o trabalho de grupo				
Trabalha ativamente em equipa				
Promove a participação de todos				
Analisa a informação				
Relaciona os temas				
Discute ideias				
Apresenta soluções				
Utiliza linguagem técnica e científica				
Reconhece os conceitos				
Explica fenómenos e processos				
Categoriza o saber				

**Anexo XVIII – Ficha de trabalho guia na observação indireta**

**Ficha de Trabalho | Mira: o percurso entre a sombra e a luz | Geografia | 8º Ano | 2021-2022**

Nome: \_\_\_\_\_ Nº \_\_\_\_\_ Turma \_\_\_\_\_ Professor: Xavier Cameijo

**Observação indireta e modificação na paisagem**

**Imagem 1**

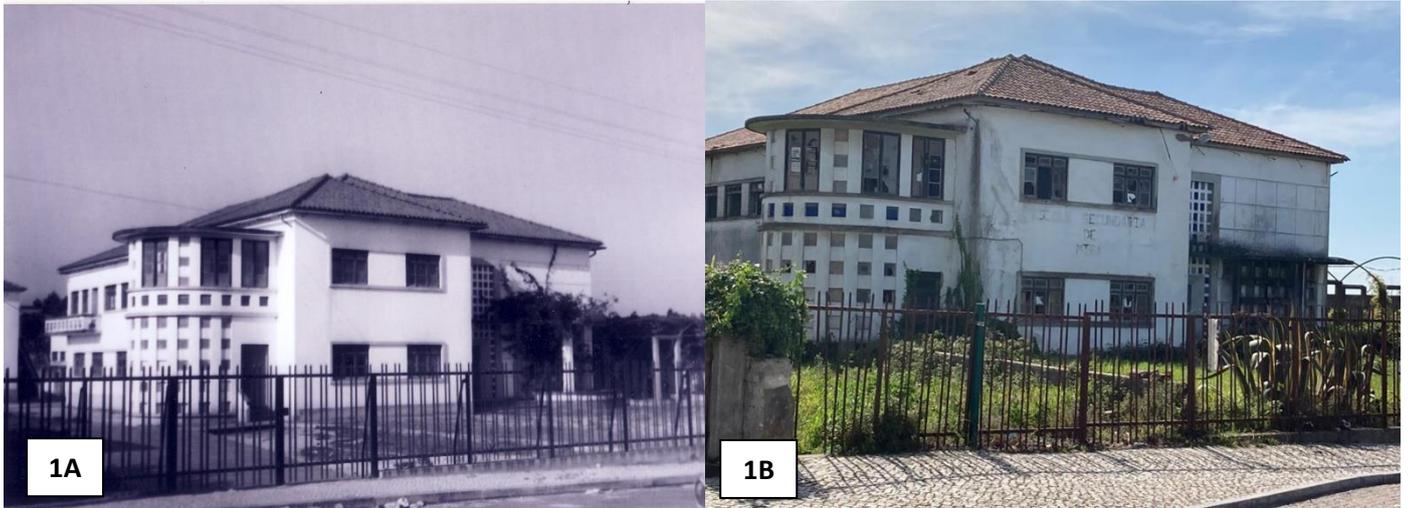


Imagem 1A: Pesquisa e recolha dos alunos Beatriz Rico, Gil Félix e Sofia Castelhana, 8ªA  
Imagem 1B: Sofia Pires, 8ªA

**1. Elementos ou alterações na paisagem:**

1.1. Quais surgiram?

\_\_\_\_\_

1.2. Quais desapareceram?

\_\_\_\_\_

**2. Processos geográficos identificados na evolução da paisagem:**

2.1. O que se alterou no uso do espaço?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**3. A transformação que ocorreu na imagem, quanto à atratividade, tornou-a numa paisagem: mais atrativa ou mais repulsiva? Porquê?**

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

## Imagem 2



Imagem 2A: Pesquisa e recolha dos alunos Beatriz Rico, Gil Félix e Sofia Castelhana, 8ºA  
Imagem 2B: Sofia Pires, 8ºA

### 1. Elementos ou alterações na paisagem:

1.1. Quais surgiram?

---

1.2. Quais desapareceram?

---

### 2. Processos geográficos identificados na evolução da paisagem:

2.1. O que se alterou no ordenamento do território?

---

---

2.2. Características e funções dos edifícios?

---

---

3. A transformação que ocorreu na imagem, quanto à atratividade, tornou-a numa paisagem: mais atrativa ou mais repulsiva? Porquê?

---

---

---

---

---

### Imagem 3



Imagem 3A: Pesquisa e recolha do aluno Alexandre Vasconcelos, 8ºB

Imagem 3B: Iris Correia, 8ºB

#### 1. Elementos ou alterações na paisagem:

1.1. Quais surgiram?

---

1.2. Quais desapareceram?

---

#### 2. Processos geográficos identificados na evolução da paisagem: o que se alterou em termos de atividades económicas

2.1. Qual a atividade económica predominante na imagem da imagem 3A?

---

2.2. Qual a atividade económica predominante na imagem da imagem 3B?

---

#### 3. A transformação que ocorreu na imagem, quanto à atratividade, tornou-a numa paisagem: mais atrativa ou mais repulsiva? Porquê?

---

---

---

---

---

**Anexo XIX** – Inquérito para avaliar a satisfação e os resultados da aplicação didática**Avaliar o grau de satisfação****(X)**

Como avalia a informação e o conhecimento adquirido com este exercício?

<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>
Insuficiente	Suficiente	Bom	Muito bom	Excelente

Qual a importância que a utilização e observação de imagens apresenta na construção do conhecimento geográfico?

<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>
Sem importância	Pouco importante	Importante	Muito importante	Essencial

No futuro, gostaria de voltar a realizar um exercício semelhante?

<b>Sim</b>	
<b>Não</b>	

**Anexo XX** – Exposição foto(geo)gráfica: *Mira – o percurso entre a sombra e a luz*

